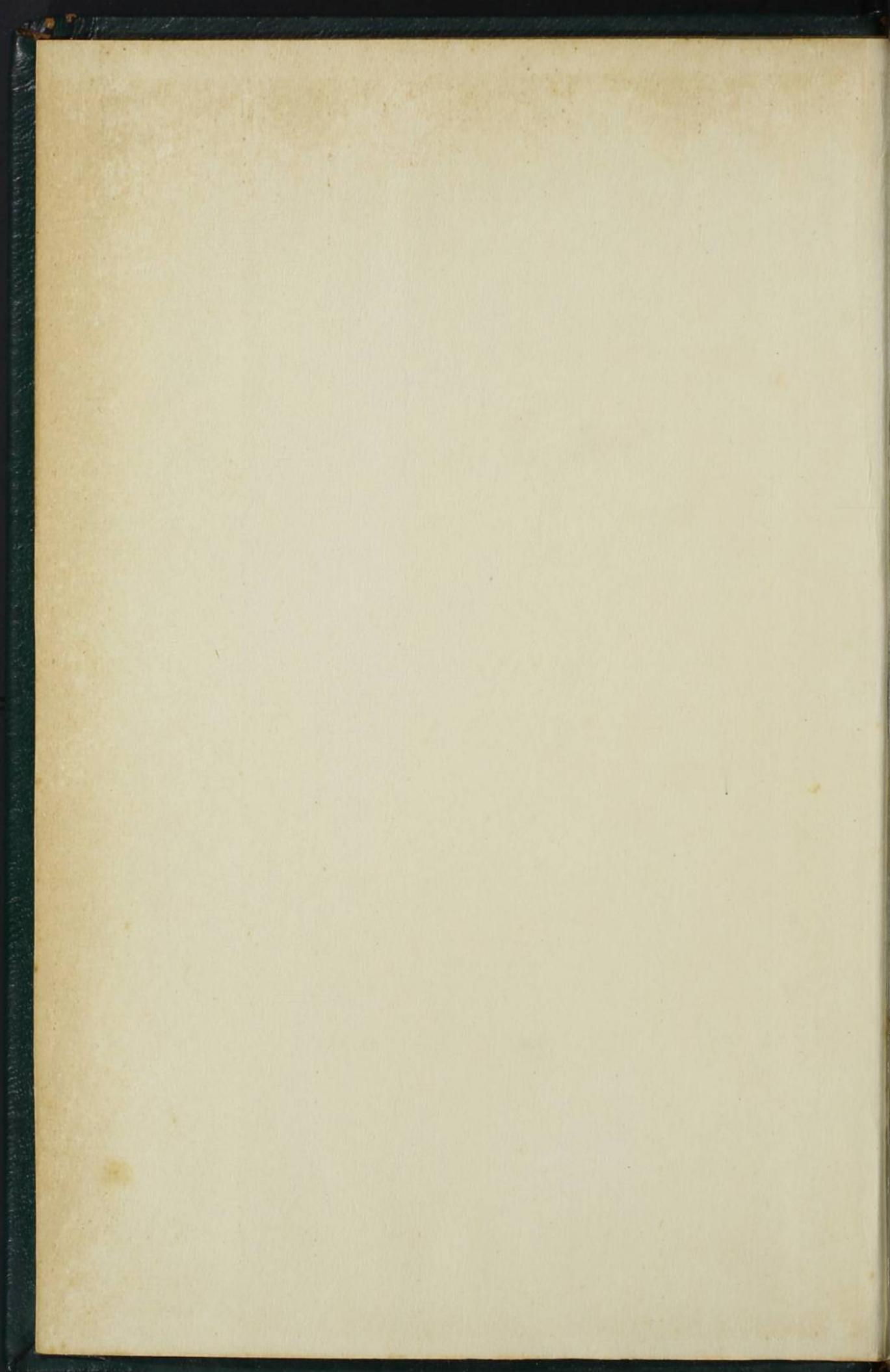
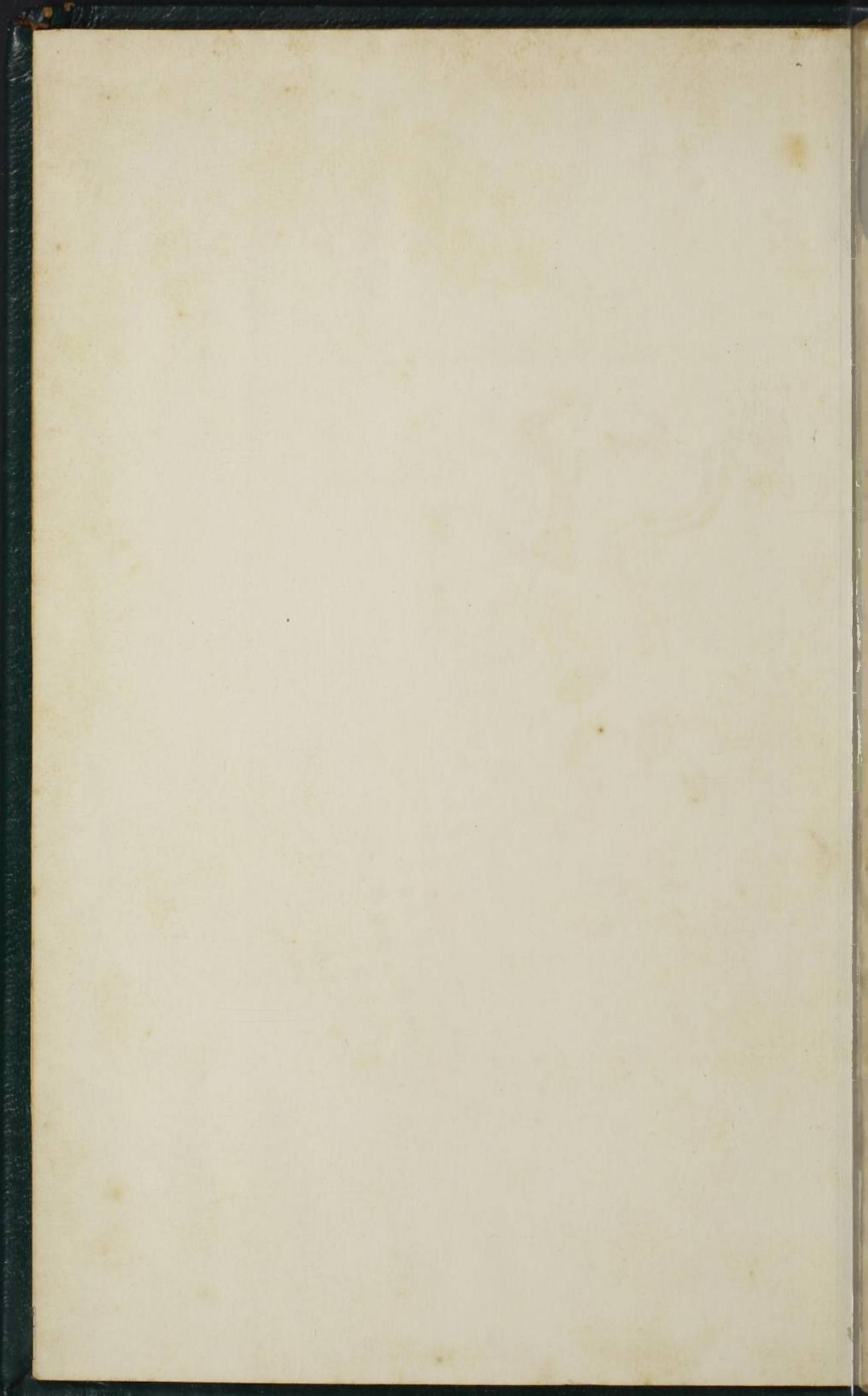


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





Cahetes

romance



Graciliano Ramos

SCHMIDT ..

**LIVRARIA
SCHMIDT**

TR. DO OUVIDOR, 27
RIO DE JANEIRO



Algumas edições:

O PAIZ DO CARNA-
VAL (2.^a ed.) — Jor-
ge Amado.

A MULHER QUE FU-
GIU DE SODOMA
(3.^a ed.) — José Ge-
raldo Vieira.

CATHOLICISMO E
PROTESTANTISMO
— P. Leonel Franca,
S. J.

AMORES DA VELHA
GUARDA — Alcibia-
des Delamare.

CLUB DAS ESPOSAS
ENGANADAS — Ri-
beiro Couto.

NA REVOLUÇÃO DE
30 — Cel. E. Leitão de
Carvalho.

Meu caro Pio:

Recebi, com o artigo do Gries,
a sua carta, que me despertou
do tempo em que fazia artigos
e topicos para o jornal. Muito
obrigado pela sua lembrança. Pio.
O Gries escreveu coisas ~~que~~
me espantaram. Infelizmente a
opinião delle não subiu com a
dos literatos da terra: estes

CAHETÉS

continuam a julgar-me uma besta.
É o diabo. A gente não pode ser
agradavel a todo. Estou com você:
tambem não tenho tido noticia do
Jornal de Alagoas. Presumo que a
redacção ainda é ali na Boa-Vista,
mas não tenho apparecido por lá.
Adeus, meu caro Pio. Receba
um grande abraço de

Franciliano Junb

10-2-1934

D O A U T O R :

CAHETÉS — romance

A s a i r :

S. BERNARDO — romance

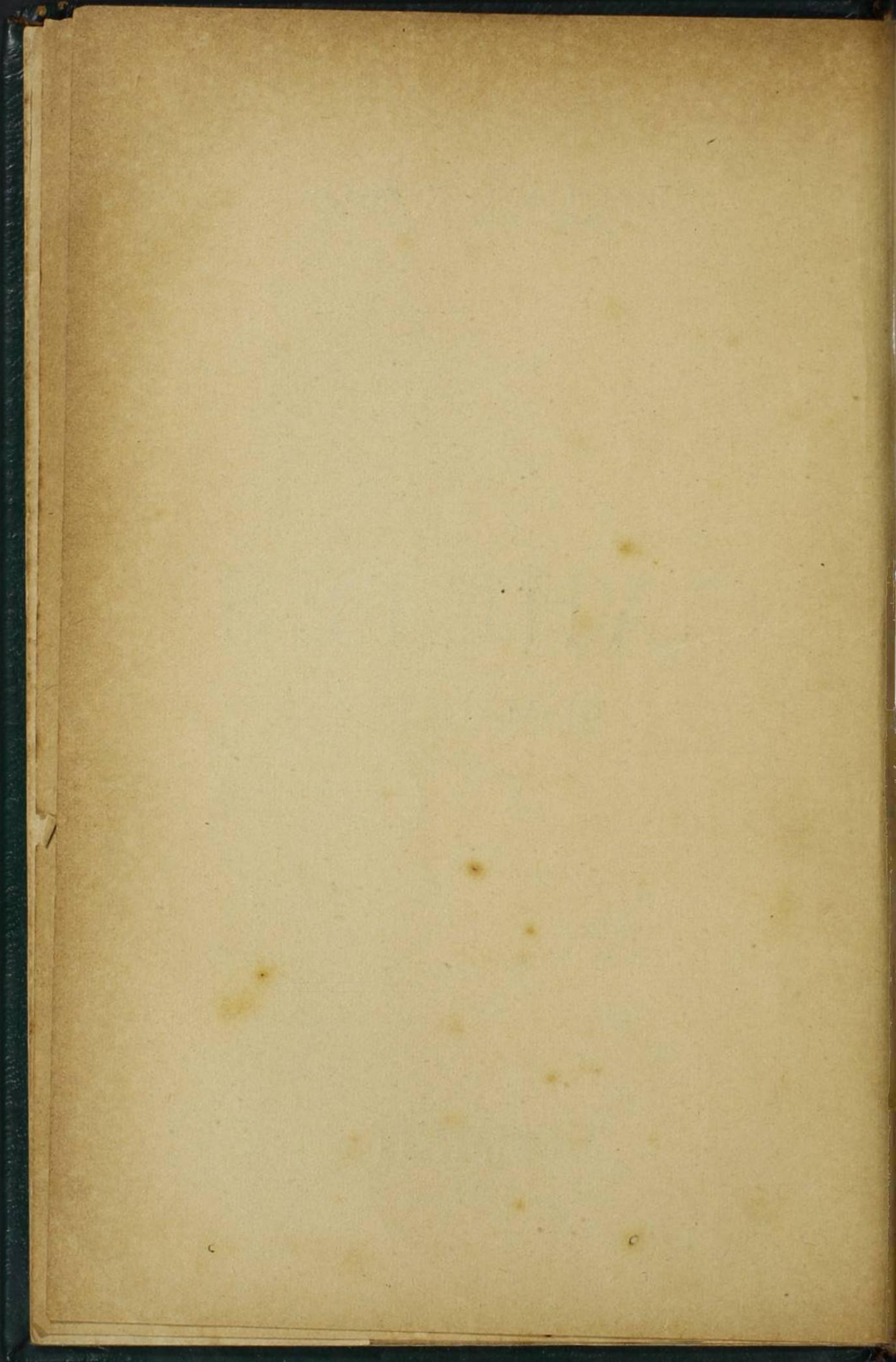
GRACILIANO RAMOS

CAHETÉS

ROMANCE

SCHMIDT

— 1933 —



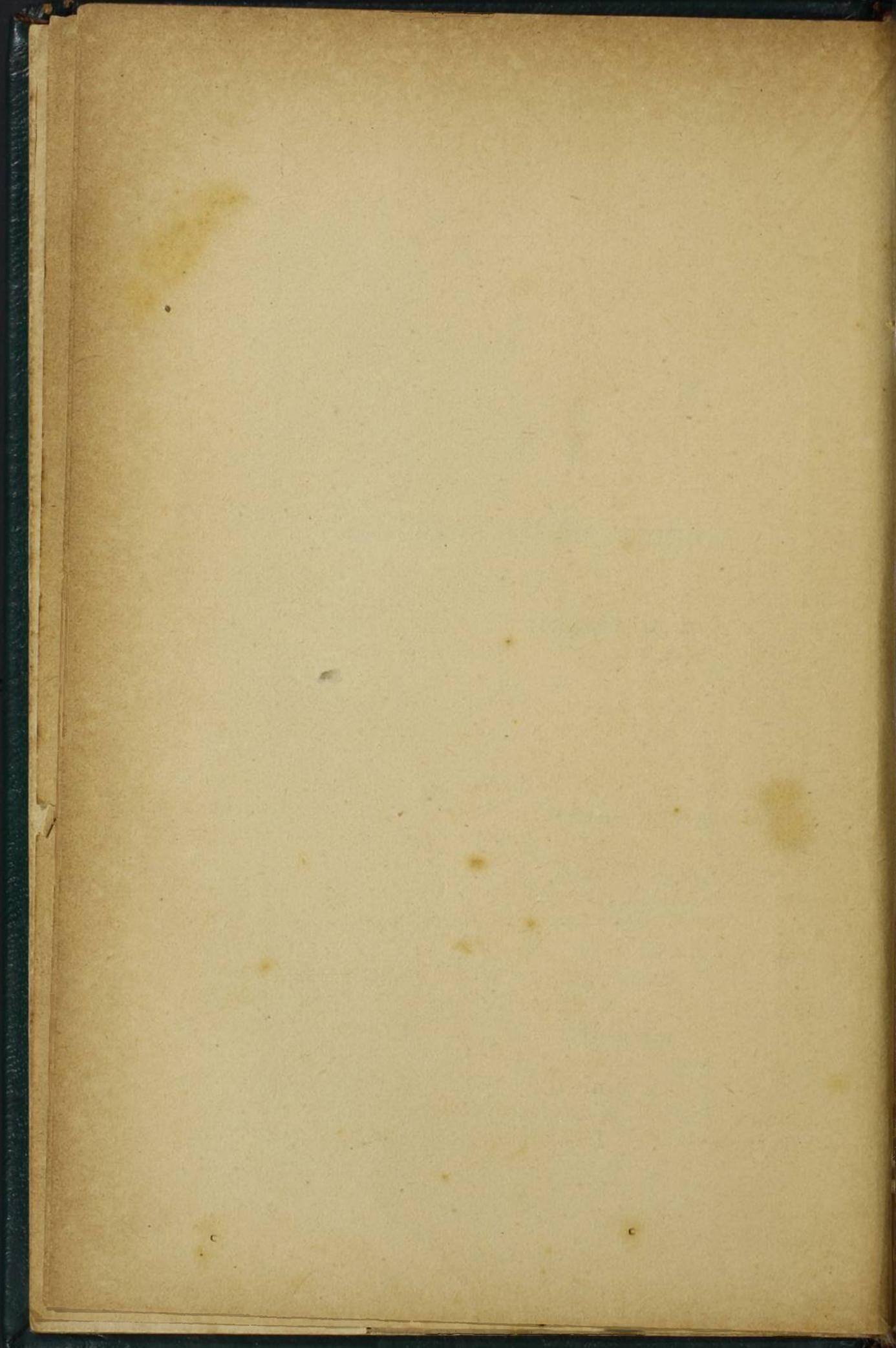
A

AIBERTO PASSOS GUIMARÃES

JORGE AMADO

e

SANTA ROSA.



I

Adrião, arrastando a perna, tinha-se recolhido ao quarto, queixando-se duma forte dor de cabeça. Fui collocar a chicara na bandeja. E dispunha-me a sahir, porque sentia acanhamento e não encontrava assumpto para conversar.

Luiza quiz mostrar-me uma passagem no livro que lia. Curvou-se. Não me contive e dei-lhe dois beijos no cachaco. Ella ergueu-se, indignada:

— O senhor é doido? Que ousadia é essa? Eu...

Não pode continuar. Dos olhos, que deitavam faiscas, saltaram lagrimas. Desesperadamente perturbado, gaguejei tremendo:

— Perdoe, minha senhora. Foi uma doidice.

— E' bom que se vá embora, gemeu Luiza com o lenço no rosto.

— Foi uma tentação, balbuciei suffocado, agarrando o chapéo. Se a senhora soubesse... Tres annos nisto! O que tenho soffrido... por sua causa... Não volto aqui. Adeus.

Retirei-me anniquilado. Na rua considerei com asombro a grandeza do meu atrevimento. Como fiz aquillo? Deus do céo! Lançar em tamanha perturbação uma

criaturinha delicada e sensível! Tive raiva de mim. Animal estúpido e lubrico.

E que escandalo! Misericórdia! Naturalmente ella avisaria o marido. Adrião Teixeira com certeza ia dizer-me: "Você, meu filho, não presta." E mandaria balancear a casa Teixeira & Irmão, onde eu era guarda-livros e interessado, para afastar-me da sociedade. O inventario é rapido num estabelecimento que só vende aguardente, alcool e assucar. Victorino Teixeira, acavallando os oculos de ouro no grosso nariz vermelho, abria o cofre, contaria o meu saldo com lentidão e, pondo o dinheiro sobre a carteira, deixaria cahir, naquella voz morosa e nasal, que dá arrepios, este epilogo arrasador: "Tome lá, João Valerio, veja se confere. Nós julgavamos que o Valerio fosse homem direito. Enganámo-nos: é um traste." E eu sahiria escorraçado, morto de vergonha.

Segredo que quatro pessoas sabem transpira: alguma coisa havia de propalar-se na cidade. D. Engracia, teceria mexericos; o Neves forjaria uma calúnia; Nicolau Varejão narraria mentiras espantosas. Assim pensando, eu experimentava um grande mal estar, menos pelos dissabores que as chocalhices me trariam que por antever misturado a ellas o nome de Luiza.

Eu amava aquella mulher. Nunca lhe havia dito nada, porque sou tímido, mas á noite fazia-lhe sózinho confidencias apaixonadas e passava uma hora, antes de adormecer, a acaricial-a mentalmente. Até certo ponto isto bastava á minha natureza preguiçosa.

As quintas e aos domingos ia aos chás de Adrião. Ficavamos tempo estirado cavaqueando — e era para mim um verdadeiro prazer tomar parte em duas conversações cruzadas sobre moda e cambio. Algumas vezes Luiza falava de contos, versos, novellas. O marido ferrava no somno. Ou então, com enormes bocejos, lá se ia claudicando, a lamentar que a enxaqueca não lhe

permittisse saborear um enredo tão philosophico. Elle entendia bem de commercio; o resto era philosophia.

Quando vinha o advogado Barroca, serio, cortez, bem aprumado, a sala se animava. Tambem apparecia com frequencia o tabellião Miranda, Miranda Nazareth, jogador de xadrez, com a filha, a Clementina. E o vigario, o Dr. Liberato, Isidoro Pinheiro, jornalista, pequeno proprietario, collector federal, typo excellente. Luiza, ao piano, divagava por trechos de operetas; Evaristo Barroca, com os olhos no livro de musica, tocava flauta.

Uma extranha doçura me invadia, dissipava os aborrecimentos que fervilhavam nesta vida pacata, vagorosamente arrastada entre o escriptorio e a folha hebdomadaria de padre Athanasio. Os velhos moveis, as paredes altas e escuras, quadros que não se distinguiam na claridade vaga das lampadas de abat-jour espesso, que uma rendilha pardacenta reveste, tudo me dava socego. Fugiam-me os pensamentos e os desejos. A religiosidade de que a minha alma é capaz ali se concentrava, diante de Luiza, emquanto, entranhados nas combinações de partidas rancorosas, Adrião grunhia impertinente e Nazareth piscava os olhinhos de palpebras engelhadas, coçava os quatro pêlos brancos que lhe ornão o queixo agudo. Victorino dormia. E Clementina, de cabeça á banda, procurava os cantos e esfregava-se nas hombreiras das portas.

Coitada! Nunca achou quem a quizesse. Tenho pena della. Não a tornaria a ver encolhida á sombra do piano, fascinada pelos bigodes de Evaristo, negros e densos. Nem veria as cortinas pesadas, os montes de revistas, a mesa do xadrez. Tudo perdido.

Percorri á toa as ruas desertas, envoltas num luar baço, tentando achar tranquillidade no pó e no calor de

Janeiro. Mais tarde, na hospedaria de D. Maria José, corti uma insomnia atroz, rolei horas no colchão duro, ouvindo os roncões dos companheiros de casa e conjecturando o que me iriam dizer no dia seguinte os irmãos Teixeira.

Não disseram nada que se referísse ao desastroso successo. Logo que abri o diário, com mão tremula, tão perturbado que receei baralhar as partidas, Adrião chegou-se á minha carteira, folheou o contas-correntes, mexeu os dedos, calculando, e ordenou:

— Escreva a D. Engracia, João Valerio.

Sahiu-me um peso do coração.

— Escreva que o que tem cá em deposito está ás ordens, pode mandar receber.

— E que se quizer deixar por mais um anno... atalhou Victorino.

— Não senhor, fez Adrião. Apenas isto: principal e juros á disposição della. E dê a entender na carta que não nos interessa a renovação do negocio.

— Mas interessa muito, exclamou Victorino mostrando o caixa. O mano sabe que interessa. Olhe estas entradas.

— De accordo, concluiu o outro. Se ella mandar retirar, que não manda, offereça quinze por cento em vez dos doze que pagamos. Não retira, não tem em que empregar capital. Levou muito calote ultimamente, os generos estão caros, a febre aphtosa deu no gado. Não retira.

Por um instante esqueci as minhas inquietações e

admirei o tino de Adrião. Não serei um commerciante nunca. Eu teria, inconsideradamente, mandado propôr os quinze por cento a D. Engracia.

Fiz a carta com inveja. Ora ali estava aquella viuva antipathica, podre de rica, morando numa casa grande como um convento, só se occupando em ouvir missa, commungar e rezar o terço, augmentando a fortuna com avareza para a filha de Nicolau Varejão. E eu, em mangas de camisa, a estragar-me no escriptorio dos Teixeira, eu, moço, que sabia metrificacão, vantajosa prenda, collaborava na *Semana* de padre Athanasio e tinha um romance começado na gaveta. E' verdade que o romance não andava, encrencado miseravelmente no principio do segundo capitulo. Em todo o caso sempre era uma tentativa.

Quinhentos contos, seiscentos contos, nem sei, dinheiro como o diabo nas mãos duma velha inutil! E a afilhada, a Martha Varejão, beata e sonsa, é que ia apanhar o cobre. Mundo muito mal arranjado!

Arrumei as contas no diario, escripturei o razão, passei os lançamentos do borrador para os livros auxiliares. Pouco a pouco vieram affligir-me as preocupações da vespera. Luiza guardara segredo. Provavelmente confessaria tudo depois. Senti uma especie de frenesi. Quasi desejei que ella falasse e que os Teixeira me mandassem logo embora.

Afinal eu não tinha culpa. Tão linda, branca e forte, com as mãos de longos dedos bons para beijos, os olhos grandes e azues... De Adrião Teixeira, um velhote calvo, amarello, rheumatico, encharcado de tisanas! Outra injustiça da sorte. Para que servia homem tão combalido, a perna tropega, cifras e combinações de xadrez na cabeça? Eu, sim, estava a calhar para marido della, que sou desempenado, goso saude e arranho literatura. Nova e bonita, casada com aquillo, que desgraça!

I I I

Passei uma semana inquieto, e na quinta-feira não tive um momento de socego. Ao fechar o armazem, Adrião despediu-se de mim:

— Até mais tarde, João Valerio.

Até mais tarde! Como se eu pudesse lá voltar! Precisava inventar uma desculpa.

Encontrei os companheiros de pensão a jantar, sob o sorriso de D. Maria José, gordinha e miuda.

— Uma novidade! gritou Paschoal quando desdobrei o guardanapo. A Clementina vai casar.

Era a eterna pilheria: não se cançavam de forjar casamentos para a pobre da Clementina.

— Quem é o noivo? inquiriu o Dr. Liberato erguendo os grossos vidros das suas lunetas de myope.

— Não se sabe, respondeu Paschoal. Foi um espirito que deu a noticia na ultima sessão. Clementina ficou actuada...

— Então isso continua? interveio Isidoro Pinheiro. Essas sessões têm dado agua pela barba a padre Athanasio. Ainda hontem estava arengando com o Neves por causa das materializações.

Falaram de espiritismo, de pessoas conhecidas que se desgarravam da Igreja. Aqui e ali appareciam timidamente alguns adeptos. Na opinião do Dr. Liberato,

eram elles os verdadeiros crentes: tinham uma convicção que faltava aos outros.

— Crentes? exclamou Paschoal. Então o Neves é crente?

— Com certeza. Não é o chefe dessa mixórdia?

— Um safado é o que elle é.

— E que tem isso? fez o doutor.

Interrompeu-se, engulindo o pigarro. Isidoro Pinheiro endireitou-se, ia de certo defender o Neves, quando Nicolau Varejão entrou na sala:

— Espiritismo? E' a unica verdade que ha neste mundo.

— Como é que o senhor sabe? perguntaram.

— Pelos sonhos. Coisa que eu sonho é um evangelho. Não falha, nunca falhou. Assim que enivrei... Nem gosto de pensar, é um caso triste. E aqui para nós: eu me lembro da minha ultima encarnação.

— O senhor se lembra... atalhou Paschoal.

— Positivamente. Sou reservado porque ha muito incredulo, mas juro, metto a mão no fogo.

— Extraordinario! bradou Isidoro Pinheiro, serio, offerecendo-lhe uma cadeira. O senhor era homem ou mulher?

Nicolau Varejão olhou-o por cima dos oculos de vidros rachados, sentou-se, franziu as narinas, disse em tom confidencial:

— Homem.

— Brasileiro?

— Brasileiro, carioca. Como os amigos não ignoram, lembrar-se a gente do que foi em outra vida é commum. E eu appello aqui para o doutor.

— Certamente, confirmou o Dr. Liberato. Vá contando.

— Pois lá vai. Eu era typographo no Rio de Janeiro, um bom typographo, mas naquelle tempo a minha vocação era para militar. Na guerra do Paraguay

fui voluntario, entrei na dança e andei pelo sul quasi até o fim da campanha. Como tinha vocação...

— Chegou a general?

— Não senhor, cheguei a sargento, na batalha de S. Bartholomeu. S. Bartholomeu ou S. Bonifacio. Não me recordo, uma batalha importante. Emfim cheguei a sargento. Ora, por arte do diabo, um official puxou questão commigo e tirou a espada para me bater no lombo. E cá no meu lombo ninguem bate. Matei o official com uma estocada, porque eu era feroz e fugi para a Republica Argentina. Depois larguei-me para a Europa, para a sua terra, seu Paschoal. Não é na Europa a sua terra?

— E' isso mesmo. Continue.

— Pois eu estive lá, numa cidade grande. Onde foi que o senhor nasceu?

— Em Turim.

— Turim, exactamente. Morei trinta annos em Turim e ganhei o pão como typographo. Não ha uma typographia em Turim? Aprendi o italiano. Ainda sei algumas palavras: *Marconi, macarroni, massoni*... Tudo em italiano acaba em *oni*. Terra boa, Turim. Cada pedaço de mulher!

— Morreu lá? perguntou o Dr. Liberato.

— Não, tive saudades da patria. Voltei quando o crime prescreveu.

Em roda louvaram aquella memoria admiravel.

— O senhor devia publicar isso, aconselhou Isidoro Pinheiro. Era um furo.

— Publicar? Não seria mau. A difficuldade é escrever. Idéas não me faltam, mas de gerundio não entendo. Demais onde queria você que se fosse publicar uma historia assim? No jornal dum padre?

Todos lamentaram que a *Semana*, folha catholica, não pudesse propagar aquella revelação tremenda.

— Que informações preciosas sobre a historia do Brazil! opinou o Dr. Liberato.

— Que triumpho para o espiritismo! E que baque para as outras religiões! ajuntou Paschoal.

— Sem contar que a reputação do auctor garantiria a veracidade do facto, accrescentou Isidoro. A sua vida... Diga ahi um adjectivo, doutor.

— Impolluta...

— Impolluta... vá lá, vida impolluta. Que idade tem o senhor, seu Varejão?

— Sessenta, meu filho. Sessenta annos na corcunda. Tenho muito Janeiro.

— Como! bradou o Dr. Liberato. Sessenta annos? Não é possivel. Setenta com trinta... Caso o senhor tenha morrido e nascido logo que voltou da Italia, não póde ter mais de vinte e seis. E se ainda viveu algum tempo e andou vagando no espaço... Não é por lá que vocês andam quando morrem? Se se calcular isso direito, o senhor está morto, seu Varejão.

Uma gargalhada estalou na sala. Nicolau Varejão, que ia pegar uma chicara de café, deixou pender a mão suja e embatucou. Depois, resentido:

— Então, pelo que vejo, não acreditam.

— Acreditar? Acreditamos, affirmou o doutor. Mas sessenta annos é que o senhor não tem.

Nicolau baixou o carão trigueiro, coberto de marcas de variola, ageitou os oculos, tomou o café e declarou com lealdade:

— Parece que me enganei. Não foi na guerra do Paraguay, foi noutra mais velha. Não houve outra antes? Pois foi nessa. Tinha graça eu esquecer o que me aconteceu no exercito! Eu até me chamava Cunha, o sargento Cunha. Está ahi uma prova.

Levantou-se e sahiu.

— Magnifico! exclamou Isidoro Pinheiro.

— E a filha é a herdeira mais rica da cidade, se a

D. Engracia lhe deixar a fortuna, observou o Dr. Liberato.

— Deixa, asseverou Isidoro. O Miranda me disse. O Miranda sabe. Herdeira rica, sim senhor. Porque não se engata com ella, João Valerio?

— Obrigado, respondi. Com um pae deste! E a carolice, os bentinhos, a fita azul... Antes a Clementina.

— O pae não existe, o pae está morto, pelas contas do doutor. A pequena é da D. Engracia, nunca viveu com elle. Bonita como o diabo. Eu, se não tivesse trinta e oito annos, um emprego tão besta, e um desconchavo no coração, atirava-me a ella.

Falaram novamente na Clementina, coitada, nos ataques que a fazem morder, rasgar, despedaçar. O Dr. Liberato receava que aquillo acabasse em loucura.

— E' pena que não lhe arranjem um homem.

— Um homem? Credo! Pois o doutor queria dar um homem á moça? E isso lhe traria saude?

— Talvez trouxesse.

Citou auctores, empregou termos arrevezados e a conversa morreu com tres respeitosas inclinações de cabeça.

— Porque será que elle inventa sempre essas historias? murmurou Isidoro Pinheiro.

Tirei o relógio impaciente. Que haveria áquella hora em casa de Adrião?

— Elle quem? O Nicolau?

— Sim, o sargento Cunha.

— Necessidade, explicou o doutor. Com certeza julga que os outros o tomam a serio. Em todo o caso tem muita imaginação.

Que estariam fazendo na sala do Teixeira? Elle, com a calva brilhando sob um foco electrico, o beijo cahido, a palpebra meio cerrada, os olhos na ponta da venta, percorria a parte commercial dos jornaes. Luiza

lia um romance francez; ou tocava piano; ou pensava indignada nos beijos que lhe dei no pescoço.

— Necessidade de mentir, doutor? objectou Paschoal.

— De mentir, de matar, de beber agua, de abraçar alguém, de roer as unhas, tudo é necessidade.

Puxei de novo o relógio. Sete horas. Porque não teria ella exposto ao marido o meu procedimento ruim? Compaixão. Inspirar compaixão, que miseria! Levantei-me:

— Com licença, meus senhores. Boa noite. Vou deitar-me.

— Deitar-se? Que diabo tem você para dormir tão cedo? exclamou Isidoro.

Acharam-me apathico e murcho. D. Maria José perguntou, solícita, se as comidas me desagradavam. Maçada! As comidas eram optimas, respondi, mas o estomago e a cabeça não me iam bem. O Dr. Liberato indicou um remedio. Agradei e recolhi-me.

Deitei-me vestido, ás escuras, diligencieei afastar aquella obsessão. Inutilmente. Ergui-me, procurei pelo tacto o commutador, sentei-me á banca, tirei da gaveta o romance começado. Li a ultima tira. Prosa chata, immensamente chata, com erros. Fazia semanas que não mettia ali uma palavra. Quanta difficuldade! E eu supuz concluir aquillo em seis mezes! Que estupidez capacitar-me de que a construcção dum livro era empreitada para mim! Inicieei a coisa depois que fiquei orpham quando a Felicia me levou o dinheiro da herança, precisei vender a casa, vender o gado, e Adrião me empregou no escriptorio como guarda-livros. Folha hoje, folha amanhã, largos intervallos de embrutecimento e preguiça — um capitulo desde aquelle tempo!

Tambem aventurar-me a fabricar um romance historico sem conhecer historia! Os meus cahetés realmente não têm verosimilhança, porque delles apenas sei que

existiram, andavam nós e comiam gente. Li, na escola primaria, uns carapetões interessantes no Gonçalves Dias e no Alencar, mas já esqueci quasi tudo. Sorria-me, entretanto, a esperança de poder transformar esse material archaico numa brochura de cem a duzentas paginas, cheia de lorotas em bom estylo, editada no Ramalho.

Corrigi os erros, puz um enfeite a mais na barriga dum caboclo, cortei dois adverbios — e passei meia hora com a penna suspensa. Nada. Paciencia! Quem esperou cinco annos póde esperar mais um dia. Atirei os papeis á gaveta.

Naquelle momento Adrião devia estar com o Miranda Nazareth defronte do taboleiro de xadrez.

Caciques! Que entendia eu de caciques? Melhor seria compor uma novella em que arrumasse padre Athanasio, o Dr. Liberato, Nicolau Varejão, o Pinheiro, D. Engracia. Mas como achar enredo, dispor os personagens, dar-lhes vida? Decididamente não tinha habilidade para a empresa: por mais que me esforçasse, só conseguiria garatujar uma narrativa embaciada e amorpha.

De repente imaginei o morubixaba pregando dois beijos na filha do pagé. Mas, reflectindo, comprehendí que era tolice. Um selvagem, no meu caso, não teria beijado Luiza: tel-a-ia provavelmente jogado para cima do piano, com dentadas e coices, se ella se fizesse arisca. Infelizmente não sou selvagem. E ali estava, mudando a roupa com desanimo, civilizado, triste, de cuecas.

— Porque foi que ella não contou aquillo?

Veio-me um pensamento agradavel. Talvez gostasse de mim. Era possivel. Olhei-me ao espelho. Tenho o nariz bem feito, os olhos azues, os dentes brancos, o cabello louro — vantagens. Que diabo! Se ella me preferisse ao marido, não fazia mau negocio. E quando o velhote morresse, que aquella trambolho não podia du-

rar, eu amarrava-me a ella, passava a socio da firma e engendrava filhos muito bonitos.

Embrenhei-me numa fantasia doida por ahi além, de tal sorte que em poucos minutos Adrião se finou, padre Athanasio poz a estola sobre a minha mão e a de Luiza, os meninos cresceram, gordos, vermelhos, dois machos e duas femeas. A' meia noite andavamos pelo Rio de Janeiro; os rapazes estavam na academia, tudo sabido, quasi doutor; uma pequena tinha casado com um medico, a outra com um fazendeiro — e nós iamos no dia seguinte visital-as em S. Paulo.

Um cão uivava na rua; os gallos entraram a cantar. O Dr. Liberato pigarreava; Isidoro Pinheiro roncava o somno dos justos; esmoreciam no corredor as pisadas subtis do Paschoal e um rumor, tambem subtil, na porta do quatro de D. Maria José.

Excellente criatura. Depois que enviuvou, não consta que haja conhecido outro homem. Aqui pela hospedaria passam dezenas delles. Nenhum lhe agrada. O italiano, robusto, sanguineo e de bigodes, satisfaz-lhe plenamente as necessidades do corpo e da alma. Boa mulher. Deus a conserve por muitos annos.

I V

— Entre, respondi sem saber quem batia.

Evaristo Barroca entreabriu a porta de manso:

— Ia sahir, seu Valerio?

— Não senhor, cheguei agora.

— Vinha roubar-lhe dez minutos, disse elle com uns modos excessivamente cortezes, de que não gosto. Mas se sou importuno...

— Importuno? Não, senhor. Entre p'ra ahi.

Retirei uma pilha de jornaes da cadeira, abri a janella que dá para a rua:

— Então, que é que ha?

Evaristo avançou com gravidade, poz o chapeo e a bengala sobre a mesa empoeirada, olhou com desconfiança a palha da cadeira e sentou-se, sem se recostar, com medo de sujar a roupa. Maneiras detestaveis.

Ia para seis annos que eu conhecia aquelle typo, encontrava-o quasi diariamente. Horrivel! Empertigava-se para largar trivialidades abjectas, e o peor é que só muito depois de as ter dito me vinha a comprehensão de que aquillo não valia nada.

— Vamos lá, doutor. Que é que ha? perguntei de novo.

— Ha isto, respondeu o visitante. Primeiramente

necessito a sua opinião a respeito dum assumpto que requer minucioso exame.

— Assim de importancia... ia eu interrompendo.

Mas Evaristo continuou, aprumado, com os olhos fixos em mim, movendo lentamente, num gesto de orador, a mão bem tratada, onde um rubi punha em evidencia o seu grau de bacharel:

— Em segundo lugar venho solicitar-lhe um obsequio.

— Perfeitamente. Vamos ver.

— O senhor se dá com o Fortunato?

— O padeiro? Dou-me. O Fortunato é bom homem. Na opinião de padre Athanasio...

— Não, não é o padeiro. O Mesquita, o Fortunato Mesquita, prefeito. O senhor se dá com elle?

— Com o prefeito? Que tenho eu com o prefeito? Isso é politica. Eu entendo de politica?

— O Fortunato é exemplar. Como funcionario é um modelo; como chefe de familia, um espelho.

Afagou o queixo largo, ficou algum tempo em silencio, esperando o effeito daquelle assucar todo. Depois tornou, e foi ahi que percebi que elle tinha dito tres vezes a mesma coisa.

— Não possui talvez uma intelligencia muito lucida, mas o coração é de ouro. O protector dos pobres, absolutamente desinteressado. Sem alludir á nobre parentela...

— Já sei. Elle diz que é bisneto de Mathias de Albuquerque, ou tataraneto. Vamos ao resto.

— Pois sim. Pareceu-me... (E' sobre isto que o consulto. Expresse-me o seu pensamento com franqueza.) Pareceu-me obra meritoria demonstrar publicamente a gratidão do municipio...

— Ao Mesquita? Que fez elle pelo municipio, doutor?

Evaristo recolheu-se um momento, disse com lentidão:

— Tem feito pouco, mas sempre tem feito. E se o apoiarmos, o senhor comprehende, se o estimularmos, fará muito mais. Foi por isso que tracei uns artigos... Sim, não falo em capacidade para administrar. Deixemos isto de parte. Mas os attributos Moraes, pondera, os attributos Moraes são de facto dignos de encomios. E aqui está o favor que venho pedir-lhe.

Metteu a mão no bolso e entregou-me uns papeis:

— Eu desejava obter a publicação dos artigos no jornal do vigario. Mas não me posso dirigir a elle. Foram intrigar-me: que sou ateu, livre pensador — calumnias. E' um desaguisado que pretendo desfazer, pois nada me inspira mais respeito que o catholicismo. O papado, que instituição, o papado! Eu tenciono...

— Espere lá, doutor. Elogio ao Mesquita? Não convem. O Mesquita é uma besta.

— Não, senhor, é exaggero. Antes de tudo...

— Um quartau. Quando diz *sim*, balança a cabeça negativamente; quando diz *não*, affirma com a cabeça. Não ha no mundo inteiro um sujeito mais burro. E o doutor vem cantar loas ao Mesquita? Demais a mais padre Athanasio é levado do diabo...

— Porque? Não seja irreflectido nos seus julgamentos, senhor. Fale com o reverendo. Uma questão de interesse geral!

Eu ia desculpar-me, recusar, mas o bacharel proseguiu:

— Escrevi os artigos dum folego. Têm imperfeições, evidentemente. Não me sobra tempo para cultivar a lingua vernacula. Ahi só se aproveita a idéa, a fórma é incorrecta. Emendem. E adeus.

Deixou-me espantado. Sim, senhor. Estava ali uma interessante maneira de forçar a gente a prestar um serviço. Loquaz, amavel, espichado, sem se apoiar no

encosto da cadeira — que impertinencia! Até logo, adeus. Que descaramento!

Já agora, porém, era feio correr atraz d'elle para restituir-lhe a papelada. Desdobrei as tiras e li burrices consideraveis em honra do Mesquita, recheadas de adjectivos fofos. A familia do Mesquita, que ia troncar na de fidalgos lusos; a caridade do Mesquita, um largo rio de beneficios inundando Palmeira dos Indios; o pedaço de rua que o Mesquita andava a calçar, sem pressa; a roupa branca do Mesquita, o asseio do Mesquita, os banhos, as ensaboadelas, a barba escanhoada. Uma chusma de sandices.

— Vá lá. Isto não tira nem põe. Se fosse desaforo, podia render desgosto; como é adulação, se bem não fizer, mal não faz. Sempre vou ver se padre Athanasio quer publicar esta porcaria.

Era domingo. Eu tinha entrado em casa para escrever algumas paginas no meu romance, e a tarde voara, com as sabujices daquelle imbecil. Olhei o relógio: quatro horas.

Ia aguentar um jantar em casa do Victorino. Na ausencia de D. Josepha, aquillo é funebre.

E que negocio tinha commigo Isidoro, que me fôra pela manhã procurar á typographia?

Lá dentro arranjavam louça.

— Dia perdido. Vamos com esta cruz ao Victorino.

Cheguei á porta do corredor:

— Oh D. Maria José, o Pinheiro está ahi?

— Não, senhor. Venha para a mesa.

— Obrigado, D. Maria. Não espere por mim.

Ao sahir, reflecti com espanto na insensatez que Evaristo revelava engrossando o Fortunato. Que maluco! Empenhar-se para metter na *Semana* aquelles rapapés indecentes!

A rua dos Italianos estava deserta. Quando atra-

vessei a praça da Independencia, o antigo Quadro, tambem deserto, a campainha do cinema começou a bater. Demorei-me á esquina da padaria, vendo um cartaz encostado a um poste. De repente dei uma palmada na testa:

— O idiota sou eu! Ali ha interesse, ali ha cavação.

Descendo pela rua Floriano Peixoto, admirei o talento do Barroca.

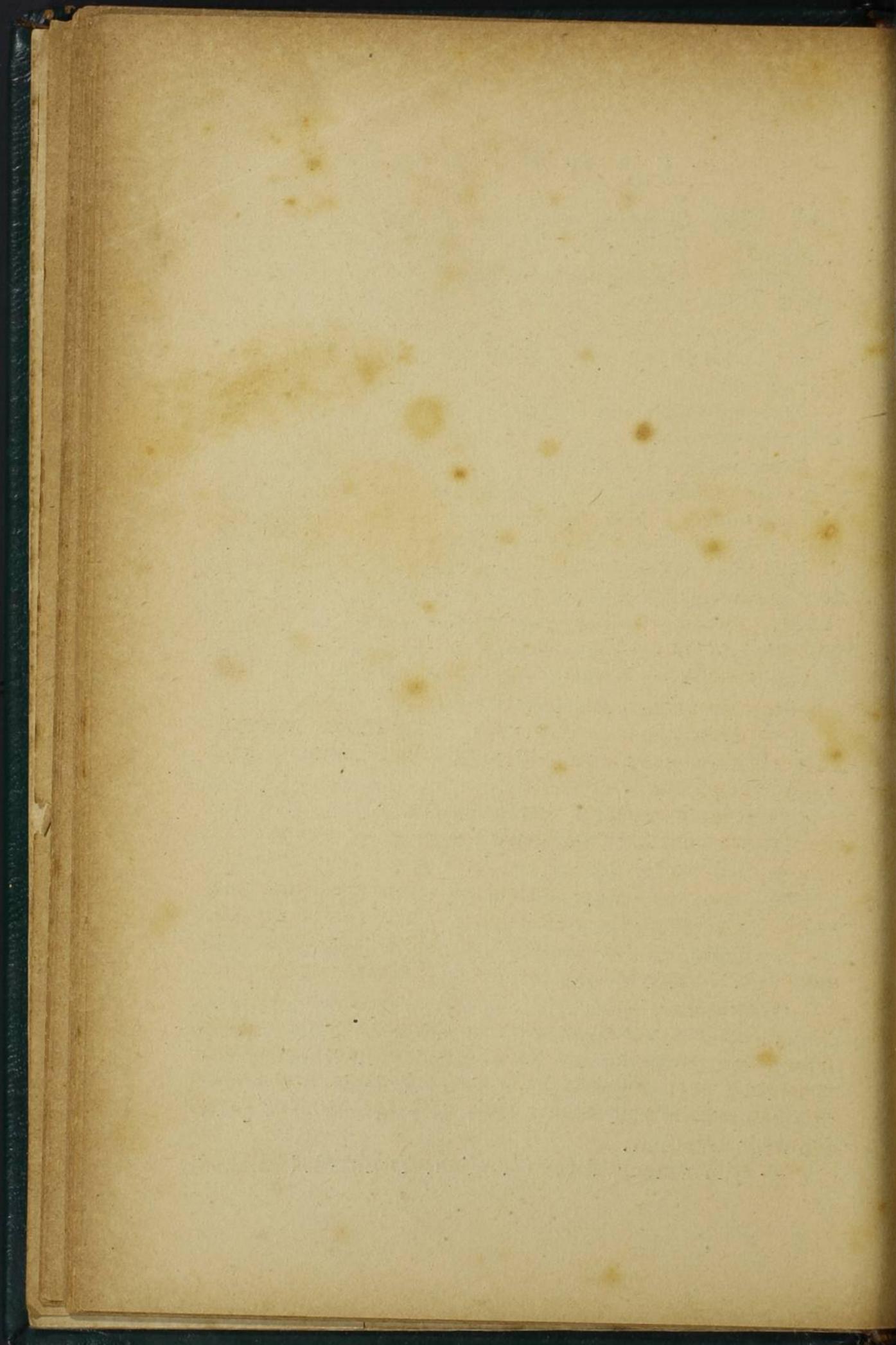
Sim, senhor, é um alho, pensei. Faz seis annos que aqui chegou, pobre, sahido de fresco da academia, sem recommendações, com os cotovellos no fio e os fundilhos remendados. E lá vai furando, verrumando. Grande clientela, relações com gente boa! Construiu uma casa, comprou fazenda de gado e terra com plantações de café, collocou dinheiro nos bancos e veste-se no melhor alfaiate da capital. Improvisa discursos com abundancia de chavões sonoros, dança admiravelmente, joga o poker com arte, toca flauta e impinge ás senhoras expressões amanteigadas que ellas recebem com deleite. Tem recursos para reconciliar dois individuos que se malquistam, ficando credor da gratidão de ambos. Como advogado, sabe captar a confiança dos clientes e, o que é melhor, a confiança das partes contrarias.

— Boa tarde, doutor.

Era uma prova da pericia do Barroca: o administrador da recebedoria, que passava pela calçada fronteira, macilento, com a mulher de banda, enorme, apertada num vestido de xadrez.

Offereceram a Evaristo aquelle cargo de administrador. Rendimento pequeno. Agradeceu e indicou para o lugar um collega cheio de necessidades. Naturalmente ganhou com a indicação, pois os negocios lhe andaram sempre de vento em popa. E estava á bica para deputado estadual.

— Sim senhor, disse commigo. Deputado!



V

O director da *Semana* mourejava na extracção de um dos seus complicados periodos, que ninguem entende. Tinha aberto o dictionario tres vezes. Soltou o livro com desanimo, olhou de esguelha para a banca de Isidoro e perguntou-me em voz baixa:

— Eucalypto é com *i* ou com *y*? Estou esquecido, e o dictionario não dá.

— Eucalypto... eucalypto... respondi indeciso. Tambem não sei, padre Athanasio. Oh Pinheiro, como é que se escreve eucalypto?

— Com *p*, ensinou Isidoro, solcito.

— Não é isso. Nós queremos saber se é com *i*, ou com *y*.

— Deve ser com *i*. Ou com *y*. Uma das duas, penso eu. O *y*, sempre é mais bonito. Para que eucalypto?

— Para plantar na beira do açude, explicou o vi-gario. Um conselho ao prefeito. Faltava um pedaço da segunda pagina.

Ageitou a volta, abatoou a batina, passou o lenço pelo rosto vermelho e suado, coçou o queixo enorme, enterrado entre os hombros, que lhe chegam quasi ás orelhas, e atirou de chofre uma das suas falas embara-lhadas:

— Pois, meninos, não foi senão isto. Quem havia

de suppor, hein? Estes dictionarios miudos não prestam. Faltava um pedaço da segunda pagina. E' cavador! Parece que o eucalypto secca os pantanos. A gente abre e não encontra nunca o que procura. E dá belleza. Vem o sargento: "Quarenta linhas." E' cavador! é cavador!

— Quem é que é cavador, padre Athanasio? inquiriu Isidoro com um sorriso que lhe mostrava os largos dentes brancos.

O director da *Semana* pregou nelle os grandes bugalhos dos olhos surprehendidos, sacudiu a cabeça com um gesto de nervoso e engrolou uma explicação:

— O advogado, homem, esse Barroca. Tambem você não percebe nada. Foram os artigos, João Valerio, aquelles artigos. E' cavador! Deputado, hein? Não foi senão isto. Os artigos. Quem havia de suppor?

— Eu conheci logo que elle me mostrou os originaes, acudi. Aquillo não mette prego sem estopa. Não lhe invejo o gosto. Tanta chaleirice, tanta baixeza, por uma cadeira na camara de Alagôas! E' um pulha. Antes ficasse aqui, explorando os matutos, que fazia melhor negocio. Um idiota.

— Está enganado, retorqui Isidoro. Tem talento. Entra deputado estadual e sai senador federal. Vai longe. Em tres annos será para ahi um figurão. Quem for vivo ha de ver. Intelligencia, e muita, é que ninguém lhe pode negar.

O vigario, que mordida de leve os beiços grossos, passou a mão pela testa, arrancou uma idéa:

— Talvez seja boato. Não ha certeza. Era conveniente dar uma noticia, mas não ha certeza.

— Ha, fez Isidoro. Foi o Neves que me contou. O Neves está no segredo da politica.

— Esse é outro, resmunguei. Você se dá com essa pustula?

Mas Isidoro, que defende toda a gente, defendeu o Neves:

- Porque, homem? O Neves é inoffensivo.
- Um canalha, um maldizente.
- Como sabe você disso? Não priva com elle.
- Nem desejo.
- Pois então? E' injustiça.
- Um calumniador, um miseravel.

Isidoro Pinheiro franziu a cara, com desconsolo, e padre Athanasio, que não gosta do Neves, censurou a violencia da minha linguagem:

— Leviandade, João Valerio. Não se offende assim uma pessoa ausente. Deixe para dizer isso a elle, se tiver razão para dizer. Razão e coragem. A nós, não.

Interrompeu-se, gritou para a saleta da typographia:

— Sargento, traga uma segunda prova dessa besteira.

O typographo, sargento reformado, sujo, magro, de casquette, entrou e poz sobre a mesa do reverendo duas provas muito manchadas. Padre Athanasio conferiu uma com a outra, corrigiu, continuou:

— A nós, não. Sapeque logo essa trapalhada, sargento. A nós, não. Que eu lorotas de espiritismo não tolero. E o Allan Kardec...

Concentrou-se um instante, os olhos arregalados, o beigo pendente. Depois accrescentou:

— O Allan Kardec e essa cambada, o William Crookes, o Flammarion, o João Licio Marques, um que appareceu agora... Como se chama elle? Que o Neves tem a lingua um bocado comprida, tem, eu reconheço. Tem, ora essa, seu Pinheiro! Tem, e o William Crookes é um parlapatão. Onde foi que já se viu defuncto conversando com gente viva?

Abracci o director da *Semana*, um amigo, sem sentimento pelo que elle me havia dito:

— Está bem, padre Aathanasio, fica o resto para outro dia. Ande lá, Pinheiro, isto é quasi meia noite.

Isidoro levantou-se, vestiu o jaquetão preto, poz o chepeo de grandes abas.

— Esperem ahi, bradou o vigario. Vamos deitar esse negocio de reencarnação em pratos limpos. Vejam vocês o Platão. Aquillo é coisa seria, ninguem pode contestar. Dizem vocês...

— Não dizemos nada, padre Athanasio. Boa Noite. E deixámos o excellente ecclesiastico remoendo Platão.

Andámos algum tempo em silencio, na rua mal illuminada. Para as bandas do quartel da policia um trovador afinava o violão. No ceo negro uma coruja passou alto, piando.

— Diabo! exclamou Isidoro, supersticioso, estremeendo. Não gosto de ouvir estes amaldiçoados gritos. Justamente por cima da casa do Silverio, que está de cama, esta peste voar, rasgando mortalha!

Levantou a golla, arrepiado, baixou a voz:

— Pensou no que lhe disse hontem?

— Hein? Não me lembro. E' o emprestimo?

Tinhamos chegado ao fim da rua de Baixo, estavamos em frente ás balaustradas do paredão do açude. Tomámos pela direita, deixámos atraz a pracinha.

— Não, não é o emprestimo. Que horas são?

Consultou o relógio da usina electrica:

— Só onze? Julguei que fosse mais tarde. Vamos para diante, quebrar as pernas pelos buracos do Pernambuco Novo.

Olhei a frontaria da casa de Adrião, fechada. Hesitei receoso.

— Não ha ninguem, tudo deserto. Vamos dar um passeio, insinuou Isidoro.

Penetrámos cautelosamente no Pernambuco Novo, o bairro das meretrizes.

— Não era ao empréstimo que eu me referia. Mas já que tocámos nisto, você falou aos homens?

— Esqueci, Pinheiro, respondi com acanhamento. Falo amanhã. Que eu nem sei se elles poderão. Muitas obrigações a pagar... Talvez não acceitem.

— E a hypotheca do sitio, criatura? Uma propriedade que me está em mais de cinco contos! Afinal se não fizer com elles, faço com outro.

Era um empréstimo que desejava contrahir com os Teixeira, por meu intermedio, operação regular, com effeito; mas Teixeira & Irmão, não tinham fundos sufficientes para dedicar-se á agiotagem.

— Faço com outro, proseguiu Isidoro, invisivel nas trevas da rua. Faço com o banco, faço com o Monteiro. E' um usurario, um ladrão, esfola a gente com juro de judeu, mas não recusa nunca, tem sempre dinheiro, é um excellente velho. E não recebo favor. Que diabo! Para uma transacção de um conto e quinhentos garantia de cinco contos!

Calou-se, amuado. Accendeu um cigarro. E, á luz do phosphoro, surgiram á direita calçadas altas e desiguaes. A' esquerda, entre sombras confusas de arvo-redos, a mancha negra do açude avultava. Fórmias vagas, cheiro de aguardente, injurias obscenas, sons de pifano.

Subimos o alto dos Bodes. Isidoro Pinheiro deitou fóra a ponta do cigarro, deu um trambolhão, agarrou-me um braço e berrou:

— Que lembrança a sua de vir passear, com uma noite assim, neste inferno!

Depois, calmo, já perto da igreja do Rosario, na indecisa claridade que vinha da rua de Cima:

— Boa caminhada, sim, senhor, isto por aqui é pittoresco. Que fim terá levado a Maria do Carmo? Gosto della. Se não fosse tão descarada... Emfim cada

qual como Deus o fez, que a gente não é rapadura, para sahir tudo igual. Você viu esse anjo?

Torceu o caminho para não perturbar um noivado de cães. Entrámos no Quadro. Eu não tinha visto anjo nenhum. E que me queria dizer o amigo Pinheiro lá em baixo? O amigo Pinheiro não se recordava.

— Foi o empréstimo que me esquentou o sangue. Não admitto que desconfiem de mim. Acabou-se, vou falar com o Monteiro.

Estacou:

— Ah! sim! a historia de hontem, esse infeliz que anda correndo de fome.

— O sapateiro?

— O sapateiro. Vive quasi nú, uma indecencia! E immundo que faz nojo. Uma penca de filhos! Vamos ver se ajudamos esse desgraçado, que tem vergonha de pedir esmola. A mulher tísica, no catre, lançando sangue, homem!

Poz-se a caminhar, triste. De repente apontou a casa de D. Engracia, grande como um convento, de frente do armazem dos Teixeira:

— E se você casasse com a Martha?

Casar com a Martha? Recuei, desconfiado:

— Que interesse tem você nisso Pinheiro?

— Interesse? Nenhum. Mas acho...

— O que eu não comprehendo é essa preocupação de me querer amarrar á força. Já me deu tres vezes o mesmo conselho.

— E' que desejo a sua felicidade, rapaz.

— E quem lhe disse que eu seria feliz casando com ella?

— Quem me disse? E porque não seria? A pequena é bonita, bem educada, toca piano, esteve no collegio das freiras. Onde se vai achar outra em melhores condições? Se aquella não lhe agrada, só mandando fazer uma de encommenda.

Interrompeu-se, bateu-me no hombro, exclamou com admiração e energia, quasi engasgado:

— Olhe aquillo, veja que predio. Vale vinte contos. Pedra e madeira de lei. E terras, cada zebú de trinta arrobas, libra esterlina por desgraça, fortuna grossa, meu filho, e tudo da Martha, que o Miranda me contou. Atraque-se com a moça.

Não contive o riso. Estava elle certo de que a Martha Varejão acceitava o arranjo?

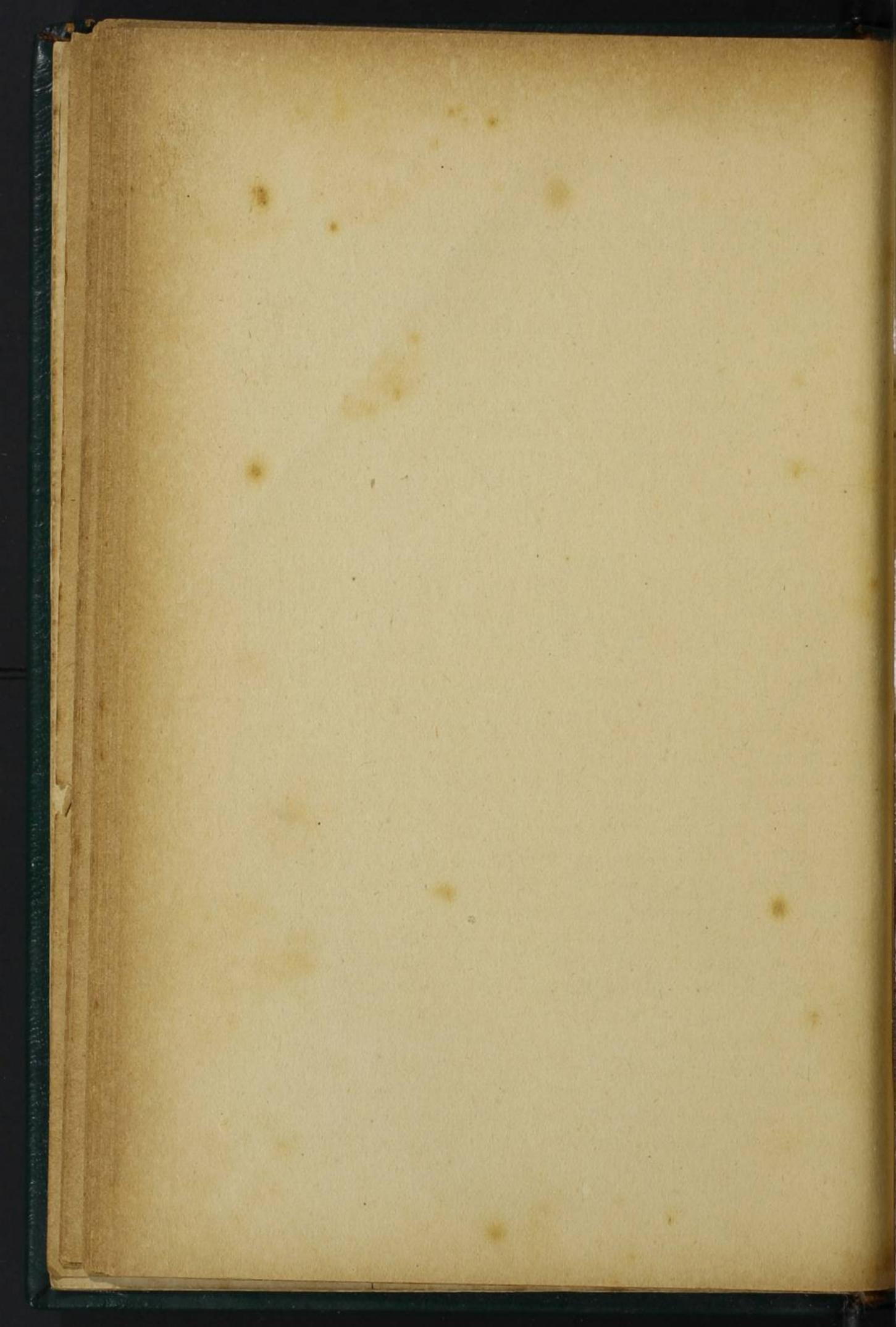
— Porque não? Que diabo pode ella querer mais? Você é bem apessoado, tem boas relações, sabe escripturação mercantil e um bocado de arithmetica. Oh! demonio! Lá se apagou a luz.

Chegámos á rua dos Italianos. A' porta da pensão, quando ia introduzir a chave na fechadura ouvi rumor lá dentro. E Isidoro Pinheiro soprou-me ao ouvido:

— Espere ahi, não abra agora.

— Que é?

— O Paschoal que vai entrar no quarto de D. Maria. E' bom demorar um pouco.



V I

No escriptorio dos Teixeira, passando para o razão os diversos a diversos em bonita letra apurada, pensei naquella insistencia de Isidoro.

E' um officio que se presta ás divagações do espirito, este meu. Emquanto se vão accumulando cifras á direita, cifras á esquerda, e se enche a pagina de linhas horizontaes e obliquas, a imaginação foge d'ali. Organizar partidas e escrever a correspondencia commercial são coisas que a gente faz brincando. E para molhar o papel de seda, enxugal-o, pôr a factura ao lado, apertar o livro na prensa não é necessario esforço de pensamento. Dedicava-me ás minhas occupações singellas — e as idéas esvoaçavam em redor de Martha Varejão.

Realmente não era feia, com aquelle rostinho moreno, grandes olhos pretos, boca vermelha de beiços carnudos, cabellos tenebrosos, mãos de mulher que vive a rezar. E alta, airoza, sympathica, sim, senhor, optima femea. Se ella me quizesse, eu não tinha razão para considerar-me infeliz.

Queria. Na segunda-feira do carnaval, defronte do cinema, fôra muito amavel commigo. Olhadelas, sorrisos, um proverbio embaraçado, em francez... Aquillo promettia. Estava acabado, ia atirar-me a ella, como diz

o Pinheiro. E se a D. Engracia lhe deixasse a fortuna, bom casamento, negocio magnifico! Não que me preocupe exclusivamente com o dinheiro, pois se Martha fosse vesga e coxa, não a acceptaria por preço nenhum. Mas era bonita, e os bens da viuva davam-lhe encantos que a principio eu não tinha descoberto.

afz Tocava piano. Naquelle momento reconheci no piano um caminho seguro para a perfeição. Falava francez. Não havia certamente exercicio mais honesto que falar francez, lingua admiravel. Fazia flores de paraffina. Compreendi que as flores de paraffina eram na realidade os unicos objectos uteis. O resto não valia nada.

Não seria difficil travar na igreja um namoro com ella, na missa das sete, e mandar-lhe, por intermedio de Casimira, umas cartas cheias de inflammações alambicadas, versos de Olavo Bilac e phrases estrangeiras, dessas que vêm nas folhas côr de rosa do pequeno Larousse. Talvez, com algum trabalho, conseguisse completar para ella um soneto que andei compondo aos quinze annos e que teria sahido bom se não emperrasse no fim. Depois obteria umas entrevistas á noite, á janella, e, conversa puxa conversa, pregava-lhe, ao cabo duma semana, meia duzia de beijos. Ficavamos noivos, casavamos, D. Engracia morria. Imaginei-me proprietario, vendendo tudo, arredondando ahi uns quinhentos contos, indo viver no Rio de Janeiro com Martha, entre romances francezes, papeis de musica e flores de paraffina. Onde iria morar? Na Tijuca, em Santa Thereza, ou em Copacabana, um dos bairros que vi nos jornaes. Eu seria um marido exemplar e Martha uma companheira deliciosa, dessas fabricadas por poetas solteiros. Atribui-lhe os filhos destinados a Luiza, quatro diabretes fortes e expertos. Supprimi radicalmente Nicolau Varejão, ser inutil.

Achava-me em pleno sonho, num camarote do Municipal, quando Adrião se abeirou da carteira:

— Diga-me cá, porque foi que você não appareceu mais lá em casa?

Abandonei a representação e voltei á realidade, com um nó na garganta. Vascolejei o cerebro á cata duma resposta.

— Vamos ver, continuou Adrião. Detesto mysterios. Fizeram-lhe alguma grosseria por lá? Se fizeram...

— Não, senhor, não fizeram. Não fazem. Que é que haviam de fazer?

— Então que sumiço foi esse? Eu perguntei á Luiza. Não sabe, ninguém sabe. Você gostava de conversar com ella essas embrulhadas.

Procurei mostrar-me tranquillo:

— Sempre me distinguiram com amabilidades que não mereço.

— Lambanças, homem. Deixe-se disso, fale direito, atalhou Adrião.

— Justamente. O senhor comprehende, eu gosto de escrevinhar... Assim de noite, quando a gente não tem somno...

— Já sei, já sei. Essas philosophias são prejudiciaes. E' o padre Athanasio que lhe anda mettendo bobagens no quengo.

— Demais a mais a minha presença não serve de nada. Com franqueza...

— Ora! ora! ora! Vai para cinco annos que você está cá na casa, e só agora pensou nisso. Mas eu hei de decifrar essa charada. E diga ao Dr. Liberato que mude aquella receita. Não pude dormir hontem, com uma dor de cabeça dos peccados. Uma peste!

Retirou-se claudicando, a amaldiçoar os medicos. Fiquei atordoado, perguntando anciosamente ao cofre, á prensa, ao copiador, á machina de escrever, como me

sahiria de semelhante difficuldade. Adrião Teixeira queria descobrir o motivo do meu afastamento. Se elle apertasse com Luiza, era possivel que ella se aborrecesse e contasse que eu lhe tinha dado dois beijos no pescoço. Martha, o soneto e os quinhentos contos de D. Engracia num instante se evaporaram.

Resignei-me a ir no domingo ao casarão dos Italianos. Uma impertinencia, mas calculei que poderia, finda a atrapalhação do primeiro momento, esgueirar-me para a varanda e esconder-me por detraz das cortinas. Talvez Luiza nem reparasse em mim. Excellente coração! Outra qualquer teria feito da minha tolice um cavallo de batalha — e desmantelava-se este honesto rapaz que arranca um pão insipido ás folhas das costaneiras; ella não: provavelmente julgara aquillo uma ligeira ousadia que apenas lhe tocara a epiderme. Blindada contra os sentimentos de um miseravel João Valerio, com certeza erguera os hombros: “Deixal-o! pobre diabo!”

Sentia-me terrivelmente perturbado. Tanto que, durante o jantar, nem dei attenção a duas perguntas de Isidoro. O Dr. Liberato ageitou as lunetas, tossiu, disse com impaciencia:

— Mexa-se, homem. Que tem você?

— Eu? Não tenho nada, não houve nada não me fizeram nada.

Compreendi o disparate e emendei:

— Estava distrahido. Uns calculos... E por falar em calculos, doutor lá o patrão mandou pedir outra receita. Anda com a cabeça doendo. A cabeça, a bexiga e as pernas.

Exploraram o Teixeira.

— Qual é a doença delle? perguntou Isidoro, inquieto.

Quando ouve qualquer referencia a enfermidades, marcha e apalpa o coração.

— Um bando de visceras escangalhadas, explicou o Dr. Liberato. Vida sedentaria, poucas precauções...

— Temos viuva, interrompeu o Paschoal. Quanto tempo durará elle ainda? Liquidado. Quanto é a fortuna, João Valerio?

Ninguém respondeu. Isidoro apalpou novamente o coração, e D. Maria José referiu o caso medonho duma preta que morrera queimada na semana anterior. Espalhou-se pela mesa uma sombra de morte. Baixei a cabeça, com pena da negra. O Dr. Liberato interrogou D. Maria com exaggerado interesse, pedindo minudencias, o que me trouxe aborrecimento e nojo. O italiano, que é robusto, tomava café e sorria.

A mulher tinha perdido no fogo os braços e as pernas, e do nariz corria um grude esverdeado.

— Oh D. Maria, exclamou o Pinheiro, repellindo a chicara e fazendo uma careta, para que vem contar essas historias?

Levantou-se, desesperado. Eu e Paschoal levantámo-nos tambem. Sahimos a passear pela rua.

— Preciso ver a Maria do Carmo, grunhiu Isidoro.

Entrámos na pharmacia do Neves. Encostado á grade, um sujeito escondia no lenço manchado de pús o rosto meio comido por uma chaga. Fugimos. O italiano poz-se a cantarolar entre dentes coisas afflictivas, com *mamma* e *bara* repetidas muitas vezes.

Às nove horas estavamos na redacção da *Semana*. Não encontrámos padre Athanasio.

— Foi confessar mestre Simão, que deu uma queda do andaime e vomitou sangue informou o sargento. Os senhores querem escrever a noticia?

Não quizemos. Ficámos sentados, carrancudos.

— Com os demonios! bradou Isidoro, erguendo-se. Isto por aqui está funebre.

Subimos a rua do Melão. Lá para o caminho da

Ribeira ouvimos rumor de vozes. Approximámo-nos. Eram cantos, rezas, choros, ladainhas — uma sentinella de defunctos.

— Vamos ver, convidou Paschoal, interessado. A gente ás vezes acha nas sentinellas muito boas mulheres. Vamos ver. Talvez esteja lá a Maria do Carmo.

— Ora... pilulas! berrou Isidoro, furioso. Antes ir passear no cemiterio.

V I I

Sabbado pela manhã Evaristo Barroca partiu para a capital. Ia furar, cavar, politicar. Depois que sahira deputado, andava sempre por lá, farejando. Bem diz o Pinheiro, aquelle vai longe. Ao meio dia Clementina teve um ataque, mettu as unhas na cara do pae, fez um alarido que attrahiu os vizinhos, bateu com a cabeça nas paredes, gritou, espumou, ficou estatelada na cama. De sorte que no domingo era provavel poucas pessoas em casa de Adrião.

Como me sentisse inquieto, resolvi distrahir-me aproveitando uma parte da noite a trabalhar no meu romance. Fui á sala de jantar:

— Oh d. Maria, dê-me uma chicara de café, por favor.

Bebi o café, tranquei-me no quarto, tirei o manuscrito da gaveta:

— Vamos a isto.

E descrevi um cemiterio indigena, que havia imaginado no escriptorio, enquanto Victorino folheava o caixa.

Desviando-me de pormenores compromettedores, construi uma cerca de troncos, enterrei aqui e ali camocins com esqueletos, espetei em estacas um numero razoavel de caveiras e, prudentemente, dei a descripção

haver

por terminada. Julgo que não me afastei muito da verdade. Vi coisa parecida quando os trabalhadores da estrada de ferro encontraram no caminho do Tanque uns vasos que rebentaram. Havia dentro ossos esfarelados, cachimbos, pontas de frechas e pedras talhadas á feição da meia lua. O meu fito realmente era empregar uma palavra de grande effeito: tibicoara. Se alguém me lesse, pensaria talvez que entendo de tupy, e isto me seria agradavel.

Contiuei. Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, pennas de arara, cestos, redes de caróá, giraus, cabaças, arcos e tacapes. Dei pedaços de Adrião Teixeira ao pagé: o beijo cahido, a perna claudicante, os olhos embaçados; para completal-o, emprestei-lhe as orelhas de padre Athanasio. Fiz do morubixaba um bicho feroz, pintei-lhe o corpo e enfeitei-o. Mas aqui surgiu uma duvida: fiquei sem saber se devia amarrar-lhe na cintura o enduape ou o kanitar. Vacillei alguns minutos e afinal me resolvi a pôr-lhe o enduape na cabeça e o kanitar entre parenthesis.

— Está muito occupado, seu Valerio?

Abotoei a camisa, vesti um jaquetão e fui abrir:

— Não, D. Maria José. Ora essa!

Ella entrou de manso, com uns modos acanhados, acercou-se da mesa, os olhos baixos.

— Alguma novidade, D. Maria?

— E' que... O senhor poderá tirar-me dum aperto? Não falei lá dentro porque tive vergonha. Já lhe devo tantas obrigações...

Ora sebo!

— Vergonha? E porque? Não ha razão, fiz eu com um sorriso amarello, esperando o golpe.

— Tenho precisão de cento e cincoenta mil réis. Venho importunal-o ainda...

— Cento e cincoenta mil réis, D. Maria? Agora é

impossível, e amanhã não se abre o armazem. Só lá para segunda-feira...

— Eu queria hoje. E' até o mez vindouro.

— Perfeitamente. Mas onde vou buscar? Talvez na segunda-feira... E nem sei se poderei arranjar. Tenho quarenta. Servem-lhe quarenta?

Ella acceitou, com um gesto de resignação desalentada.

Retirei a Biblia da gaveta e procurei dinheiro entre as paginas do Ecclesiastes que é o meu cofre.

— Muito agradecida, suspirou D. Maria, recebendo as duas notas, meio desapontada. E' por pouco tempo.

— Não se preocupe, respondi acompanhando-a. Se não puder pagar, fica ahi como adiantamento, não tem duvida.

Voltei ao trabalho interrompido. Não pagava. Já me devia mais de quinhentos mil réis, devia tambem ao Dr. Liberato e ao Pinheiro. Nós sabiamos que aquillo era para o italiano, que vive a enganar-a, vai aos bordéis do Pernambuco Novo, mas não tinhamos coragem de recusar. Tão boa, tão amavel! Era pena que tivesse aquella desgraçada ligação com um traste como o Paschoal.

Embrenhei-me novamente nas selvas. Li a ultima tira e balancei a cabeça, desgostoso. Catei algumas expressões infelizes e introduzi na floresta, batida pelo vento, uma quantidade consideravel de passaros a cantar, macacos e saguis em dança acrobatica pelos ramos, cotias ariscas espreitando á beira da caiçara. Mas isto veio expremido e rebuscado. Tudo culpa do Paschoal.

Demais a mais a difficuldade era grande, as idéas, minguadas, recalcitavam, agora que eu ia tentar descrever a impressão produzida no rude espirito da minha gente pelo galeão de D. Pero Sardinha. Em todo

o caso apinhei os indios em alvoroço no centro da ocara, aterrorizados, gritando por Tupan, e afoguei um bando de marujos portuguezes. Mas não os achei bem afogados, nem achei a bulha dos cahetés sufficientemente desenvolvida.

Com a penna irresoluta, muito tempo contemplei destroços fluctuantes. Eu tinha confiado naquelle naufragio, idealizara um grande naufragio cheio de adjectivos energicos, e por fim me apparecia um pequenino naufragio inexpressivo, um naufragio reles. E curto: dezoito linhas de letra espichada, com emendas. Pôr no meu livro um navio que se afunda! Tolice. Onde vi eu um galeão? E quem me disse que era galeão? Talvez fosse una caravela. Ou um bergantim. Melhor teria feito se houvesse arrumado os cahetés no interior do paiz e deixado a embarcação escangalhar-se como Deus quizesse.

E não sei onde se deu o desastre. Para os lados de S. Miguel de Campos, ou Coruripe da Praia por ahi... Talvez o Dr. Liberato soubesse. Levantei-me, bati á porta do quarto delle. Ninguem. Atravessei o corredor, despertei D. Maria José, que dormitava encostada á mesa da sala de jantar:

— Oh D. Maria, que é do Dr. Liberato?

Tinha ido a casa do Mendonça, que era dia de annos de D. Eulalia.

— E o Pinheiro? O Pinheiro tambem foi?

O Pinheiro tambem tinha ido. Que diabo! Fugirem todos justamente na occasião em que eram necessarios! Lembrei-me de padre Athanasio. Dez horas. Bem, devia estar accordado, decidi consultal-o. Voltei ao quarto, mudei a roupa e sahi, satisfeito por ter achado um pretexto para abandonar aquella estopada.

Na redacção da *Semana* encontrei o reverendo sentado á banca, só, pregando um botão na batina.

— Oh padre Athanasio, diga-me cá. O senhor conhece Coruripe da Praia?

— Conheço. E' uma boa cidade. Muito sal, muito coqueiro. E então o povo... Você tem algum negocio em Coruripe da Praia?

— Não, é outra coisa, a novella que estou escrevendo, o romance dos indios. Preciso dos baixios de D. Rodrigo. O senhor conhece os baixios de D. Rodrigo?

— Não. Onde fica isso?

— Era o que eu queria saber. Fica por essas bandas em Coruripe, em S. Miguel, não sei onde. O senhor nunca ouviu falar? Vem na historia. Coruripe... Julgo que foi em Coruripe que mataram o bispo.

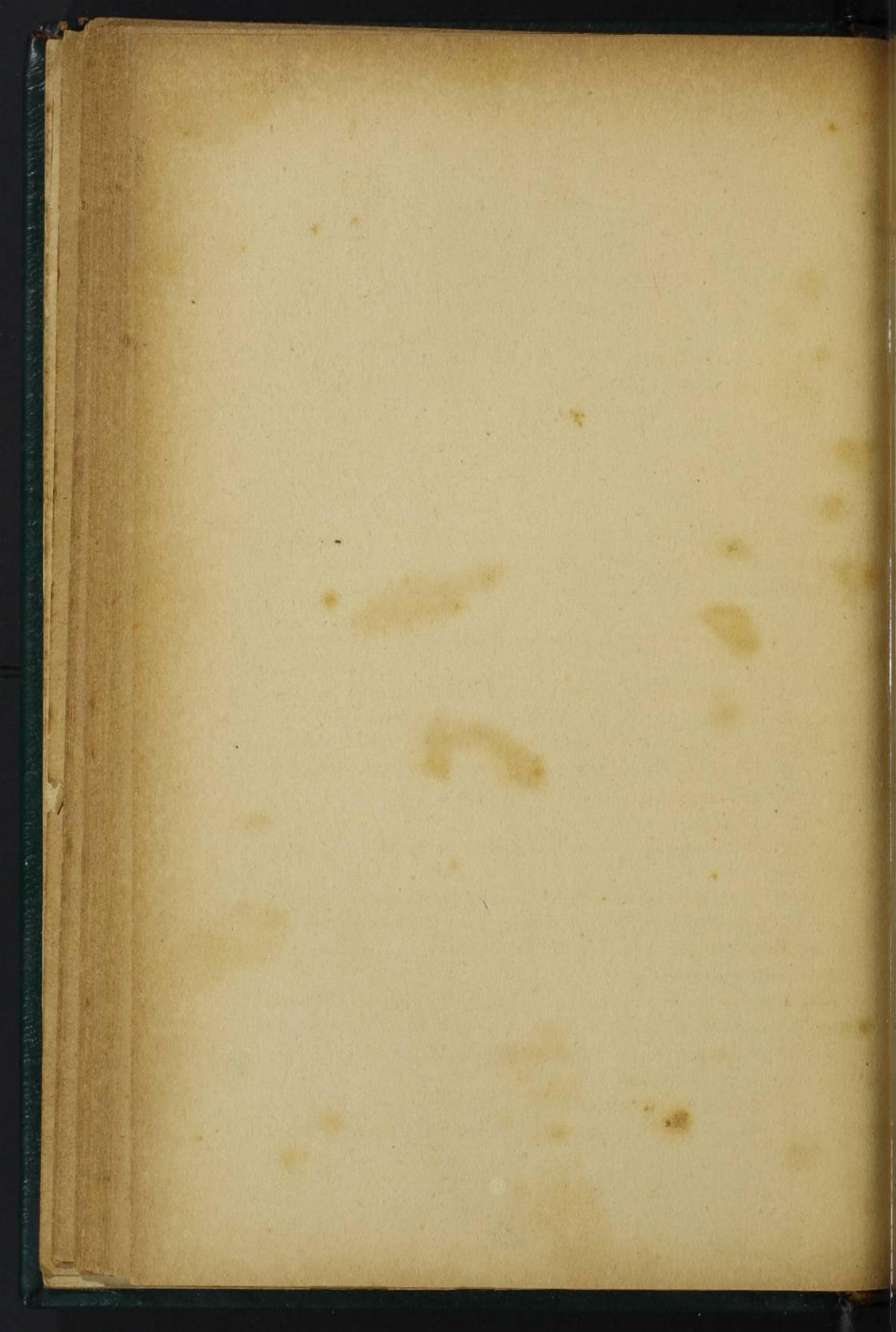
Padre Athanasio soltou a agulha, assombrado, e esbugalhou os olhos:

— O bispo? que bispo?

— O Sardinha, padre Athanasio. Aquelle dos cahetés um sujeito celebre. O D. Pero. Vem nos livros.

O director da *Semana* retomou a agulha, a linha e o botão:

— Ah! sim! Pensei que fosse o D. Jonas. Ou o D. Santino. Que susto! O D. Pero... Nem me lembrava.



V I I I

Domingo á noite fui a casa do Teixeira. Quando Zacharias abriu o portão, havia rumor lá em cima. Atravessei o jardim, subi a escada, cheguei á sala, aturdido.

— Ora sim senhor, disse-me Adrião. Veio arrasado, mas veio.

Luiza acolheu-me como se me tivesse visto na véspera. Cumprimentei, com as orelhas em braza, Victorino, padre Athanasio, Miranda Nazareth. Vi Clementina escondida entre o piano e a parede. Balbuciando, pedi informações sobre a saude della.

Não ia bem.

Sim? Pois não parecia. Tanta vivacidade, tão boas cores...

Ella atirou-me um olhar de agradecimento e encolheu-se. Eu ia encolher-me tambem, por detraz das cortinas, mas Adrião se levantou, convidou:

— Vamos para a mesa.

Entrámos. Pelo corredor o vigario proseguiu numa arenga interrompida com a minha chegada. Era ácerca dos nomes exquisitos que agora dão ás crianças. Ao sentar-se, estava indignado:

— Palavras estrangeiras... Vocês já viram? Pronuncia errada... Eu reclamo: "Besteira, homem! Am-

brozio, Guilherme, Ricardo, isto é, que é." Não querem. Extravagancias! De Jeronymo e Amalia fazem Jeralia. Vocês já viram?

Serviu-se o chá. E todos assegurámos que aquillo effectivamente era atroz.

— Está claro! Eu ás vezes me zango: "Gregorio, ponham-lhe Gregorio, pelo amor de Deus." Não querem.

Calou-se.

— Porque não tem apparecido ultimamente, João Valerio?

Num sobresalto, larguei a torrada, ergui os olhos anciosos para o outro lado da mesa, tornei a baixel-os, perturbado, e gaguejei:

— Nem sei, minha senhora. Por ahi, á toa... Occupações.

— Vi hontem, disse Victorino, duas figurinhas do Cassiano aleijado: um mendigo com a saccola e um S. Miguel com a balança. Muito bonitas.

Mas Nazareth interrompeu-o. Não se capacitava de que os trabalhos do aleijado prestassem:

— Um ignorante, um analphabeto...

— Só por isso? murmurou Luiza, que protege o Cassiano.

— Naturalmente. Elle não aprendeu esculptura.

— Eu achei as figurinhas engraçadas, arriscou Victorino. E quanto a não saber ler...

— Quem é bom já nasce feito, apoiou o reverendo. Vejam o Miguel Angelo. Agora mesmo, no livro dum francez...

Investiu contra Nazareth:

— E Tubalcain, homem, e Jubal, Noé, essa gente da Biblia? Quem ensinou o Noé a fabricar vinho? Ora o livro do francez... E a torre de Babel, a embrulhada das linguas? São factos, estão nas escripturas.

— Que diz o livro? perguntou Adrião.

— Diz muito, respondeu o director da *Semana*. E' dum francez extraordinariamente instruido. Sabe tudo. Aquellas embromações do Laplace... Nebulosas, potocas... Porque o Genesis... Emfim uma sabedoria immensa. Trata do sol, da lua, das estrellas, duns bichos brabos que existiram antigamente. Dinosaurios, seu Miranda? E' isso mesmo. E outros: megatherios, glyptodontes... Um monumento.

— Mas afinal, objectou Nazareth, que relação tem isso com os bonecos do aleijado?

— Relação? fez o vigario, espantado. Ora essa! Tem relação. Eu ainda não acabei.

Coçou a testa, afflicto, tentando recordar-se. De repente, com uma alegria infantil:

— Ah! sim! E' que ha no livro umas estatuetas desenterradas lá por onde Judas perdeu as botas, uns bisões que têm muitos milhares de annos. Optimos!

— O Dr. Liberato affirma que as imagens do Cassiano tambem são optimas, observei eu.

— O Dr. Liberato? inquiriu Adrião com azedume. Que entende disso o Dr. Liberato?

— Que entende? Deve entender. Não é medico? Se as imagens estivessem erradas, elle sabia.

— Pois era melhor que entendesse de medicina, replicou Adrião, descontente. Ainda não me deu uma receita que prestasse.

E com o beijo cahido, cheio de amargura, grande murchidão no rosto enxofrado, mastigou improperios em voz baixa. Em redor informaram-se do estado d'elle, com solicitude. Não melhorava. Uma peste! Referiu achaques complicados e deteve-se numa dorzinha renitente que se alojara debaixo da ultima costella esquerda. Houve um silencio compungido.

E eu pensei que o conhecimento daquelles pequeninos bisões de terra-cota afeiçoados pelos dedos rudes dum barbaro, ha millenios, numa caverna lobrega entre

penhascos, era para mim aquisição preciosa. Talvez eu pudesse tambem, com exigua sciencia e aturado esforço, chegar um dia a alinhar os meus cahetés. Não que esperasse embasbacar os povos do futuro. Oh! não! As minhas ambições são modestas. Contentava-me um triumpho caseiro e transitorio, que impressionasse Luiza, Martha Varejão, os Mendonça, Evaristo Barroca. Desejava que nas barbearias, no cinema, na pharmacia do Neves, no café Bacurau, dissessem: “Então já leram o romance do Valerio?” Ou que, na redacção da *Semana*, em discussões entre Isidoro e padre Athanasio, a minha auctoridade fosse invocada: “Isto de selvagens e historias velhas é com o Valerio.”

— Que ha de novo sobre Manoel Tavares? perguntou Adrião depois de um longo suspiro. Parece que está provado que foi elle, hein?

— Provadissimo, confirmou Nazareth. Vão ver que ainda desta vez o jury manda para a rua aquelle bandido.

E pormenorizou a novidade de resistencia: um sujeito assassinado enquanto dormia, enterrado num quintal, exumado depois de um anno, por acaso.

— Que a policia nunca teve intenção de prender Manoel Tavares. A policia não tem intenção. Foi um parceiro do assassino que brigou com elle e veio denuncial-o. O movel do crime? Vinte mil réis falsos e uma roupa de mescla. Tem ahi o padre Athanasio materia para escangalhar no seu jornal a policia, Manoel Tavares e o conselho de sentença que o absolver.

— Se absolver, resmungou o vigario. Um caso tão monstruoso...

— Absolve, não ha duvida. Está na rua, é protegido do Evaristo. E que me dizem desses artigos que estão sahindo na *Gazeta* contra o Mesquita?

— Terriveis! exclamou Victorino. Toda a sorte de

ridículos. Afinal o pobre homem não tem culpa de ser estúpido, se é estúpido.

Levantámo-nos. E iamso chegando á sala quando a campainha retiniu e pouco depois soaram na antecâmara os passos apressados do Dr. Liberato. Entrou, distribuiu apertos de mão, recusou o chá que Zacharias lhe trouxe, quiz saber da preciosa saude dos seus bons amigos. Apoderou-se do tabellião e dissertou abundantemente. A chegada de Isidoro interrompeu, muito a proposito, a amolação d'elle. O Pinheiro trazia um jornal enrolado:

— Leram?

Todos tinham lido, menos as senhoras.

— Tremendo! opinou Adrião.

— Horroroso! accrescentou Victorino. Estavamos falando nisso quando o doutor chegou. E eu dizia que o Fortunato não tem culpa...

— Esplendido! atalhou Nazareth erguendo os hombros, o que lhe augmentava a corcunda. Soberbo!

— Você é inimigo do Mesquita? perguntou Isidoro.

— Não, não sou inimigo de ninguem. Mas gosto daquella maneira de achincalhar um typo. A familia do Mesquita... Magnifico! Heroes que luctaram com os hollandezes! A generosçidade do Mesquita... Impagavel! Empresta cinco tostões a juro de cento por cento e espalha que fez favor. E as camisas do Mesquita, os collarinhos do Mesquita, a navalha de barba do Mesquita...

Como Luiza e Clementina estivessem afastadas, dirigiu-se ao Dr. Liberato e ao Pinheiro, baixando a voz:

— A navalha de barba... Repararam? Uma brincadeira safada. Perceberam? Uma pilheria de arrancar couro e cabelo.

— Você não tem coração, exclamou Isidoro.

— Eu? retorquiui Nazareth alegremente. Tenho um coração razoavel. Agora viver lamentando os males do

vizinho, não, principalmente se o vizinho é tolo. E os artigos estão bons. Muito progrediu elle depois que publicou os outros.

— Os outros? Então o senhor conhece o auctor dos artigos? extranhou o medico.

— Conheço.

— Quem é? interrogámos todos, excitados.

Nazareth estudou as caras em roda, com pachorra:

— Não sabem?

— Não.

— Nem suspeitam?

— Suspeitar o que! bradou Victorino. Não ha suspeita. Provavelmente aquillo é da redacção: algum dinheiro que o Fortunato recusou ao Brito.

— O Brito? Qual Brito! O Brito, coitado, metteu aquillo na *Gazeta*, mas nem leu.

— Quem foi? gritou padre Athanasio já com raiva. Se não queria dizer, não começasse.

— E eu não ia dizer, resistiu Nazareth. E' segredo. Emfim, como os senhores insistem e estou aqui entre amigos... foi o Evaristo.

Houve um momento de estupefacção. Em seguida atacámos o Miranda:

— Não é possível!

— Absurdo!

— Que lembrança!

— Foi elle, murmurou Nazareth sem se alterar. Juro por todos os santos...

— Não jure em vão, homem, retrucou padre Athanasio. O Barroca ha menos dum anno fez elogios daquelle tamanho ao Mesquita.

— Perfeitamente, concordou Nazareth. Mas foi elle. Lambeu os pés do Mesquita e chegou a deputado. Hoje procura derrubal-o. Derruba.

— Tem certeza? indagou Isidoro.

— Como tenho certeza de que dois e dois são qua-

tro, como tenho certeza de que o som diminue á medida que a distancia...

— Deixe lá o som, deixe a distancia, atalhou Adrião. O que nos interesse é o Barroca. Se foi elle, é um miseravel.

— Nem por isso. Não precisa mais do outro.

— Talvez o senhor se engane, aventurou o medico.

— Qual nada! O Mesquita está no chão. Não dou tres vintens por elle. Se o Evaristo visse que não o deitava abaixo, não escrevia aquillo.

Calámo-nos impressionados, menos pelas palavras de Nazareth que pela maneira como elle as dizia. Vendolhe a cabecinha calva, os olhos inquietos, brilhando como contas de vidros, a ponta da lingua a remexer-se, humedecendo os beiços delgados, recuei instinctivamente, como se elle me pudesse morder.

Fugi para a varanda. Veio do piano um tango arrastado. Accendi um cigarro. As notas diluiam-se no barulho da usina electrica.

Na calçada do armazem fronteiro duas mulheres iam e vinham; á direita vultos esquivos esgueiravam-se para o Pernambuco Novo; á esquerda um automovel rodava silencioso; em frente, além da estrada da Lagôa, negra áquella hora, tremiam ao longe pequeninos pontos luminosos.

Voltei-me. Tornava a contemplar Luiza, occulto por detraz das cortinas, enlevado, enquanto lá dentro as conversações zumbiam.

— Joguem uma partida de xadrez, pediu o Dr. Liberato. Vamos apreciar isso.

Adrião sentou-se á mesa pequena, sob o lustre, e começou a dispor as peças no taboleiro; Nazareth, defronte d'elle, estendeu-lhe as mãos fechadas, a sortear as cores:

— Peão de dama, hein?

Lá estava, grande e loura, correndo os dedos pelo

teclado, indifferente e esquecida, como se, em vez de me achar ali, trincando um cigarro, eu me conservasse ar-redio, num quarto de pensão, compondo chronicas para a *Semana* ou sonhando com o bergantin de D. Pero. Via-a — e os desejos accordavam.

Nazareth e Adrião volviam as peças com rancor. O Dr. Liberato seguia os lances da partida sem interesse. Padre Athanasio e Isidoro cochichavam. Victorino dormia.

Agora não era tango, era mazurka. Se Luiza me amasse, eu daria por ella de bom grado um milheiro de Marthas, um milhão de Clementinas.

— Essa é boa! gritou Adrião. Dois bispos nas linhas brancas!

— E' verdade! Que descuido! exclamou Nazareth tentando justificar-se.

E houve em redor do taboleiro um debate medonho. Approximei-me, affectei uma curiosidade desenxabida:

— Então? Dois bispos?

— Em casas brancas! travejou Adrião. Viu que ia perder e tirou um bispo do lugar.

Nazareth, sem se offender, alvitrou que se reconstituisse o jogo.

— Não é possível. Quem sabe lá em que ponto foi isso?

— Um engano.

— Queengano! Você é cego?

Deram a partida como nulla, iniciaram outra. E logo no principio Adrião, irritado, deixou sem defesa um peão do centro, perdeu-o, moveu a dama expondo o rei a cheque de cavallo antes de rocar e soltou uma praga.

— Oh Pinheiro, recite uma poesia, pediu Victorino, bocejando.

Isidoro desculpou-se, estava rouco.

Luiza interrompeu a mazurka e quiz ouvir Clementina. Todos applaudiram, menos Adrião, que rosnavava, e Nazareth, que amiudava os cheques. Mas Clementina relutava, debatia-se, enroscava-se. Emfim cedeu. Encostada ao piano, pallida, sussurrou um cantiga lamuriante. Foi até o fim sem um gesto, e logo que terminou, já alheia ao compasso, voltou a sentar-se, agradeceu com os olhos humidos as palmas que lhe demos e enroscou-se mais.

Eram dez horas. Zacharias entrou com uma bandeja. Adrião, que só tinha duas peças grandes, levantou-se furioso:

— Abandono. Vamos ao café. Dama e torre. Mate de torre e dama. Não passa d'ahi.

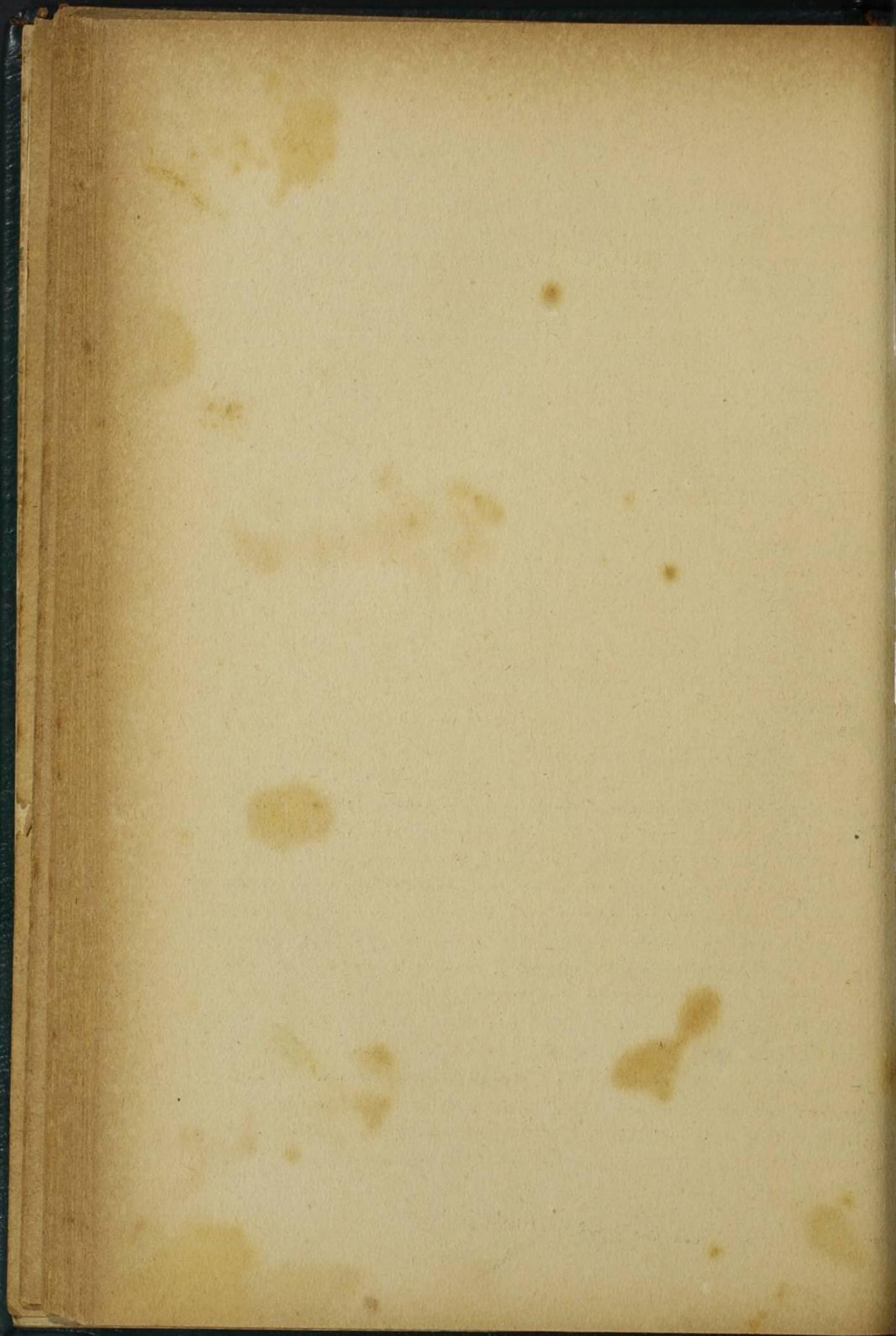
— Temos então o homem definitivamente grudado a Palmeira, hein Miranda? perguntou Victorino recebendo a chicara.

— Quem?

— O Barroca. Se é verdade o que você pensa, naturalmente ha de rebentar por aqui qualquer dia, desmantelar essa geringonça, fazer de novo. Agarra-se como sanguessuga. Eu só tenho pena do pobre do Xavier.

— Aqui é que elle não fica, disse Nazareth. Vem, toma conta das posições, colloca os amigos, deixa um testa de ferro, o Cesario ou o administrador, dirigindo a entrosa e volta. Depois apparece, dá uma vista ás propriedades, ao gado, aos eleitores e torna a voltar. Não fica. Aquillo é ambicioso, trepa. E se os senhores tiverem alguma pretensão, peguem-se com elle. Aceitem o meu conselho: peguem-se com elle.

Estava satisfeito com a queda do Mesquita e desesperado com a victoria do Barroca. Falava cortando as palavras, constrangido: o exito dos outros acabrunha-o.



Voltei. Às quintas e aos domingos lá ia encontrar os mesmos individuos discutindo os pequeninos acontecimentos da cidade, tão constantes que a ausencia de um delles prejudicava a harmonia do conjuncto.

Às vezes, tempestuosa, surgia D. Engracia, de vastas roupas negras, botinas de elastico, mantilha e guarda-chuva. Como tinha trinta contos em deposito no armazem dos Teixeira, dispensavam-lhe attentões especiaes. Terrivelmente indiscreta, censurava, diante de Luiza, os decotes baixos e os cabellos curtos, immoralidades, e dizia a Clementina que hysterismo é descaramento. Esquadrinhava tudo, mettia em tudo o rosto de fuinha, e se alguma coisa via que lhe desagradasse, desembuchava logo. Aggressiva e espalhafatosa, falava como se quizesse espetar a gente com o nariz em bico. Detestavam-na, mas temiam-lhe a lingua. E era geralmente respeitada. Quinhentos contos em terras de café e algodão, predios, letras, acções da Cachoeira e da Fernão Velho.

Vinha sempre com ella a pupilla, seria, de collarinho alto e mangas que lhe chegam aos pulsos. Vestese assim por causa da madrinha. Percebe-se que não revela o que tem dentro. Confrontando-a com Luiza, notava entre as duas uma differença enorme.

Luiza era franca — movimentos decididos, riso claro, grandes olhos azues que lhe deixavam ver a alma. Tive a impressão extravagante de que ella andava núa. Sahiam-lhe nús os pensamentos. E os vestidos escassos apenas lhe cobriam parte do corpo, bello, que se poderia mostrar inteiramente nú.

Luiza era boa, de uma bondade que se derramava sobre todos os viventes. Sou apenas um insecto, mas, para insecto, recebi tratamento exaggerado.

Luiza era pura. Imaginei que nunca um desejo ruim lhe havia perturbado os sonhos.

Foi assim que pensei. Entretive-me durante um mez a ornal-a com abundancia de virtudes raras. Além das que ella possue, e que são muitas, dei-lhe as outras. E lamentei que o meu espirito minguido não pudesse conceber perfeições maiores para jogar sobre ella. Nisto se exauria o esforço de que sou capaz. Devaneava — e nem sabia exprimir-me. Emquanto os amigos em volta da mesa parolavam, eu ficava em silencio, recolhido, sem nada ouvir, contemplando-a.

Pouco a pouco a minha confusão se dissipou. Luiza me dizia coisas lindas, que eu escutava enlevado, procurando um alcance que não tinham e que cheguei a descobrir.

Diante das visitas, era reservada: não ia além de uma ou outra phrase risonha lançada na conversação. Em familia, tornava-se expansiva. E' o que se observa entre as senhoras do Nordeste. Como os homens aqui são indelicados e não raro brutaes, ellas se esquivam, timidas.

Ás vezes Luiza se revoltava. E era sempre em razão de uma desgraça que não podia supprimir. Atirava tumultuosamente expressões confusas, que traduziam idéas justas, com certeza, e bons sentimentos, porque eram della. Falava do sapateiro que tem a mulher tísica e uma ninhada de filhos:

— Está lá na tripeça, batendo. E os pequenos esfarrapados, sujos... Ouço d'aqui as pancadas do martello e a tosse da mulher. Vocês não ouvem?

Ninguem ouvia.

— Os pés inchados, tão amarellos, as roupas immundas!

Adrião erguia os hombros com enfado:

— Que nos interessa isso, filha de Deus? O homem ganha a vida, é natural. Deixal-o.

— Mas é que morre de fome! Vocês sabem lá o que é ter fome?

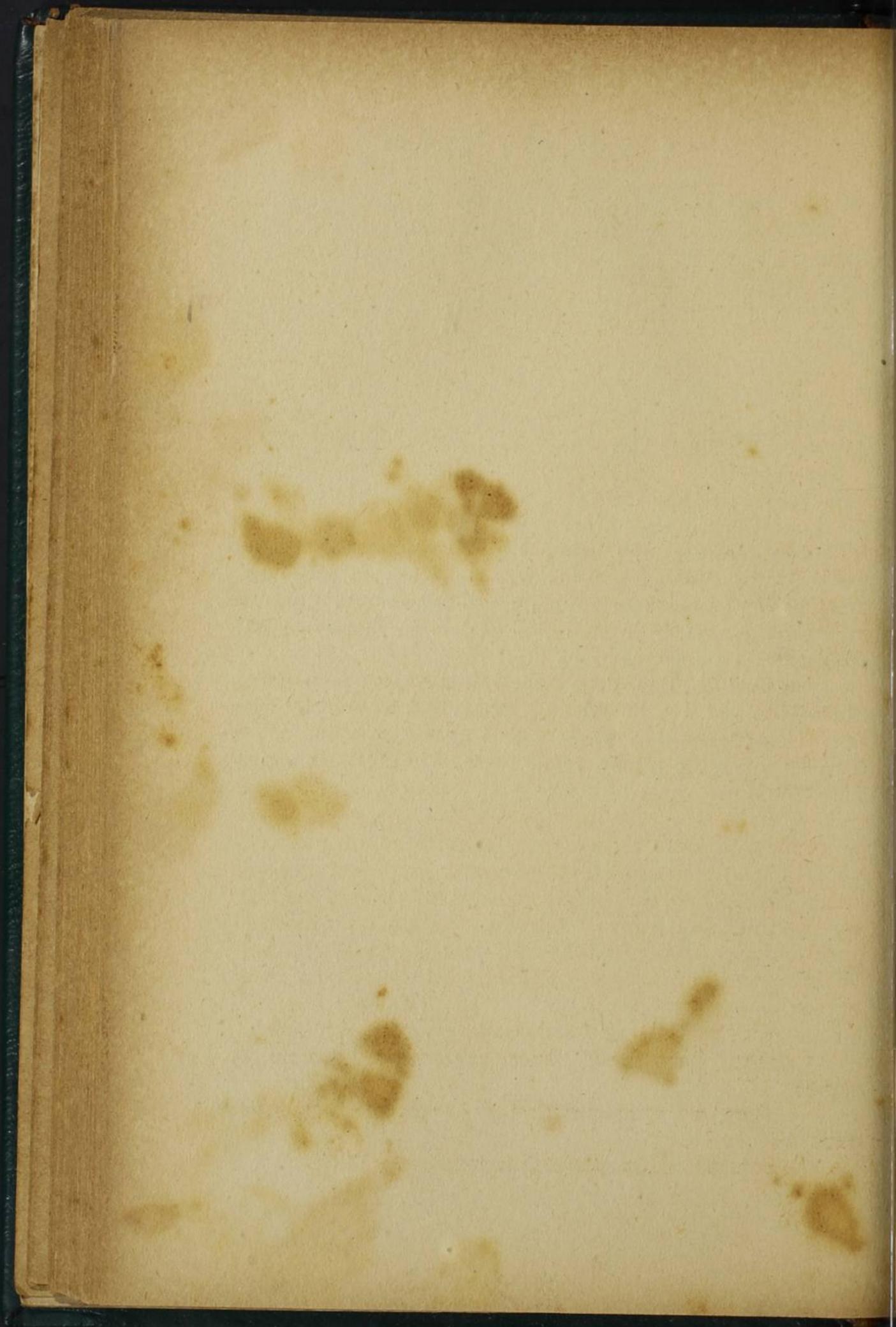
Manifestei-lhe um dia a minha surpresa:

— Não sabemos Com effeito, não sabemos. Mas a senhora tambem não sabe. Deve padecer muito. Faz pena. Afinal não é o unico.

Levou as mãos ao estomago, deitou-me uns olhos que me espantaram, e julguei que até as dores physicas do desgraçado passavam para ella.

— Aquillo doe, deve doer muito. Uma casa nojenta! E' duro! Ha lá crianças núas.

Comprehendi a razão por que Luiza não confesou ao marido a minha temeridade. Uma criatura como ella não aggravaria nunca o soffrimento alheio.



X

Uma noite de lua cheia, no banco do jardim, Victorino me acirrou a paciência com a exposição arrastada e nasal dos meritos da filha, que deixara o Coração de Jesus, onde ensinava pintura. Estive a escutal-o uma hora.

Luiza veio descansar numa cadeira ao pé de nós. Quando Victorino se retirou, depois duma extensa relação de quadros, disfarcei o meu enleio a observar as manchas dos tinhorões. Mudo e constrangido, levantei-me também.

— Já se vai embora, João Valerio? perguntou Luiza com tanta simplicidade que tornei a sentar-me.

Sobre os canteiros espalhou-se a sombra duma nuvem. Lembrei-me dos beijos que dei no pescoço de Luiza, imaginei que nunca teria coragem de lhe falar naquillo. Reappareceu o luar. E, sem preparar-me, balbuciei, com os olhos na platibanda do armazem fronteiro:

— Eu lhe devo uma explicação. Veja a senhora...

Calei-me, perturbado, tentei moderar a violencia do coração.

— Nem sei como principiar. Nem sei o que vou dizer...

— Pois não diga, murmurou Luiza.

Procurei decifrar-lhe a intenção, o que não consegui. Perfeitamente socegada.

— Tem razão.

E senti um immenso desalento.

— Mas essa generosidade é terrível! desabafei quasi colerico.

— O Valerio está exaltado. Não pensemos mais nisso.

— Não pensar? E' o meu pensamento. A senhora depositou confiança em mim... Sou um canalha. O que eu queria era saber porque me trata dessa fórma. Porque é?

Ella não respondeu. Olhou desattenta as grades do jardim, as folhas das palmeiras, o lago do centro, pequenino, que tem á margem a estatueta desconsolada duma garça.

— Quando voltei, não esperava ser recebido assim. Fala commigo como se eu prestasse. Porque?

Esqueci a explicação a que me havia referido, fazia-lhe perguntas que nunca suppuz fazer. Ella pareceu accordar, passou a mão pela fronte:

— O Valerio é uma criança, é como se fosse nosso filho. E desde que está arrependido...

— Quem lhe disse isso? Filho! Que brincadeira! Somos da mesma idade. Não me entende. O desgosto que lhe causei... Vivo acabrunhado. E foi aquelle o unico momento feliz que tive.

— Essa confissão é uma indignidade! exclamou Luitza com um rigor que não achei natural.

— E', concordei. E a senhora vai perdoar, já perdoou. Era melhor que me expulsasse de sua casa. Veja-a, e não me cango de vel-a. Antes de dormir, sonho... Nem sei... Sonho que morreria contente se lhe desse um beijo.

— Cale-se, fez ella com um leve tremor na voz.

— E a senhora sorri, quando eu chego. Acha-me tão miseravel... Nenhum resentimento...

— Pobre rapaz! disse Luiza baixinho. Deve ter soffrido muito.

Brilhavam-lhe nas pestanas traços de lagrimas, o que me causou violenta commoção.

— Porque havíamos de ficar inimigos? proseguiu. Uma leviandade sem consequencia... Vive aqui ha cinco annos.

— Não, não é isso. Eu me explico.

— De certo, atalhou ella rapidamente. Vou auxiliá-lo. Ha por ahi muita moça. A Clementina, coitadinha...

— A Clementina? Quem lhe pediu essa substituição? E' a senhora que eu amo, a senhora, a senhora.

Ella ergueu-se de chofre:

— Fiz mal em ouvir essas loucuras, muito mal.

Afastou-se, quasi suffocada. Compreendi então que estava num banco de jardim. E espantei-me de encontrar em redor tudo em ordem. A lua andava brincando com as nuvens, como se aquelle extraordinario acontecimento não alterasse a harmonia do universo. Moviam-se levemente os tinhorões. A fachada do armazem fronteiro não se tinha desmoronado. E a garça de bronze, á beira d'agua, levantava a perna inutil com displicencia, mostrava-me o bico num conselho mudo, que não percebi.

Na rua, apesar da apparencia calma do mundo exterior, pareceu-me que havia em qualquer parte um cataclysmo. E' possivel que naquelle momento alguma operação se realizasse no meu cerebro. Não tive disto nenhuma consciencia, apenas sei que duas ou tres phrases me feriam os ouvidos, com obstinação. Ouvi distintamente alguém invisível dizer-me: "Pobre rapaz! Tem soffrido muito." Passados instantes, a mesma voz con-

tinuou: "Porque havíamos de ficar inimigos? Uma leviandade sem consequencia..."

A' entrada do Pinga-Fogo, o administrador da recebedoria cumprimentou-me, parou:

— Faz o obsequio de me dar o seu phosphoro?

Não retribui o cumprimento e attentei naquelle ser fantastico, alto, magro, de preto e de gravata branca.

— Pedi-lhe phosphoros. Faz favor...

Metti a mão no bolso, machinalmente, dei-lhe a caixa de phosphoros.

"Pobre rapaz! Deve ter soffrido muito..." martellou-me a voz aos ouvidos. E pensei nas martelladas do sapateiro, que Luiza ouve.

A' esquina da rua Floriano Peixoto, o Neves pharmaceutico, apertado num velho fraque de golla ensebada e roído de traças, perguntou-me se não ia ao baile da prefeitura. Balancei a cabeça negativamente e achei o Neves absurdo.

— Festança grossa, resmungou o boticario com animação frouxa no carão chupado. E' conveniente ir, agradar o Barroca. Esse sarapatel de politica... Vai o mundo abaixo. O Mesquita passou o exercicio ao Mendonça.

O Mesquita, sim. Era possivel que houvesse um Mesquita, um Barroca, um Mendonça, outros individuos talvez. Não sabia para onde me encaminhava. Ia provavelmente á redacção da *Semana*, mas, ouvindo musica para os lados da praça da Independencia, endireitei para lá, sem me despedir do Neves.

A' entrada do beco do Leite, Nicolau Varejão e Silverio commentavam a mudança do destacamento policial e a demissão do promotor.

Havia agora alguma ordem nas minhas idéas. As palavras de Luiza acompanhavam-me. Consegui dar a ellas uma significação, o que ainda não tinha podido fazer.

No largo, muito tempo fiquei encostado á esquina da padaria, olhando as portas fechadas dos estabelecimentos commerciaes, as bandeiras de papel esvoaçando em honra de Evaristo Borroca, a frontaria salpicada de luzes do paço municipal.

Nas trevas do meu espirito faiscavam milhares de vagalumes. Porque me deixara Luiza entrar, depois de longa ausencia, na intimidade do casarão dos Italianos? Que podia ella esperar de mim? "O Valerio é como se fosse um filho." Desproposito! Depois a lembrança de querer impingir-me a Clementina! E hesitação, ambiguidade...

Approximei-me vegarosamente do local da festa, cheguei-me a uma das janellas, onde o *sereno* affluia.

Poucos pares. Nas cadeiras, senhoras graves, de ar bicudo: D. Eulalia Mendonça e as duas filhas, as xiphopagas, como lhes chama o Dr. Liberato, porque andam sempre juntas; a mulher do juiz de direito; D. Josepha Teixeira, muldinha, lourinha, a unica que parecia á vontade, linda muchacha, conversando com uma criatura agreste, sardenta e de tromba; Clementina, outras. Pelos cantos, individuos contrafeitos numa elegancia precaria: Miranda Nazareth, mais magro, mais curvado, de queixo mais agudo; o juiz de direito; Victorino, cabisbaixo, somnolento; o Monteiro agiota, com a barba crescida; Mendonça pae, que é Cesario, e Mendonça filho, que é Valentin; eleitores bisonhos, os membros do conselho, sujeitos desconhecidos, de Quebrangulo e Sant'Anna do Ipanema. Aprumado e enca-sacado, Evaristo Barroca discorria com o delegado regional.

No apertão que havia na calçada Maria do Carmo assevera ao regente da philarmonica:

— Todo o mundo sabe que eu sou uma mulher honesta.

O regente da philarmonica afastou-se della e per-

guntou a Xavier filho se o Mesquita estava na fazenda. Xavier filho explicou que elle se havia mettido em casa, porque D. Guiomar adoeecera, que não precisava de politica para viver e que aquella mudança era um beneficio que lhe tinham feito. O outro concordou. E quiz saber se eu pertencia ao partido do Dr. Barroca.

— Uma mulher honesta, repetiu Maria do Carmo. Não sou disso, todo o mundo sabe.

Retirei-me, atravessei o Quadro, entrei no café Bacurau.

Porque me dissera Luiza aquellas palavras equivocadas?

— Que é que vai, seu Valerio? gritou Bacurau, que estava trepado numa escada, desceu quando me viu. Cerveja?

— Cognac.

Elle trouxe a garrafa e voltou-se para Isidoro, que entrava:

— Cognac, seu Pinheiro?

— Café, bacurônico amigo, respondeu Isidoro sentando-se á minha mesa.

E logo me interpellou com azedume:

— Então não vai, hein?

— Não.

— Pois é tolice. Podia encontrar occasião de falar com a Martha, que deve ir para lá. Olhe.

Apontou Martha Varejão, que sahia do convento, em companhia da madrinha.

— Para que diabo quer a D. Engracia um guarda-chuva a esta hora, com um luar deste? perguntou noutro tom.

Bebeu o café, pagou, levantou-se:

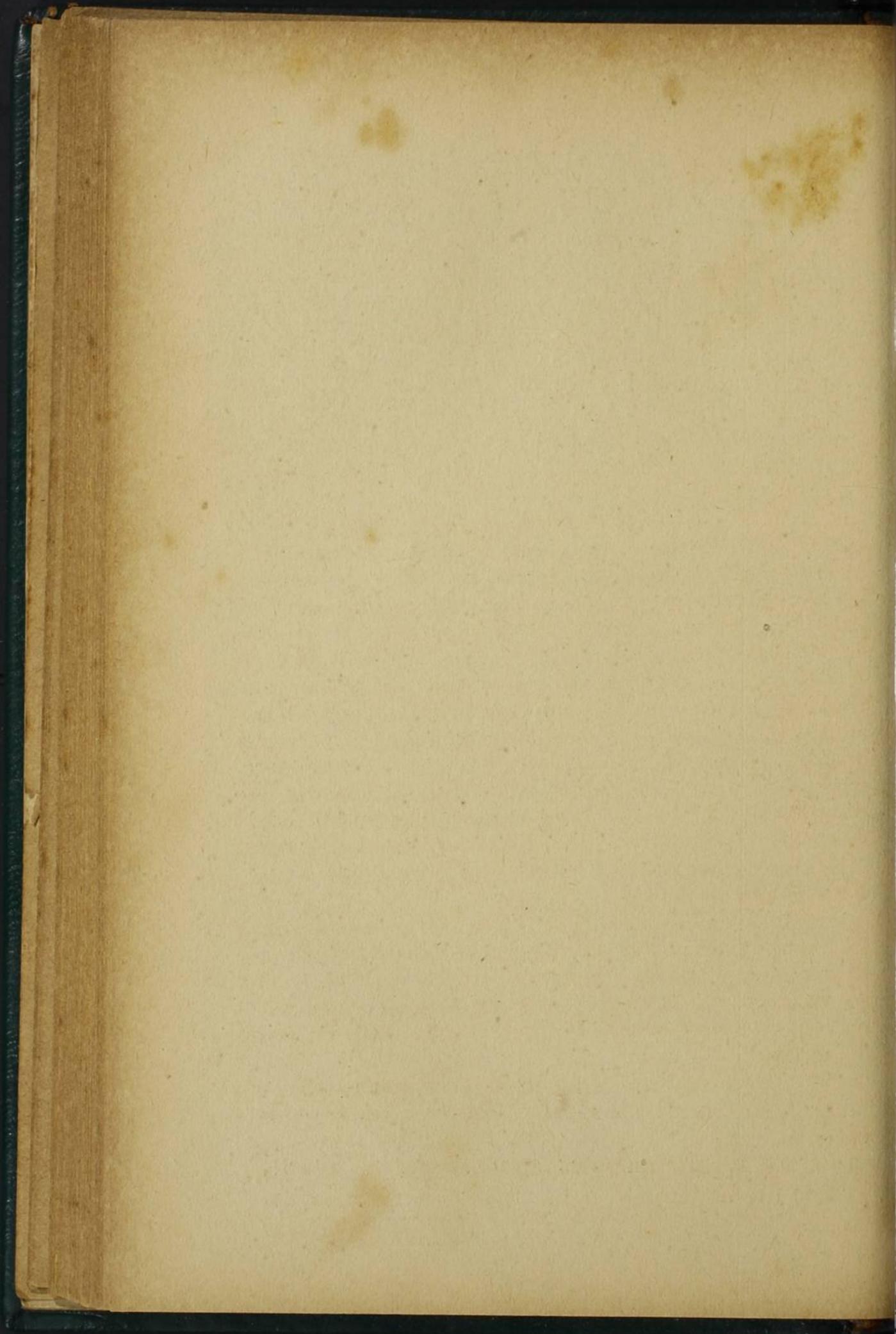
— Não nos poderá arranjar uma beberagem menos indecente, Bacurau? A vida inteira este café marca peste para dar aos freguezes, homem! Muito perde você, João Valerio.

— Não perco nada. Que me importa essa corja?

— Quem? O Evaristo...

— Todos. Uns malandros.

— Que entende você disso? exclamou Isidoro com severidade. Política é escripturação mercantil? Ainda hoje me dizia o Miranda... Não venha com os seus modos de troça, que o Miranda está no segredo da política. Conhece tudo, tem faro, fique sabendo. E adeus, vou metter-me naquelle fox-trot. Eu dou o cavaco pelos fox-trots. *A rivederci*, como diz o Paschoal.



X I

O Dr. Liberato, de perna estirada, mostrando a meia de seda preta, a esmeralda no indice pedagogico, acabava de contar a historia dum collega d'elle que, em exame de anatomia, tinha dito do utero: "E' o laboratorio da humanidade."

Não achámos graça, espéramos que o narrador continuasse a anecdotia, e quando vimos que estava concluida, affectámos um risinho inexpressivo. Nazareth, que ouvira distrahido, riu fóra de tempo, e padre Athanasio, encostando as orelhas aos hombros, declarou que a definição não deixava de ser justa: o utero era áquillo mesmo. O doutor, meio desorientado, com as lunetas faiscando de indignação, tentou explicar-nos que o utero é um organ situado...

Calou-se, porque á portinhola da grade assomou D. Josepha Teixeira, gordinha, com duas covas no rosto vermelho, risonha e cumprimenteira, em companhia da rapariga sardenta que estivera com ella dias antes no baile da prefeitura. Vinha encommendar um cento de cartões.

— Cartões? disse o reverendo levantando-se. Perfeitamente. Cartões! sargento. Façam o favor de sentar-se.

Como as cadeiras eram insufficientes, eu e o viga-

rio ficámos de pé. O sargento trouxe a collecção de amostras.

Emquanto as senhoras escolhiam, approximei-me de Isidoro, olhei a noticia que elle preparava: “Deunos o prazer da sua encantadora visita a senhorita Josepha Teixeira, dilecta filha do abastado commerciante e nosso particular amigo Victorino Teixeira, que nos encantou em deliciosa palestra com os sublimados dotes do seu espirito.”

O noticiarista levantou a penna e atirou-me ao ouvido:

— Este *sublimados* aqui não está mau, hein?

— Está optimo. Está igual ao Camões. Mas como você fez, parece que a conversa foi com o Victorino.

— Ora essa! Realmente! exclamou Isidoro desapontado. Desmanchar tudo!

— Não é preciso, sussurrou padre Athanasio, que se acercara, lera o periodo. Deite um ponto no *Victorino Teixeira*, corte o *que* e metta depois *A visitante*. Prompto. *A visitante* sem virgula, é melhor sem virgula.

Louvei sinceramente a intelligencia de padre Athanasio e aconselhei tambem:

— Acho bom supprimir o *encantou*, que já ha uma *encantadora* atraz. Ponha *captivou*, fica esplendido. E a *senhorita*, risque a *senhorita*, para não rimar com *visita*. Escreva *D. Josepha Teixeira*, como nós chamamos. Deixe a *senhorita* para a outra.

O jornalista aceitou os conselhos.

— E a outra? Quem é a outra?

Abeirei-me da mesa, onde a escolha se eternizava. Não descobriam typo que agradasse.

— Como se chama essa sua companheira? perguntei em voz baixa á Teixeira moça.

Dão-lhe este nome para distinguil-a duma cria-

tura que tambem é Teixeira, mas de familia differente: D. Emiliana Teixeira, a Teixeira velha.

D. Josepha poz termo á encommenda e apresentou D. Priscilla Fernandes, professora do Coração de Jesus. Isidoro, que não ouviu, interrogou-me com a cabeça.

— Priscilla, segredou-lhe o director da folha. D. Priscilla Fernandes, D. Priscilla com dois *ll*.

A Teixeira, que se ia embora, voltou da porta, convidou sorrindo:

— Já me ia esquecendo. Vão jantar todos lá em casa amanhã.

Nazareth extranhou o convite:

— Todos? Que é que ha no Pinga-Fogo? E' festa?

— E' o anniversario do papae.

— Essa agora! bradou o Pinheiro com uma palmeada na testa. Que memoria a minha! Pois eu tenho tudo isto annotado.

Abriu a gaveta da banca, tirou um registro, folheou-o:

— Exactamente, vinte e um de Dezembro, está aqui. Onde ando eu com a cabeça? A senhora cahiu do céo, D. Josepha.

Poz um linguado sobre a pasta e entrou a redigir vagarosamente.

— Ás quatro horas, accrescentou a Teixeira. Um cento, reverendo, com enveloppes. Quatro horas.

Despediu-se mostrando os dentinhos brancos. D. Priscilla Fernandes tambem nos deu um sorriso trombudo. E partiram.

— Era o que faltava! exclamou Isidoro. Deixar de publicar o anniversario do Victorino, um amigo!

Apanhou sorrateiramente o dictionario e, com elle nas pernas, fez uma consulta rapida. Emendou a ultima linha e chamou o compositor:

— Sargento, olhe isto. Entrelinhado, corpo dez, no principio das *Sociaes*.

O typographo calculou:

— Não ha espaço. Estão impressas tres paginas. Não ha espaço. Salvo se eu retirar o annuncio dos callos.

— Retire, concordou padre Athanasio. O annuncio dos callos é pequeno, não serve de nada. Retire o annuncio dos callos.

— Como ia dizendo, recommçou o Dr. Liberato, o utero...

— O doutor já disse, atalhou Nazareth. Orgam da gestação... Isso mesmo, em fórmula de pera, o doutor já disse.

E quiz saber de quem era o artigo sobre a caridade que sahira no domingo anterior. Como não era de nenhuma das pessoas presentes, achou aquillo, com franqueza, um disparate.

— Exaggero! opinou Isidoro. O artigo está bom, o auctor conhece grammatica.

— Quem se importa com gramatica? O fabricante daquella xaropada é um idiota.

— Porque defende a caridade?

— Por tudo. Um phonographo.

— Mas a caridade... arriscou padre Athanasio.

— Os senhores são incoherentes, gritou Nazareth. No mesmo numero vinha uma columna reclamando a intervenção da policia contra a mendicidade. Reclamação justa, porque enfim todos nós reconhecemos... Nada disso, padre Athanasio. Que prestimo tem essa gente?

Como a columna havia sido feita por mim, achei o tabellião Miranda um sujeito de senso.

— Que utilidade tem essa recua? proseguiu elle. Eu queria ver tudo morto. Pode ficar tranquillo, não se perdia nada. A euthanasia...

Mas o Dr. Liberato se declarou inimigo da eutha-

nasia. Abusou de expressões scientificas e allegou a fragilidade dos conhecimentos humanos. Nazareth, que escutara esbrugando o pollegar com os dentes, applicou-lhe, quando elle se calou, razões desconcertadoras. Embrenharam-se numa discussão difficil, e ninguem os poude acompanhar. Isidoro rabiscou um pedaço de papel, escondeu-o no bolso, e o vigario, que examinava pensativo a cabelleira revolta do medico, aproveitou uma brecha na polemica, manifestou-se:

— Tudo isso está muito bem, mas, digam lá o que disserem, a caridade é a caridade, e ninguem me tira disto. Os senhores não ignoram que o Evangelho... Perfeitamente, o Evangelho, e porque não? O Evangelho! Uma revista que li... Afinal a revista não influe no caso. Mas veja a historia da mulher adultera, seu Miranda. Veja a scena em casa de Simão, o phariseu. Veja o bom samaritano.

— Qual phariseu! bradou Nazareth. Qual samaritano! Não ha samaritano, o que ha é uma sucia de vagabundos que exploram a gente e merecem cacete. E chegou a proposito o Nicolau Varejão, que vai falar sobre o bom samaritano.

— Hein? que samaritano? inquiriu Nicolau Varejão entrando. Quem é elle?

— Um bodegueiro que mora na banda de lá do açude, explicou o Miranda. Existiu antigamente na Palestina e forneceu assumpto a S. Lucas. Mas faz muito tempo, foi noutra encarnação.

Nicolau, que tem medo do vigario, não gostou da pilheria e enrugou a cara, resmungando evasivas covardes. Não conhecia S. Lucas, sempre fôra bom catholico, assim Deus o ajudasse, e espiritismo era com o pharmaceutico.

Padre Athanasio encarou-o erguendo os hombros, mas nós o acolhemos ruidosamente. Isidoro deu-lhe a

cadeira e sentou-se na mesa. Porque se estava vendendo tão caro? A presença d'elle naquella casa era uma necessidade para todos, era como um bando de alegria que a alma da gente tomava. Ouvindo falar em banho, olhei as mãos de Nicolau, horrivelmente sujas.

— E' bondade dos senhores, fez elle já desanuviado, escanchando-se na cadeira, cruzando os braços sobre o encosto. Que vale um pobre como eu?

— Modestia! Gritou Isidoro. O senhor tem uma imaginação baita. Ia agora contar aos amigos aquillo de hontem á noite, no Bacurau. Fiquei impressionado, seu Varejão.

— Sim? acudiu Nicolau radiante. Pois eu apenas repeti as informações dos jornaes. Foi um caso divulgado, rolou por este Brazil todo. Os senhores com certeza leram. O *Correio da Manhã*, o *Estado de S. Paulo*, outro de nome arrevezado, publicaram. E eu, que não gosto de propaganda, até me acanhei.

— Conte lá isso, pediu Nazareth.

— Já vocês começam, intrometteu-se o vigario, incapaz de zombaria.

Ninguem lhe deu ouvidos.

— Vamos, tornou o Miranda.

Nicolau Varejão tomou a palavra:

— 1922 foi um anno safado, o principio dessa encenca de revolução. O tempo que passei no Rio...

— Esteve no Rio? inquiriu o Dr. Liberato.

— Em 1922. Fui vender papagaios. Garantiram-me que era bom negocio, mas a bordo morreu tudo. Papagaio a bordo morre, é um bicho desgraçado para morrer depressa. Desembarquei com o bolso limpo e não pude ganhar dinheiro para voltar. Andei por lá uns mezes, de tanga, procurando passagem, comendo da banda podre. Veio o furdunço. E, como não tinha que fazer da vida, peguei no pau furado.

— O senhor entrou na revolução? perguntei.

— No forte de Copacabana. Estava mesmo disposto a suicidar-me. A bandeira cortada, lembram-se? Os jornaes publicaram. Quando os rapazes sahiram da fortaleza, eu ia na frente, com um pedaço de panno amarrado no braço. *Ordem e Progresso*, imaginem! Aqui, no braço direito. Já viram algum combate?

Não, graças a Deus.

— Então não fazem idéa. As balas choviam por toda a parte: zum, zum, zum... Depois da briga, apanharam um bando de alqueires dellas. Os senhores devem ter lido.

Ninguem tinha lido. E o resto?

— Ah! Foi o diabo, por detraz dos saccos de areia. Matámos soldado á bessa. Cahiam ás pencas, nunca vi tanto defuncto. Só deixei de atirar quando não tinha força no dedo para puxar o gatilho.

Accendeu um cigarro.

— Findo o combate, deitaram-me na padiola. Mais de cincoenta ferimentos. Aqui por cima não, mas da barriga para baixo era uma peneira. Nem sei como escapei. O Calogeras, que estava junto, segurou-me a cabeça e recommendou: "Cuidado com o homem!" no dia seguinte o Epitacio visitou-me no hospital e reprehendeu-me: "Pois você, seu Nicolau, um sujeito de coragem, virar maluco!" E eu respondi: "E' verdade, seu presidente, o mundo é um pau com formigas." Os senhores não leram nas folhas?

— Espere! Atalhou o Dr. Liberato. Assim é demais. Isso foi com o Siqueira Campos.

— O Siqueira Campos? replicou o heroe indignado. Então o senhor não leu a *Gazeta de Noticias*. Foi comigo. O Siqueira Campos! Tinha graça! Elle tambem andou lá, bom camarada, valente como cachorro doido. Ahi está uma prova.

E deu as costas.

— Que prazer sentem vocês em bulir com essa cria-

tura? disse o vigario. E' uma falta de caridade. Ora vejam. Estavamos falando de caridade.

— Não sei, padre Athanasio, respondi. Gosto delle. E tenho a impressão de que tudo aquillo é verdade.

— Talvez seja, murmurou Nazareth. Talvez seja uma verdade como as outras.

— Ahn! grunhiu Isidoro.

E olhou com ar enfasiado as biqueiras dos sapatões quarenta e dois. O tabellião e o doutor embrenharam-se numa cavaqueira cerrada. O reverendo escutava com os bugalhos attentos fixos nelles, balançava a cabeça, diligenciando comprehender. Achei a conversa muito philosophica, pensei em Adrião, despedi-me, arrastei o Pinheiro, que estava quasi a dormir.

Accenderam-se as lampadas da iluminação publica.

— Preciso fazer um brinde amanhã, no jantar do Teixeira, rosnou Isidoro. Que palavras exquisitas elles arranjam!

Tirou do bolso um papel, chegou-o aos olhos:

— Que diabo quer dizer euthanasia?

Eu tambem não sabia.

X I I

Quando me ia acabando de vestir para o jantar de Victorino, Isidoro entrou, já prompto:

— Descobri agora que o Paschoal esqueceu o italiano. Esqueceu tudo.

Paschoal, zangado, gritou do quarto que ainda se recordava de *sporco, vigliaco, birbante*. E para demonstrar melhor os seus conhecimentos, largou-lhe uma expressão obscena, em italiano também. Isidoro, optimo, sorriu sem se offender e poz-se a escovar as abas immensas do chapéo. Avivou o lustre dos sapatos com uma camisa que encontrou num canto e penteou-se, puxando para a testa os cabellos, que lhe vão escasseando. Depois chegou á porta:

— O Dr. Liberato já veio, D. Maria?

— Não, senhor. O Xavier diz que a moça está peor.

— Que diabo! exclamou Isidoro. Um companheiro de menos, um companheiro tão bom! E não preparei o brinde. Falo de improviso. Você não acabará de amarrear essa gravata, homem?

— O doutor não vai?

— Julgo que não. Está em casa do Mesquita. E' por causa da Guiomar, que adoeceu. Tenho pena do Mes-

quita, boa pessoa. Fizeram-lhe muita picuinha, muita canalhice. Politica é uma desgraça. Você está prompto?

Sahimos. Quando dobravamos a esquina da padaria, Isidoro quiz ir ao Bacurau, comprar cigarros. Lá chegando, sentou-se, consultou o relógio, pediu cognac. E, emborcando o calice:

— Que é que eu digo no improviso? Dê-me uma idéa, estou inteiramente oco. Uma suggestão qualquer. Não? Que maçada! E eu que desde hontem tinha o projecto de escrever o diabo do brinde! Acabou-se, fica para o anno vindouro, se o Victorino for vivo.

— Maçada vamos aguentar lá, que os jantares delle são funebres. A mulher paralytica, e tudo escuro, tudo fechado...

— Isso é quando a D. Josepha não está ahi. Agora que veio do collegio, é outra coisa. A proposito, você viu como a Teixeira voltou bonita? Sim, senhor, um pancadão. Isto de saias eu conheço bem. Cada perna!

— Deixe as canelas da moça, devasso.

E levantei-me.

— Espere ahi. Ainda faltam quinze minutos. Bacurissimo amigo, traga tambem cigarros. Este cognac é uma infamia. Ponha tudo na conta. E estes cigarros estão furados. Não tem outros ahi com menos buracos? Não tem? Vamos lá, seu Valerio.

Na rua accendeu um cigarro, deitou fóra, accendeu outro, tornou a deitar fóra, accendeu o terceiro:

— Pois, menino, aquillo é um femão. A cara, os braços, com os diabos! E as pernas são bonitas, palavra! que eu hontem reparei. Até fiquei entusiasmado, homem!

A' entrada do Pinga-Fogo encontrámos Adrião e Luiza.

— Vão ao jantar? perguntaram.

— Vamos ao jantar.

E senti um baque no peito. Retardámos o passo,

acompanhando a marcha claudicante de Adrião. Procurei debalde uma palavra, e o Pinheiro, que entende bem de saias, mas não sabe falar com senhoras, gaguejou:

— Como vai o sapateiro, D. Luiza?

— Mal, coitado. Andam com uma subscrição para elle.

Fôra ella que suggerira a subscrição e dera quasi tudo. Na vespera eu a tinha visto entrar sorratamente na officina do desgraçado, com Zacharias preto, que levava um pacote.

— Creio que somos os ultimos, observou Adrião quando chegámos.

Havia lá dentro um rumor de conversações misturadas.

— Não se perde nada com a falta do meu brinde, sussurrou-me o Pinheiro. Está cá o Barroca, temos falação na mesa, que aquelle diabo nasceu para discursador.

Realmente Evaristo Barroca, cercado, em evidencia na sala cheia de flores, explicava a padre Athanasio que a sã politica é filha da moral e da razão. Recuei um pouco para deixar livre a passagem ao casal Teixeira:

— Eu já li aquillo. Você sabe de quem é aquillo?

— O que? A sã politica? E' d'elle, respondeu Isidoro. O Barroca tem intelligencia, tem cultura.

Entrámos. E a nossa presença quasi passou despercebida entre as effusões com que rodearam Luiza, Adrião, um sujeito gordo e moreno que surgiu logo depois. Evaristo dispensou-me um acolhimento protector, muito de cima para baixo, e eu me senti humilhado.

Evitei-o bruscamente e fui dizer a Victorino que o Dr. Liberato estava em casa do Mesquita.

— Jantar em casa do Mesquita?

— Não, doença da filha.

Houve um rapido silencio de constrangimento. E

foi Evaristo que o quebrou lamentando, em tom de grande magua, o desagradavel acontecimento que eu havia noticiado. Asseverava, sempre asseverara, que Fortunato Mesquita, como particular, era um cidadão de conducta irreprochavel. Gravei na memoria esta palavra, para procurar a significação della no dictionario, e approximei-me dum grupo de moças, pedi informações sobre a saude de D. Mariana.

— Assim, assim, na cama, respondeu a Teixeira com desconsolo.

Em seguida, movendo o braço roliço carregado de aros, cobras de ouro que tilintaram, reprehendeu-me com o dedinho erguido, lembrou-me que fazia um mez que viera do collegio e ainda não me vira ali. Quando se resolvia o senhor Diversos a Diversos a deixar de ser ingrato?

— Diversos eu, D. Josepha? Sou apenas um, infelizmente. Se fosse ao menos quatro, ficava muito bem, entre as senhoras.

E mostrei as outras: Martha Varejão, coberta de pannos, Clementina, que se derretia para o sujeito gordo, D. Priscilla Fernandes, carrancuda. Reflecti um momento e, em falta de objecto melhor, joguei D. Engracia na conversa. Estava lá dentro, com Luiza, em visita a D. Mariana.

A Teixeira pediu licença para ir dar uma vista á mesa. Martha chegou-se ao piano, começou a remexer musicas.

E veio-me á lembrança uma noite de Fevereiro, cheia de movimento e doidice, com automoveis rolando no Quadro, a arrastar longas fitas de serpentinas, foliões invadindo o theatro, numa algazarra dos demonios. Nessa noite de carnaval derramei no pescoço de Martha um tubo lança-perfumes, e ella me disse qualquer coisa em francez a respeito da facilidade com que se juntam as pessoas que se assemelham. Não atinei logo com o sen-

tido da phrase; depois julguei perceber uma allusão á semelhança que talvez exista entre mim e ella. Passados alguns dias, encontrei uma resposta que podia ter applicado. Historia velha. Já lá iam dez mezes.

D. Priscilla desfranziu a tromba, expoz a dentuça a Clementina, achou por condescendencia a cidade encantadora. Olhei com agrado os beiços vermelhos de Martha, bons para morder, e, attrahido por um sorriso, acerquei-me della, perguntei-lhe se se tinha divertido muito no baile da prefeitura. Respondeu-me que aguentara tres horas de insipidez medonha. Baixou a voz. Só houvera lá basbaques, quasi tudo gente idosa, sisuda. Desembaraçava-se da circumspecção que a mascara:

— A unica pessoa com quem me entretive foi o Monteiro, que discorreu sobre orçamentos.

Disse que não dançara, não tolerava as danças modernas. E' a madrinha que lh'as não consente, mas persuadi-me de que estava diante de mim uma criatura pudica em excesso. Contou que Nazareth tinha tomado um pileque. Reparando em Clementina, interrompeuse, mostrou na parede um quadro com um palacio, um canal e uma ponte, falou em Marino Faliero, que não sei quem foi.

D. Engracia appareceu e, vendo-nos juntos, farejou de longe. Martha puxou a manga, cobriu quatro dedos de pelle que lhe ficavam á mostra. Nisto avistei Luiza perto de nós, ligeiramente pallida, e notei-lhe no rosto uma expressão que me deixou succumbido.

Que lhe fiz eu, santo Deus? Dei um passo para ella, furtei-me ás amabilidades de Martha, que me offercia um romance por emprestimo, optimo romance, publicação do Centro da Boa Imprensa.

A' voz fanhosa de Victorino, todos se levantaram. Atravessei o corredor, desesperado. Mulher incoherente, ora pelos pés, ora pela cabeça... E arrependi-me de haver attendido áquelle convite idiota. Era melhor ter

ficado em casa, trancado no quarto, de pyjama. Instintivamente, esquivei-me á companhia de Martha. E ouvia, nauseado, a dissertação do Barroca sobre a differença que existia entre um governo moral e um governo immoral.

O sujeito gordo arreliaava-se com o Miranda:

— Mas eu escrevi aquillo porque está no artigo 39, senhor. E' do codigo.

E o tabellião, apaziguando-o com um gesto da mão aberta, um pouco tremula:

— Pois muito bem. Eu julguei que fosse engano. Desde que está convencido... Se tem certeza de que é do codigo...

— Certeza absoluta.

— Deve ser isso mesmo.

Quando me sentei á mesa, procurei os olhos de Luiz. Parecia nervosa, com o rosto coberto de sombras, os beiços franzidos, uma ruga na testa. E respondeu distrahidamente a um desconchavo amavel que padre Athanasio lhe endereçou.

— Nunca entro aqui, disse Evaristo Barroca, sem evocar aquelles homens antigos, aquelles varões austeros da conquista, os precursores da raça.

Palanfrorio reles e postiço, de dar engulhos. Era a reproducção quasi literal de um dos periodos enfundados em honra do Mesquita. Mas o vigario gostou, falou nos patriarchas, em Abrahão, Jacob. O sujeito gordo, impressionado, articulou qualquer coisa que ninguem entendeu, confessou que Victorino tinha muita semelhança com Abrahão. Nazareth interrompeu-o alegremente. Abrahão era um cavalheiro de nariz em arco, grandes barbas e cabellos compridos, adorava Jehovah e vestia saia. Demais a mais a gente do tempo delle trincava o gafanhoto, no chão, de pernas cruzadas.

— E a comparação do Dr. Barroca tambem não é justa. Esses varões de outras idades, uns brutos, co-

miam com os dedos, de mangas arregaçadas, em alguidares de barro, e esvaziavam enormes cangirões, bebendo em copos de chifre. Creio que eram os fazendeiros sertanejos, que jantam em camisa e ceroulas, cortando a carne a facão e batendo o osso corredor a macete. Tudo aqui é diferente. Não ha semelhança nenhuma.

E mostrou a mesa, onde flores punham nos vidros uns tons rosados:

— Quem se importava com flores naquelle tempo?

O sujeito gordo concordou, limpando a boca. Tudo era diferente, na verdade, e antigamente não havia flores.

Tinha-se acabado a sopa. Aquelle individuo me intrigava. Dirigi-me á vizinha da direita:

— Quem é aquelle homem moreno, D. Clementina, lá na ponta, ao lado da professora?

— E' o Dr. Castro.

— Que significa o Dr. Castro?

— Promotor, chegou ha dias, parente do Dr. Barroca.

Serviram um prato que não pude saber se era peixe ou carne, fatias desenxabidas em molho branco. Evaristo iniciou um palavreado sonoro, em que de novo encaixou a sã politica filha da moral e da razão, mas a phrase repetida não produziu effeito. Apenas o promotor balançou a cabeça e rosnou um monosyllabo approbativo. Evaristo queria eleitores conscientes, uma democracia verdadeira. Procurei pela segunda vez os olhos de Luiza, e, não os encontrando, declarei com aversão que a democracia era blague.

— Porque?

Naturalmente porque Luiza estava amuada. Mas julguei este motivo inaceitavel e perigoso: recorri a outros, que o deputado inutilizou com meia duzia de chavões. Victorino disse que não votava, tinha rasgado

o titulo, achava que eleição era batota. E não comprehendia o empenho do Dr. Barroca em alliciar eleitores:

— Tendo quatro soldados e um cabo, o senhor tem tudo.

O Dr. Castro reconheceu que os soldados e o cabo eram de grande eficiencia:

— Ora a força do direito... isto é, o direito da força... Afinal os senhores me entendem.

— Que diz aquelle sujeito, D. Josepha? perguntei á vizinha da esquerda.

A Teixeira teve pena delle, quiz saber se se dera bem na cidade, se tencionava ficar aqui definitivamente. Adrião, Victorino, padre Athanasio, interessaram-se tambem. E o Dr. Castro, radiante, soltou o garfo, tomou o copo, falou da sua pessoa, dos seus gostos, da sua installação provisoria em casa de Cesario Mendonça.

— Muito hospitaleiro, muito simples. Não tem orgulho, apesar de ser rico. E traz tudo num arranjo admiravel: despensa enorme, pomar, bibliotheca... E a mulher, as meninas, umas perolas. Creio que estou bem lá, enquanto espero que o Monteiro me alugue casa.

Mas já ninguem se importava com o promotor, voltavam-se todos para Evaristo, que agora preconizava o esclarecimento das massas, governadas por uma élite de genio.

— Mas como é que o povo aprende, se os senhores não ensinam? perguntou o reverendo com acrimonia.

Andava indignado contra a ignorancia depois que a tiragem da *Semana* baixara de mil e duzentos para oitocentos numeros. Evaristo Barroca, modesto, retirou-se d'entre os governantes, encolheu-se na cadeira, fez-se pequeno.

As garrafas esvaziavam-se. Havia agora animação na sala. As senhoras, livres do constrangimento do principio, tagarelavam com desafogo: risos, sussurros, gestos

familiares, perguntas e respostas desencontradas, cruzavam-se. D. Engracia referiu ao Pinheiro a cura milagrosa dumas sezões que trouxera de Passo de Camaragibe, cura realizada em virtude da promessa de seis velas ao S. Sebastião de Maria Quebra-Unha. Clementina, passando o braço pelo encosto da minha cadeira, mexeu no hombro de D. Josepha. Martha descreveu ao Miranda a enthronização do Sagrado Coração de Jesus em casa de D. Emiliana Teixeira.

— O collegio do Coração de Jesus? informou-se D. Priscilla.

— Uma enthronização, hontem, festa de muita piedade.

Tinha os olhos baixos. E eu lembrei-me do que ella me havia dito em frente do livro das musicas, cobrindo pudicamente cinco centimetros de braço, com gatinhas de embeijar a gente, mettendo na conversa, fóra de proposito, o Marino Faliero. Que sonsa!

— Em poucos annos apanha os quinhentos contos da velha, disse commigo. O Pinheiro acertou. Quem terá sido o Marino Faliero?

Nazareth absorveu dois copos de vinho e atacou o Barroca:

— Isso de liberdade é pilheria, doutor. Não precisamos liberdade, precisamos cacete. Foi assim que sempre governaram, e assim vai bem. Gostamos de levar pancada. Veja como admiram por ahi os bandidos do Nordeste. E a instrucção, para que serve instrucção á canalha?

— Se tem isso em conta de novidade... interrompeu Evaristo.

— Não, senhor, retrucou o tabellião resentido. E' coisa corriqueira, mas as suas idéas tambem são do tempo da pedra lascada.

E tornou a beber.

— Exactamente o que eu estava pensando, gritou o

Dr. Castro. E' isso, idéas antigas. Aprecio as idéas antigas, percebem?

Evaristo defendeu o ensino obrigatorio e, sem fazer caso da observação do Miranda, surripiou um periodo de Victor Hugo. O Dr. Castro applaudiu ruidosamente:

— E' claro, não ha duvida. Necessitamos luz, muita luz.

— Com miolo de pão? perguntou Clementina.

— Com miolo de pão, respondeu D. Josepha. Miolo de pão, gomma arabica e tinta. Tambem se faz com papel machucado na agua.

— O senhor é o presidente da junta escolar?

O Dr. Castro confessou que estava na presidencia, infelizmente, e que aquillo era uma espiga. Mappas todos os mezes, attestados, um horror de professoras e inspectores ruraes, informações á directoria e obrigação de visitar escolas. Elle, graças a Deus, nunca tinha entrado em nenhuma.

Com o olho vivo, Nazareth dizia ao Barroca:

— Sim, senhor, mas tudo isso é leria. Quando o nosso matuto tem um filho opilado ou rachitico, manda domestical-o a palmatoria e a murro. O animal aprende cartilha e fica sendo consultor lá no sitio. Torna-se mandrião, fala difficil, lê o *Lunario Perpetuo* e o *Carlos Magno*, á noite, na esteira, para a familia reunida em torno da candeia. Qual é o resultado? A primeira garatuja que o malandro tenta é uma carta falsa em nome do pae, pedindo dinheiro ao proprietario.

Evaristo achou aquillo um exaggero evidente, o outro jurou que era verdade.

— Pois se é verdade, a culpa deve ser do necator. Que mal póde fazer a leitura?

Mas Adrião, que estivera calado, distrahido e mur-

cho, afagou devagar a careca, declarou que dos matutos que elle conhecia os melhores eram os analphabetos:

— O roceiro que soletra tem vergonha de pegar na enxada.

— A senhora passa aqui as ferias?

— Passo. Fico até meado de Janeiro, disse D. Priscilla. Vim um pouco adoentada. E como o clima é bom...

— Que vem a ser este prato, D. Josepha? perguntou Isidoro.

— Um carurú com muita pimenta.

— Ah!

E accrescentou:

— Que pena não estar aqui o Dr. Liberato! Para entender de carurú, vatapá, essas trapalhadas da Bahia, não ha outro.

Evaristo reconheceu que saber ler, simplesmente, era com effeito pouco.

— A educação religiosa... lembrou padre Athanasio.

— A educação profissional.

— Aqui não ha disso, atalhou Nazareth com voz tropega. E como a que temos não presta e a que poderia servir não vem, era melhor que não houvesse nada.

— Apoiado! exclamou o presidente da junta escolar. O senhor parece que adivinha os meus pensamentos. Tem razão, é claro, tem toda a razão. Exactamente o que eu estava pensando, comprehende?

— A educação religiosa... aventurou novamente o padre.

— A educação religiosa, de certo, echoou o presidente da junta escolar. A educação religiosa é o succo.

— Não serve de nada, balbuciou o tabellião com a lingua perra.

E encheu o copo.

— Porque não serve? bradou o reverendo. Isto é

muito serio. Na idade media... Sim, perfeitamente, não é só balançar a cabeça. Diz um grande philosopho... creio até que é um santo... Deixemos o santo. Essa corja que o senhor admira, esses Nietzsche, esses Le Dantec, o outro demonio, como é o nome delle, meu Deus? Esqueci. Um allemão, um typo conhecido, que escreveu muito livro sobre coisas miudas... Como se chamam? Cellulas? Toda essa gente... Que é que o senhor ia dizendo?

Nazareth, que se esforçava por não adormecer em cima da sobremesa, levantava as palpebras com difficuldade e tinha os pêlos do queixo quasi tocando o prato, ergueu lentamente a cabeça, passou os dedos de grossos nós pelos olhos turvos, pela testa coberta de suor. Ficou um instante attentando no vigario como se o não conhecesse, depois gaguejou arregaçando os beiços, mostrando os dentes amarellos e acavallados, num sorriso idiota:

— Ah! sim... a educação religiosa. Não vale nada.

— Está prompto! murmurou Adrião.

Padre Athanasio calou-se, fez uma carranca de rigor e desprezo ao adversario, tomando talvez aquelle deploravel estado como prova de que tudo quanto o outro havia dito em sessenta annos era erro e iniquidade. Recebeu a chicara de café, esvaziou-a em discussão muda com uma figurinha de japoneza que tinha a cabeça crivada de palitos. E, arredondando os bugalhos:

— Então o julgamento do Manoel Tavares foi adiado, hein?

— Isso! confirmou Adrião em voz baixa, deitando uma olhadela de travez ao Barroca. Protectores fortes... E indignação geral... Adiaram. Na sessão vindoura o homem é absolvido.

— Ora muito bem, conversámos lindamente, exclamou o Dr. Castro quando as senhoras se levantaram. Eu gosto destes assumptos...

Agitou a mão como se quizesse agarrar um adjetivo.

— Philosophicos, suggeriu Adrião.

— Exactamente, philosophicos, era o nome que eu tinha debaixo da lingua. Um debate magnifico.

— Pois, menino, segredou-me Isidoro puxando-me para uma janella, este promotor não fala mal. Aquillo deve ser um orador feroz no jury. E o Miranda é levado da breca. O que está é meio fisgado. Eu não entro em conversas fundas, mas ouço com satisfação. Outra coisa: você reparou nas pernas da Teixeira? Diabo! Parece que tambem estou bebedo.

Afastou-se, lento e aprumado. Era noite, appareceram luzes. Fiquei ali dez minutos, fumando, ouvindo a gruhlada das mulheres. Porque se havia Luiza conservado em silencio? Passou-me pelo espirito aquelle olhar que fuzilara um instante e logo esmorecera. Sem relational-o com as palavras trocadas junto ao piano, odiei Martha Varejão. A cabeça baixa, a manga até o pulso!

Como os outros, findos os cigarros, se retirassem, acompanhei-os. Entrei na sala com a esperança de encontrar expressão differente no rosto de Luiza. Estava sentada no sofá, escutando padre Athanasio, que lhe impingia o hospital de S. Vicente de Paulo e a Pia União das Filhas de Maria. Quiz acercar-me, mostrar amabilidade, e só achei em mim confusão e desespero.

— Veja que desgraça, veio dizer-me Isidoro. Não fiz o brinde, ninguem fez brinde. Tanta lorota, e esqueceram o essencial. Nem o Barroca, nem o Miranda, nem o promotor...

— Você ainda me vem falar nessa besta, homem?

E responsabilizei o Dr. Castro pela indifferença de Luiza, com grande injustiça. Resolvi alinhar uma desculpa, sahir d'ali, metter-me em casa, arrancar os cabellos. Procurava o chapéo, desejando que o tecto viesse

abaixo, quando o Dr. Castro se achegou, affavel, numa tentativa risonha de camaradagem:

— O amigo, se não me engano, é commerciante.

— Não, senhor.

— Empregado publico, talvez.

— Tambem não.

— Estudante?

— Nem isso. Com licença.

Dirigi-me á Teixeira, que entrava com um bandomolim:

— D. Josepha, o meu chapéo... A senhora sabe?

— Para que?

— Tinha necessidade de retirar-me.

— Não ha necessidade. Ninguem sai antes das dez horas.

— E' que estou meio doente. Se a senhora tivesse a bondade...

— Não ha bondade. Cura-se dançando. Para o piano, Martha.

E obrigou-me a dançar com D. Priscilla. O promotor deu o braço a Clementina, Luiza recusou Isidoro, pretextando enxaqueca. Depois o Barroca foi para o piano, a Teixeira desafinou o bandolim, arranjaram-se outros pares. A um convite silencioso de Martha sorri constrangido, declarei que o jantar tinha sido irreprochavel. E abandonei-a ao Pinheiro, fugi para o jardim, fazendo tenção de consultar, quando chegasse em casa, o dictionario.

Sentando-me num banco, muito tempo fiquei a olhar os canteiros. Onde estaria Luiza, que desaparecera depois da enxaqueca? Talvez lá para dentro, com a cunhada paralytica, ensinando-lhe remedios ou lendo a correspondencia do padre Cicero, que a boa senhora recebe com regularidade. Ainda espera arribar, coitada, com as receitas do padre Cicero.

Voltou-me de chofre o sentimento que me havia as-

saltado, um odio insensato a Martha, ao Coração de Jesus da viuva Teixeira, a Marino Faliero, que está escondido no palacio do quadro, palacio de Veneza. Finda esta explosão irracional, que felizmente durou pouco, veio-me a recordação do que Luiza me disse uma noite, junto á garça de bronze. Então, como agora, a lua vagabundeava lá em cima, o vento agitava a folhagem dos tinhorões. Mas quanta differença em mim!

Tinha recebido mais, muito mais do que desejava, e em consequencia as minhas esperanças haviam crescido. Tencionava poder um dia, com o consentimento della, apertar-lhe as mãos, correr os labios por aquelles dedos brancos e finos, pelos braços, até o cotovello. Em momentos de optimismo aventurei-me a chegar á espadua. Não era uma aspiração demasiado exigente, e eu punha tanto respeito nella que exclui a idéa de que aquillo constituisse uma traição ao Teixeira. Decidi logo que um homem tão pratico não havia ainda babujado o braço de Luiza e que pelo menos esta parte do corpo della não lhe pertencia. Convicção idiota, evidentemente. Eu me contentava com o braço — e achava excessivo. Uma felicidade immensa. Era assim que eu dizia commigo mesmo. Julgava assentado que Luiza se conservaria perfeitamente honesta. E que eu seria perfeitamente feliz. Aqui tudo se tornava confuso, nenhum pensamento claro me acudia. Porque a felicidade perfeita differia da outra, immensa, e então comprehendí que as coisas indistinctas do meu espirito destoavam dos nomes que eu lhes dava. Emfim, agitado por desejos oscillantes, deixei-me arrastar.

E vinha-me aquelle olhar agudo, aquelle rosto carregado. Talvez estivesse arrependida de me haver mostrado um pequenino signal de affeição. Não sei. Que entendo eu, pobre rapaz, da alma caprichosa das mulheres? Imaginei, num deslumbramento, que Luiza gostava de mim e tinha ciumes. Isto me pareceu exorbi-

tante. E pedia-lhe de longe que me dissesse: "Vem". Ou que me repellisse: "Deixa-me". Que me livrasse em fim daquella angustia demasiado intensa para o meu pobre coração.

— Pois você está ahi, homem? gritou Victorino. Venha beber café.

Lá em cima ainda esperei encontrar Luiza transformada. Não a vi.

— Que fez o senhor tanto tempo no jardim, e só? perguntou-me D. Josepha. Pensei que se tivesse escapulado sem chapéo.

— Não, senhora. E' que lá é mais fresco.

Retirei uma chicara da bandeja, sentei-me no sofá. Nazareth, que agora tinha a lingua destravada, tambem se sentou, alegre.

— Ouça, disse-me enroscando-se num movimento felino, o gesto onduloso que a filha tem quando vê homem.

Os olhinhos de vibora brilhavam-lhe, e uma expressão de malicia banhava-lhe o rosto:

— Imagine que o Dr. Castro escreveu num libello: "Provará que o réo commetteu o crime contra ascendente, descendente, conjuge, irmão..."

— Mas eu já me expliquei. E' assim que está no artigo 39, exclamou o Dr. Castro, que se tinha aproximado sem ser visto. Escrevi assim porque é do código.

Nazareth perturbou-se um instante. Depois, tranquillo:

— Ah! O senhor estava ahi? Tem realmente certeza de que é do código? Não haverá engano?

— Não senhor. Está assim, *ipsis-verbis*, no artigo 39, § 9, entende como é?

— Ah! Se está no artigo, 39, é outro caso. Eu supuz que fosse equivoco. Deve ser isso mesmo.

X I I I

No dia seguinte o Dr. Liberato, que passara a noite em casa do Mesquita, contava-nos, cheio de somno, o estado de Guiomar. Quando findou, depois de empregar uma chusma de termos exquisitos, o Pinheiro, sombrio, rosnou:

— Que tem ella?

No mesmo instante Zacharias chegou, em busca do medico:

— Foi a sinhá que mandou chamar.

— E' ella que está doente? fiz eu com um arrebatamento que espantou D. Maria José.

— Não, senhor. E' seu Adrião, que não pode dormir.

— Porque? balbuciou o Pinheiro.

Zacharias não soube informar. Devia ser coisa por dentro: por fóra não se percebia nada.

— Está ahí! gaguejou Isidoro, succumbido. Vejam que coincidência.

O doutor entrou no quarto e voltou com a bengala, o chapéo, o estethoscopio. Dispuz-me a acompanhá-lo:

— Não vem, Pinheiro?

— Parece que não. Vou tomar um vomitorio.

E, tentando apoderar-se do estethoscopio:

— Doutor, tenha a bondade de examinar este coração.

— Não ha pressa. Fica para a volta.

— Está direito. Pois esperem, faço um sacrificio. Amigo é para as necessidades, como diz o Anatole France.

Um minuto depois appareceu, abotoado no jaquetão preto, o chapéo desabado cobrindo-lhe as orelhas:

— Vamos cumprir este dever.

Defronte do casarão topámos o Neves, que sahia:

— Não ha perigo. Mandaram á pharmacia buscar remedios de madrugada. Vim ver. Tudo bem.

— Até logo, exclamou Isidoro. Não precisam de mim. Volto. Vou d'aqui direitinho para a cama.

Lá dentro cumprimentei Victorino, D. Josepha, D. Engracia, o Dr. Castro. Encontrei Luiza á entrada do corredor, com os olhos vermelhos e despenteada.

— Como vai elle?

— Melhor.

E introduziu o medico na alcova, onde Adrião arquejava, recostado a uma pilha de travesseiros. Pela porta entreaberta distingui sobre a mesa da cabeceira copos, colheres e um crucifixo.

—Então, D. Josepha, como foi isso? perguntei á Teixeira.

— Nem sei, com aquella balburdia... Ás onze horas ouvimos pancadas, berros. Papae abriu, assustado. Era Zacharias a gritar que seu Adrião estava morrendo. Imagine como nós ficámos. Eu nem pude arranjar-me, sahi de chinelos...

E mostrou o pé, numero trinta e tres, coberto de seda creme. Fui com a vista acima do pé, naturalmente. O Pinheiro tem razão: é uma linda perna.

— Imagine como eu fiquei, disse o Dr. Castro, que

se avizinhara, familiar. Logo pela manhã, antes do banho, uma noticia assim... Que presente!

— Quando chegámos, continuou a Teixeira recolhendo a perna com agrado, Luiza estava numa aflicção.

— Ah! Se eu soubesse! atalhou o Dr. Castro. Teria vindo passar a noite aqui, offerecer os meus prestimos.

E, a um gesto de agradecimento da moça:

— Vinha, não tem que agradecer. Eu sou lá homem para deixar um camarada morrer só? Se não servisse para mais, havia de servir para deitar-lhe a vela na mão. Commigo é isto. Vinha.

— E depois que a senhora chegou, D. Josepha, um horror, hein?

— E' verdade. Oppressão, tonturas, nausea... A D. Engracia, que appareceu por ahi (não sei como adivinhou), foi accordar o vigario, trouxe um crucifixo. O papae em occasiões de aperto desanima.

— Não somos nada neste mundo, murmurou o Dr. Castro.

— E' coisa de cuidado, doutor? perguntei ao medico, que sahia do quarto.

— Tem ainda um resto de dyspnea, mas creio que não ha perigo por emquanto. Se não sobrevierem complicações...

E falou. O Dr. Liberato não perde ensejo de gastar palavreado difficil.

— Posso ir vel-o?

— Póde.

Achei Adrião muito fatigado pelo esforço que havia feito. No pescoço, onde a pelle amarellenta cahia em dobras, os ossos avultavam. As pulsações da carotida percebiam-se de longe.

Uma vela acabava de extinguir-se no castiçal, havia um cheiro enjoativo de ether.

Luiza, sentada á beira da cama, passava um lenço pela testa viscosa do marido, que a olhava com olho duro, quasi irritado.

— Então assim de repente! exclamei. Eu soube agora, pelo Zacharias. Uma surpresa. A D. Josepha esteve contando.

— Uma peste! rugiu o doente. Aqui a acabar-me, sem um diabo que me desse um remedio! De manhã, quando não havia necessidade, a casa encheu-se. Mas no momento do apuro, ninguem. Bate-se o mundo todo atraz do medico. Escondido, no inferno. Sózinho, homem, sózinho!

Luiza baixou a cabeça, sorrindo com tristeza. Adrião era egoísta: não se lembrara da mulher, do irmão, da sobrinha, que se tinham moido a aturar-lhe os arrancos.

— Felizmente de madrugada melhorei um pouco, tive meia hora de madorna. Ahi começaram a apparecer intrusos, invadiram o quarto. O pharmaceutico... E esse bacharel duma figa que ninguem conhece!

Interrompeu-se vendo o irmão á porta:

— Vocês abriram o armazem?

O armazem estava fechado.

— Pois deviam ter aberto. Mande chamar os empregados, João Valerio.

Victorino oppoz-se. Aconselhei Adrião a que não falasse muito. E afastámo-nos.

— Tudo está optimo, bradou o Dr. Castro quando nos viu. O nosso amigo desta vez ainda vai arriba, entendem?

— Como o acha você? perguntou Victorino arrastando-me para a varanda.

— Nem sei. O doutor não se explica.

— E' o diabo! exclamou Victorino.

E, a um aceno da filha:

— Ainda haverá novidade? As macacoas deste homem não deixam ninguém descansar.

Entrou. Accendi um cigarro. Lembrei-me dos se-
rões ali decorridos, recentes, mas que, em virtude das
perturbações que eu experimentava desde a vespera, se
tornavam remotos e me davam saudade. A' luz do dia,
a sala era como se fosse outra. Os quadros pareciam ter
descido um pouco nas paredes agora menos altas. Na
poltrona de padre Athanasio repimpava-se o Dr. Cas-
tro, de braços cruzados, bochechudo, vermelho, feliz e
sem testa.

Olhei a rua. A' entrada do Pernambuco Novo um
automovel parado atravancava a passagem. Uma car-
roça de lixo, vagarosa, rodava. Ao longe o arrabalde
da Lagoa surgia em miniatura, dois renques de casas
de boneca encarapitadas lá no alto.

— A sinhá mandou saber se V. Mee. queria al-
moçar.

Voltei-me. Era Zacharias.

— Como?

— Mandou chamar para o almoço.

— Muito agradecido, respondi furioso.

E desejei despedir-me seccamente de Luiza: "Dê-me
as suas ordens".

Fui á alcova nas pontas dos pés: Adrião dormia.
Sentei-me á porta.

— Venha almoçar, João Valerio, disse Victorino do
corredor.

— Obrigado.

Reflecti com indignação naquelle convite.

O medico e o promotor tinham desaparecido. Meio
dia.

Sim, senhor! Mandar o preto convidar-me! Era,
sem contestação, uma offensa mortal. Pois não tor-
nava a pisar ali. Fosse tudo para o diabo. Tambem

não me fazia grande falta deixar de ouvir tocar piano e ver jogar xadrez, que não gosto de musica nem de jogo. Que me importava o xadrez? que me importava o piano?

Do piano resvalei para Martha Varejão e para os quinhentos contos de D. Engracia. Martha Varejão, muito bem. Não andava ora a mostrar os dentes, ora de carranca. Pois casava com ella e havia de ser feliz, em Andarahy, na Tijuca ou em outro bairro dos que vi nos livros. Uma bonita situação. E o amor de Luiza, se ella me tivesse amor, só me renderia desgostos, sobresaltos, remorsos, trezentos mil réis por mez e oito por cento nos lucros dos irmãos Teixeira.

O criado preto! “Diga a seu Valerio que venha comer.” Isto a mim, a mim que era... Procurei alguma coisa que eu fosse. Não era nada, realmente, mas tinha boa figura e os cahetés no segundo capitulo. E vinte e quatro annos, a escripturação mercantil, a amizade de padre Athanasio, varios elementos de exito.

O Zacharias! Martha Varejão me chamara na vespera com um sorriso. E dissera muitas amabilidades junto a um palacio veneziano, falara no baile da prefeitura, no Marino Faliero.

— Está dormindo? perguntou-me a Teixeira, que entrou em companhia de Luiza e Victorino. Porque não quiz almoçar?

— Não, senhora, estou accordado. E não estou com fome.

— Uma cara de poucos amigos. Que lhe aconteceu?

— A mim? Não aconteceu nada. Nunca me acontece nada. Aqui, matutando.

Ella deu um muchocho e brincalhona como uma garota:

— Parece que este rapaz tem uma aduela de me-nos.

— Não, senhora, é engano. Tenho as aduelas todas.

E accrescentei:

— Julgo que não sou necessario, felizmente. O homem está fóra de perigo.

Disse isto com uns modos desconchavados, tomei o chapéo, cumprimentei, sahi, cheio de raiva. Ao atravessar o portão, dei uma topada e esbarrei com o Silverio, que passava.

Cheguei em casa resolvido a insultar alguém. Não insultei, ou antes insultei mentalmente.

— Os outros já almoçaram, D. Maria José? interroguei entrando na sala de jantar.

— Já. Esperaram meia hora. Como o senhor não veio...

— Está bem, traga-me uns ovos, um pedaço de pão. Não tenho appetite. Traga-me logo um pouco de cognac.

Ella trouxe a garrafa. Desprezei o calice e deitei porção razoavel num copo.

— O senhor vai beber isso tudo?

Fiz um movimento sombrio de affirmação:

— Tenho andado com vontade de suicidar-me, D. Maria.

E bebi.

Ella afastou-se rindo, com uma cova no queixo redondo, as mãos nos bolsos do avental. Supportavel, apesar de madura — quasi quarenta annos. O Paschoal não estava mal servido. Tão sympathica, tão simples, os cabellos muito pretos, os olhos grandes, humidos... Quando, passados instantes, voltou com um bife e dois ovos estrellados, ainda ria. Não acreditava que gente de juizo pensasse em suicidio. O Pinheiro, homem de juizo, tinha estado toda a manhã apalpando o coração, com medo.

— E' verdade, amanheceu cardiaco. Esse animal ain-

da está vivo, D. Maria José? gritei com a boca cheia.

— Está. Zangou-se com o doutor, almoçou, tomou um chá de macella e foi jogar bilhar com o Paschoal. O senhor quer mais alguma coisa? accrescentou vendo que eu tinha devorado o bife, um pão, os ovos e a sobremesa.

— Não, senhora. Eu julgava que não estivesse com fome, e até almocei. Deve ter sido por causa do cognac.

Notei então que a colera se havia dissipado. Devia ter sido também effeito do cognac. Afinal convidar uma pessoa por intermedio de outra não é desfeita. Compreendi que se Luiza me tornasse a olhar como um dia me olhou junto á garça displicente, Martha Varejão, com os seus livros francezes, suas musicas e suas flores de parafina, rapidamente se extinguiria.

— Impostora! resmunguei deitando assucar no café. Hypocrita! “Festa de muita piedade...”

Com a doença intempestiva de Adrião, tinha-me esquecido do jantar.

Uma estopada! O presidente da junta escolar approvando tudo, Clementina e D. Josepha conversando por cima de mim, Evaristo Barroca a mexer politica, padre Athanasio aperreado com a instrucção, o crime de Manoel Tavares e o homem das cellulas, Miranda Nazareth falando nas barbas de Abrahão... Isto me fez pensar no José de Alencar, que também foi um cidadão excessivamente barbado.

D’ahi passei para a Iracema, da Iracema para o meu romance, que ia naufragando com os restos do bergantim de D. Pero. Não era mau tentar salvá-lo, agora que, com o armazem fechado, eu podia dispor da tarde inteira. Decidi-me antes que o entusiasmo esfriasse.

— A senhora só tinha a chicara de café que me trouxe ou ainda tem mais, D. Maria?

— Tenho, sim, senhor, tenho um bule cheio.

— Um bule? Pois traga-me outra chicara, por obsequio. Traga o bule cheio. Estou com muita necessidade de tomar café.

Emquanto bebia, esforcei-me por me collocar na situação dum sujeito que vai escrever uma obra de valor.

— A senhora conhece Coruripe da Praia, D. Maria José?

D. Maria José não conhecia.

Entrei no quarto, abri a janella que deita para a rua, tirei o manuscripto da gaveta. A difficuldade era apanhar os portuguezes que tinham escapado ao naufragio, amarral-os, leval-os para a taba e preparar um banquete de carne humana. Trabalhei damnadamente, e o resultado foi mediocre. Sou incapaz de saber o que se passa na alma dum anthropophago. De individuos das minhas relações o que tem parecença moral com anthropophago é o Miranda, mas o Miranda é intelligente, não serve para caheté. Conheço tambem Pedro Antonio e Balbino, indios. Moram aqui ao pé da cidade, na Cafurna, onde houve aldeia delles. São dois pobres degenerados, bebem como raposas e não comem gente. O que me convinha eram cannibaes authenticos, e disso já não ha. Dos chucurus não resta vestigio; os da Lagoa espalharam-se, misturaram-se.

Em falta de melhor, aproveitei os ultimos remanescentes dos brutos da Cafurna, tirei-lhes os farrapos com que se cobrem, embebedei-os, besuntei-os á pressa, aguicei-lhes os dentes incisivos. Matei alguns brancos, pendurei-os em galhos de arvores e esfolei-os, com a ajuda do Balbino. Depois entreguei-os ás velhas, entre as quaes metti a D. Engracia, núa e medonha, toda listrada de preto, os seios bambos, os cabellos em desordem, suja e de pés de pato.

De repente levantei-me, fui á sala de jantar, chamei:

— Oh D. Maria José, faça o favor. A senhora sabe como se prepara uma buchada?

Ella veio, paciente, enxugando os dedos no avental:

— Sei. O senhor quer comer buchada?

— Não. Isso é comida de selvagem. Os cahetés. Depois lhe conto.

— Mas que interesse...

— E' historia comprida. Preciso saber como se cozinha um homem. Como é, D. Maria?

— Um homem? Está ahi! Foi o cognac.

E voltou-me as costas.

— Espere lá, criatura. Quem lhe falou em homem? Um bode, é claro, um carneiro. Tira-se o couro do bicho, esquarteja-se. Até ahi eu sei. Como é o resto?

— Lava-se tudo muito bem lavado, começou a hospedeira desconfiada.

— Exactamente, numa gamella, já ouvi dizer. E viram-se as tripas pelo avesso com uma vara, tambem já ouvi dizer. Mas os cahetés não tinham hygiene.

— Como?

— Uma observação á toa. Continue.

— E' só, está prompto.

— Prompto o que, D. Maria? A senhora não está vendo que ninguem vai comer aquillo crú?

Ella forneceu-me algumas noções, que reputei preciosas.

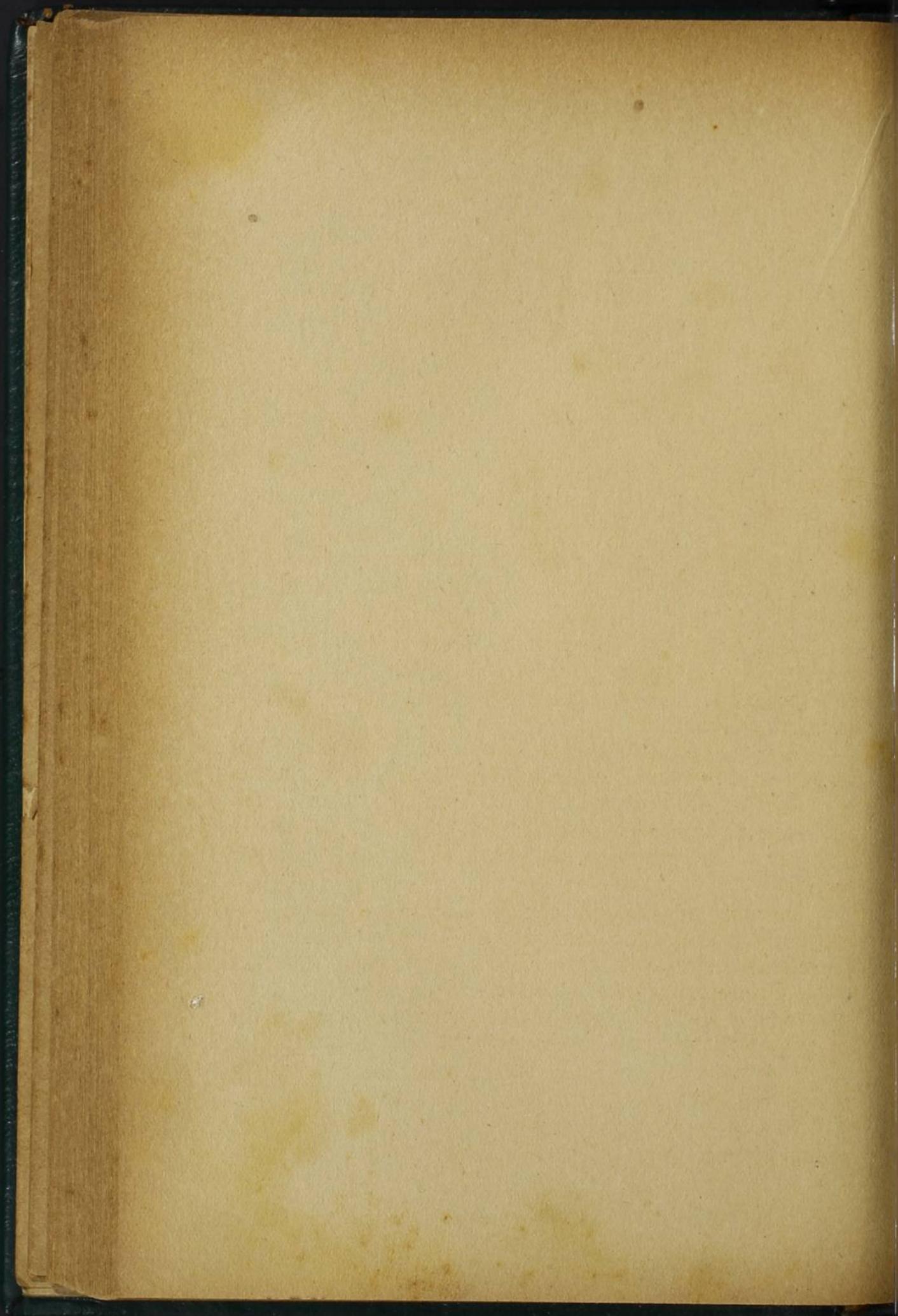
— Muito obrigado, D. Maria José. Vou preparar o Sardinha pela sua receita e misturo tudo com pirão de farinha de mandioca. Fica uma porcaria.

— O senhor não quer tomar uma chicara de café sem assucar?

— Eu? Pensa que estou bebedo? Estou no meu tino perfeito. A proposito, que horas são?

— Cinco. Os outros não devem tardar.

— Cinco? Será possível? Ora veja. A arte é coisa admiravel. Com a preocupação de arranjar o jantar dos indios, esqueci o meu jantar. Pois elles que esperem. não comem hoje. E traga-me o cognac. Deus lhe pague, D. Maria. A senhora acaba de prestar um grande serviço á patria.



X I V

A' noite fui a casa de Adrião, informar-me da saude delle. Encontrei-o na sala, enchumaçado, cercado de amigos.

Inquietou-me a presença de Martha, e simulei distracção, com medo de perceber-lhe algum olhar equivo-co. Parecia-me que Luiza alcançava as infidelidades da minha imaginação.

Padre Athanasio, com o seu systema de discutir por fragmentos, retomara algumas idéas embrulhadas da vespera e arremettia contra os positivistas. Na opinião del-le, Augusto Comte era idiota. Porque? Porque não tinha juizo. E interrogou-me com um movimento de cabeça.

Declarei que aquelle senhor era, não obstante, um inspirado poeta, e logo me arrependi de ter falado. Sei realmente, sem nenhuma sombra de duvida, que Augusto Comte foi grande, mas ignoro que especie de grandeza era a delle. Depois serenei, porque ninguem ali, exceptuando Nazareth, comprehendia um disparate.

Não houve contestação. Nazareth arregalou o olho de vibora e padre Athanasio encolheu os hombros.

Mas a conversa arrastava-se com difficuldade. O piano fechado, o taboleiro de xadrez esquecido, a au-

sencia de Isidoro, o desaparecimento do Dr. Liberato, que, após duas visitas curtas, voltara ao Mesquita, tudo concorria para alterar a feição do lugar. Além disso tres personagens novas vinham augmentar a impressão de estranheza que aquillo dava: D. Priscilla Fernandes, D. Josepha, ausente o anno inteiro, e o Dr. Castro, intimo de todos.

No silencio que se fez quando o vigario acabou de enterrar o positivismo, o tic-tac da pendula cresceu. Procurei o mostrador: do ponto em que me achava não se percebiam os numeros. Aguardei a primeira pancada para me retirar.

Do sofá veio o sussurro de Clementina e de Martha. Nazareth, a quem o xadrez faz falta, aproximou-se da mesa, sem se atrever a convidar Adrião, que bocejou disfarçadamente. D. Josepha, tresnoitada, esfregava as palpebras. Victorino cabeceava, como sempre.

Afinal D. Engracia levantou-se, tomou o guarda-chuva, recommendou uma tisana infallivel, abaixo de Deus, sahiu com a pupilla. Num momento a sala se esvaziou. Só ficaram Victorino, a filha e D. Priscilla, que dormiam lá. E eu, que esperava a pancada do relógio, ergui-me tambem:

— Não sei se me vá embora. Precisam descansar. Em todo o caso, se houvesse necessidade, eu tinha muito gosto...

Não havia necessidade.

— O que desejo é que sejam francos. Não me custa...

— Muito obrigado, disse Victorino. Vá dormir.

— Pois então... Não quero ser importuno, adeus. E se houver uma recahida, o que Deus não permitta, façam o favor de avisar-me. Mandem bater na janella do meu quarto. Eu tenho o somno leve.

— Perfeitamente.

Já na calçada, notei que Luiza vinha fechar o portão. Extranhei vel-a tomar occupações de Zacharias. E, numa exatlação instantanea:

— D. Luiza, que foi que eu lhe fiz hontem?

Julguei descobrir-lhe uma expressão de terror nos olhos, desmedidamente abertos, e insisti:

— Foi uma offensa, creio. Não sei... Tenho procurado ver se adivinho.

Ella tremia.

— Diga, pelo amor de Deus, gemi. Diga depressa.

— Não houve nada.

Cerrou o portão e levou uma eternidade mexendo na chave para trancalo-o.

— Vamos! tornei com desespero, o rosto collado á grade. Para que me trata desse modo? Que lhe fiz eu?

— Nada! Vá-se embora! bradou Luiza com uma voz irritada que eu nunca lhe tinha ouvido.

E, mettendo a mão entre os varões de ferro, empurrou-me a cabeça e fugiu.

Dei alguns passos cambaleantes, a experimentar ainda no rosto o contacto dos dedos della. Passados minutos, reconheci que, em vez de me dirigir a casa, andava para o lado opposto, estava á beira do açude. Encostei-me a uma das balaustradas que limitam o paredão. Mas não era a agua negra que eu via, nem os montes que se erguiam ao fundo, indistinctos. Na escuridão surgiu um collo decotado, o vento agitou uns cabellos louros, uns olhos azues brilharam. Longos dedos brancos tocaram-me o rosto. Recuei titubeando.

Dois sujeitos que desciam do alto do cemiterio, afinando violões, pararam curiosos a pequena distancia, riram, como se eu estivesse embriagado. Presumo que estava realmente embriagado. Tartamudeava:

— O fim das coisas...

Esta phrase foi repetida muitas vezes.

Subitamente increpei-me com amargura por me não

haver apoderado daquella mão que me repellia. Não a ter coberto de beijos! Sou um desastrado.

— E era o que eu ambicionava, era só o que ambicionava! disse baixinho, depois mais alto, para convencer-me de que não mentia.

Embalei-me com a cadencia das palavras e supponho ter ficado com o cerebro entorpecido.

Despertei com uma idéa exquisita, que me fez rir: o Balbino transformado em caheté de 1556. O Balbino, um pobre diabo coxo e bebedor, esfolando um homem pendurado por uma perna! Mas logo enxotei este pensamento mesquinho que toldava a passagem mais brilhante da minha vida.

— Aurora! aurora! aurora! gritei ás casas vizinhas, ás sombras das arvores, a um cão vagabundo que passava.

Nada em redor pareceu comprehender que havia uma aurora e que aquellas trevas eram absurdas.

Olhei os astros. Não conheço nenhum, mas precisei communicar com elles, repartir com a immensidade uma ventura que me esmagava. Bradei: “Luiza me ama! Estrellas do céu, Luiza me ama!” Imaginei que as estrellas do céu ficavam scientes e isto me deu satisfação. Uma dellas tremeluziu mais que as outras, respondeu-me de lá, vermelha e grande. Desejei saber o nome daquella sol complacente. Bellatrix? Altair? Aldebaran?... Não conheço nenhum. Se eu fosse selvagem, mettel-o-ia entre os meus deuses. Não estava ali ninguém que me pudesse informar.

Os violões tocavam longe, para os lados da rua de Baixo.

Afastei-me cheio duma vaga tristeza por não ser selvagem. A’ porta da pensão encontrei o Dr. Liberato, que me perguntou:

— Vem lá do Adrião? Como vai elle?

— Bem, creio que vai bem.

— E' isso. Por ora não ha perigo.

E atacou-me:

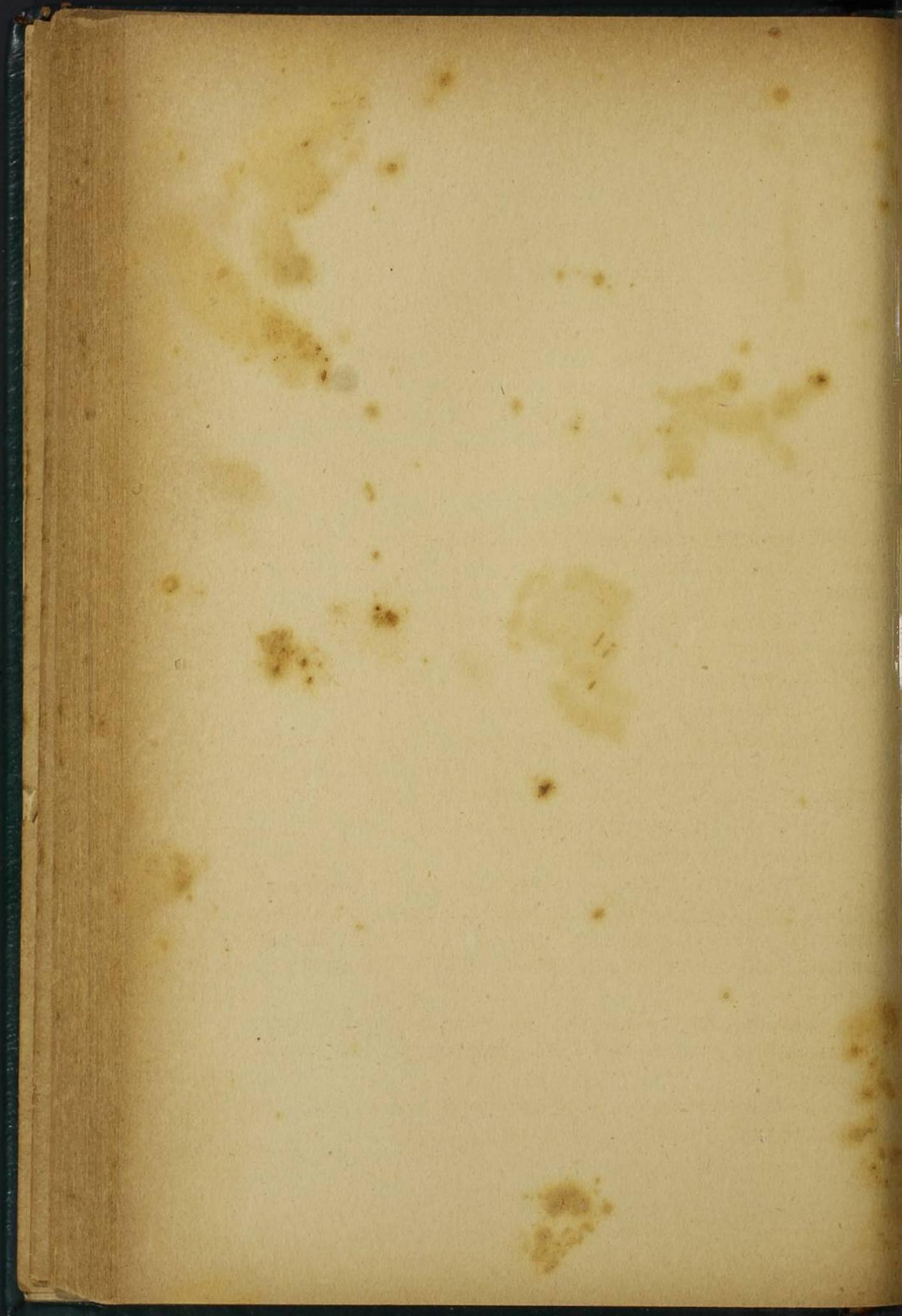
— A aorta...

— Espere ahi, doutor, atalhei com medo da exposição. Como é que se chama uma estrella vermelha que está agora por cima dos morros do Tanque?

— Que interessa isso? fez o medico ligeiramente desconcertado. Você quer aprender astronomia?

— Não, é cá uma duvida. Muito grande, muito brilhante... Será Aldebaran? Uma vermelha. O doutor sabe?

O Dr. Liberato confessou com seccura que não entendia de estrellas.



X V

Estavamos sentados á mesa, fumando, quando bateram palmas lá fóra. D. Maria José foi ver e tornou logo:

— E' a criada de D. Engracia que tem negocio com o senhor.

— Commigo?

— Sim senhor.

Levantei-me, atravesssei o corredor vagarosamente.

— Que é que ha? perguntei a Casimira, que esperava á porta, grave, barbada, o rosto cheio de verrugas.

— Um livro que a menina mandou.

Entregou-me o volume.

— Um livro? Ah! sim! sei o que é, um romance. Muito obrigado, diga a D. Martha que estou muito obrigado. Isto é uma obra excellente, do Centro da Boa Imprensa, uma obra importante. Edifica. Amanhã devolvo.

Casimira arregaçou os beiços num sorriso escuro e gaguejou frouxamente, com uns modos de cumplidade:

— Ella quer saber se o senhor vai ao cinema... se vai á missa.

— O cinema... respondi atarantado. A missa... Não posso, estou com febre.

— Talvez fosse melhor escrever.

Ia offerecer dez mil réis a Casimira e pedir-lhe para esquecer o recado, mas considereei que ella havia sido ama de leite de Martha e era uma alcoviteira honesta.

— Escrever? Para que? Basta isto: doente, gripado. Não posso ir, sinto muito. A senhora não está vendo que sinto muito? E estou agradecido pelo romance. Amanhã devolvo. Diga a ella.

Entrei no quarto, joguei a brochura em cima da cama, voltei para a sala de jantar.

— Que tinha com você a D. Engracia? inquiriu o Paschoal, indiscreto.

— Negocio lá do escriptorio, uma questão de juro. Nem sei, um desastre.

— Prejuizo para você?

— Não, é transacção com a firma, uma conta corrente.

— Pois endireite essa cara, homem, fez Isidoro. Nós não temos culpa da conta corrente da D. Engracia. Vamos á novena.

Fomos todos. Mas quando penetrámos no Quadro, cheio de luz e rumor, pensei em retroceder. E, ao passar pelo Bacurau:

—Até logo. A igreja, com este calor, é fornalha. Uma cerveja bem gelada, amigo Bacurau. Tomem cerveja.

Recusaram e deixaram-me. Fiquei reflectindo naquelle procedimento de Martha. Um namoro, evidentemente, com o auxilio de Casimira. Não me convinha. E dizem que Deus dá o frio conforme a roupa!

No carnaval estive meia hora a tagarelar com ella e ouvi um proverbio que me atrapalhou, em francez. Desejei-a depois, por insinuações do Pinheiro. Nesse

tempo eila andava com a cabeça virada para o Mendonça filho, que vale mais do que eu. Voltava agora, infelizmente fóra de proposito. Censurei-lhe o methodo. Um romance emprestado, a intervenção de Casimira, que estragava tudo. Pulhices. Sem se comprometter, pedindo-me de longe que lhe escrevesse. Tive pena. E mastiguei as evasivas que usamos no armazem para evitar freguezes importunos: "Não póde ser, minha querida senhora. Estou afflicto, acredite. Se tivesse apparecido antes, ali por Março ou Abril... Agora é inteiramente impossivel. Não disponho de meios."

Não dispunha. Toda a minha alma estava empregada em adorar Luiza. E Luiza havia subido tanto que muitas vezes me surprehendi a confundil-a com a estrela amavel que avultara em cima do morro, na antevespera. Altair? Aldebaran? Não conheço as estrellas. Nem conheço as mulheres. Que será Luiza? que haverá nella? Não sei.

Emergi destas philosophias ordinarias e gritei ao rapaz:

— Traga a cerveja, Bacurau. Que demora! Accorde.

— Um minuto, seu Valerio.

Com os cotovellos na mesa de ferro, enquanto esperava que Bacurau se desenroscasse lá dentro, olhei distrahido o largo, que se ia enchendo. Nas lojas, exposições de objectos vistosos. Os cavallinhos começavam a rodar. Pejavam a praça longos renques de barracas. A iluminação publica estava augmentada. Na frontaria da casa de D. Engracia penduravam-se lanternas de papel, e as janellas, que nunca se abrem, escancaravam-se.

— Que é que ha pelo convento de D. Engracia, Bacurau? perguntei quando o rapaz trouxe a cerveja.

— Um presepio. A D. Martha encommendou ao Cassiano aleijado tres reis magos, um boi e uma ju-

menta de barro. D. Josepha Teixeira passou o dia lá, ajudando. Fizeram um rio com areia da praia e seixos miudos em cima dum espelho. Prompto, seu Nicolau. Genebra?

— Que genebra! Eu bebo genebra! Cognac, disse Nicolau Varejão arrastando uma cadeira para a minha mesa. Um cognac bom. Que historia de rio esse sujeito estava contando, João Valerio?

Expliquei que era uma obra de arte realizada pela filha delle, com areia e pedras. Nicolau Varejão ficou encantado. Anuviou-se-lhe depois o carão trigueiro, que as bexigas picaram. Bebeu um trago de cognac e puxou o chapéo para a testa. Por baixo dos olhos brilharam lagrimas. Pobre homem! Adora a filha. E não pôde falar com ella, que se envergonha delle, volta o rosto quando o encontra. Mas a perturbação durou pouco:

— Bonito, o presepio, hein? Não podia deixar de ser bonito. E' uma fada, tudo quanto sai daquelles dedos sai bem feito. Você tem cigarros ahi? Hei de querer admirar esse presepio. Esqueci os cigarros. Dê cá um cigarro.

Dei-lh'ó. Resolvi não ler o romance do Centro da Boa Imprensa.

— Faz uma semana que ella me chama para mostrar esses arranjos de Natal, proseguiu Nicolau Varejão. E eu, occupado com a lavoura, o occultismo, a politica... Sou um ingrato. Hoje pela manhã tirou-se de cuidados, foi a minha casa... Que casa! Eu tenho casa! Foi ao chiqueiro onde moro, no Sovaco, abraçou-me, pediu-me para visital-a, disse um palavreado que me entrou no coração. E' um anjo.

Coitado! Tem Martha em conta de anjo. Esconde-se para não desgotal-a; á passagem das procissões, tranca as portas. Quando está morrendo de fome, escreve-lhe uma carta, e ella manda-lhe pela Casimira vinte mil réis.

— Todo o mundo sabe, continuou o velho, não ha outra. Em instrucção, Jesus! é um assombro. Como diabo poude ella aprender tanto, tendo um pae da minha laia? Que eu dessas encencas de participio não pego nada. Quatorze linguas! a pequena sabe quatorze linguas! Até francez, homem! até latim, suisso e lingua do Mexico. Bôa noite, doutor.

Era o Dr. Castro, que se tinha sentado perto.

— Adeus, disse Nicolau Varejão baixando a voz. Não gosto da cara desse promotor. Vou ao presepio.

E berrou:

— Bacurau, outro cognac.

Levantou-se, bebeu, metteu a mão no bolso:

— Sim senhor. Quero apreciar esses reis de barro e esse rio de areia da praia. Veja quantas mulheres haverá por ahi com aquella capacidade. Um rio! Até parece obra da Divina Providencia. Você pagou a cerveja?

— Deixe lá, não se incommode.

— Pois sim. Pague tambem o cognac.

— Beba mais.

— Está doido? Se beber mais, entro na carraspana e perco os bonecos do aleijado. Até mais logo. Deus o ajude.

— Quem é esse sujeito? perguntou o Dr. Castro quando Nicolau se retirou.

— Um santo.

— Que faz elle?

— Nada. Passeia pela Cafurna, pelo Tanque, pelo Chucuru, e dedica-se a espiritismo e esoterismo. E' um vagabundo. S. Nicolau Varejão, martyr, uma das melhores coisas de Palmeira dos Indios.

— Vagabundo e bom homem? Ora essa!

— Porque não? Um santo. Como vai Manoel Tavares?

Antes que elle respondesse, chamei os companheiros de pensão, que desciam o Quadro:

— Já de volta? Que houve por lá?

— O costume, disse Paschoal. Musica, flores, cantigas...

Luiza teria ido? Puxei Isidoro por um braço:

— Oh Pinheiro, chegue cá. O Adrião foi á novena?

— Creio que não. Quem esteve lá foi a Martha com a Teixeira. Pareciam umas imagens. Eu, se fosse turco, casava com as duas. Para que quer você o Adrião?

— E' a conta corrente de D. Engracia. Os juroz...

— Ah! sim! A D. Engracia, os juroz... Não foi. Provavelmente vai ao leilão. Talvez o encontre no cinema.

Eu não ia ao cinema.

— Não? Então metta-se em casa, deite-se. Quando a gente se aborrece, o que deve fazer é dormir. Pois eu aproveito. Festa é festa, e avistei uma criatura admiravel, matutinha, quero ver se agarro aquillo. Venha até o cinema, póde ser que o programma lhe agrade. Os senhores ficam?

Ficavam. O Dr. Liberato já começava a impingir anatomia ao Dr. Castro, e o Paschoal preparava um grog.

Sahimos. Diante do theatro escondi-me na multidão para evitar Martha, D. Engracia e a Teixeira.

— Você reparou nas olheiras da Martha? perguntou-me Isidoro quando ellas passaram. Está linda. Aquillo é falta de macho. Coitadinha! Eu nem gosto de pensar, fico todo arrepiado. Vamos ver o programma.

Approximou-se dum cartaz:

— Vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo. Você não entra?

— Não. A que hora começa o leilão?

— O leilão? Ah! sim! Os juro. Deve ser d'aqui a pouco. *Ciao*, como diz o Paschoal. Vou procurar a matuta.

Dei uma volta lenta na praça. Da rua Floriano Peixoto, dos Italianos, da travessa da Cadeia, dos dois buracos que vão ter ao Pernambuco Novo, escuros magotes affluíam. Na padaria da esquina roceiros, encostados ao balcão, enchiam as algibeiras. Na pharmacia do Neves, gesticulando e espumando, Balbino pedia um remedio. O boticario, caceteado:

— Traga a mulher, cavalgadura. E' preciso examinal-a.

E o indio, ranzinza:

— Ora trazer! Se ella pudesse vir aqui, não estava doente. V. Mee. não é sabido? Então dê a mezinha.

Já começavam a embriagar-se nas palhoças onde se vendiam bebidas.

Ao passar pela casa de D. Engracia, vi na sala uma floresta de crotons, as paredes enfeitadas de palmas verdes, o presepio com um menino Jesus de biscuit, as figurinhas do Cassiano, uma estrella de lata, o celebre rio de areia da praia e vidro. Sentada, com a boca aberta, Casimira dormia.

A' entrada da rua de Cima bordejava o doutor juiz de direito, cambaio. A' esquina da praça da Matriz avistei D. Emiliana Teixeira, a Teixeira velha, magrissima e coberta de sedas.

Ouvi os gritos de Romualdo, pregoeiro:

— Dez tostões me dão por uma penca de flores muito cheirosas, que de mimo deram a Nossa Senhora do Amparo.

Anatolio, outro pregoeiro, berrava tambem:

— Affronta faço e mais não acho. Se mais achara, mais tomara...

Acerquei-me da mesa carregada de fructos, bolos, passaros enfeitados de fitas, pratos de ovos e caixinhas

de segredo. Cumprimentei senhoras apertadas em bancos incommodos: D. Priscilla Fernandes e Clementina, juntas, a mulher do administrador, as xiphopagas.

Luiza não estava. Desanimado, rondei por ali, procurando alguma coisa para offerecer a Clementina. Nem um jarro, nem uma estatueta, nada. Encostei-me a um poste da linha telegraphica, reparei num grupo de rapazes e de moças que não conseguiam lugar nas bancadas e se apinhavam nos degraus da igreja. Distrahia-me a contar meia duzia de namoros, quando Nazareth me interpellou:

— Já sabe? O Xavier foi demittido.

— Que está dizendo? Isso póde lá ser? Um funcionario que vem da monarchia! Que horror!

E falei em Xavier filho, ha muito tempo estudante de medicina. Lucta desesperadamente e não consegue terminar o curso.

— Que miseria!

— E' verdade, proseguiu Nazareth. O Evaristo embirrou com elle, e com razão. Tiraram-lhe o emprego.

— Que razão! Pense na familia do Xavier. Mais de dez filhos! Bandalheira!

— Mais de dez filhos, é exacto. Quanto a isto ninguém tem culpa, que a filharada foi elle que fez, ou alguém por elle. Era necessario collocar na secretaria da prefeitura um sobrinho do Evaristo.

— Outro? Deve ser como o promotor. Bôa amostra.

— Sim, effectivamente é um bello moço.

— Um sendeiro.

— Sendeiro? De fórma nenhuma.

— Foi o senhor mesmo que disse, em casa do Victorino. A historia do libello... Foi o senhor.

— Ninharia! E' um rapaz simples, não tem orgulho.

— E que orgulho póde ter um cavallo como aquelle?

— Póde, respondeu Nazareth esfregando o espanador que lhe adorna o queixo. Póde. Tem a carta, e isto vale um pouco. Vale muito. Ora veja. Se nós andassemos lá por cima, dirigindo esta gangorra, havíamos de governar muito bem, comíamos tudo. E eu sou tabellião desde que nasci, e não passo disto; você é guardalivros...

— Mas eu acho a minha profissão melhor que a delle.

— Historia! Um bacharel é um bacharel, chega a deputado, a desembargador. Vá lá pensar em ser ministro escripturando a cachaça do Teixeira.

Guiado pelo olhar delle, descobri junto á mesa o Dr. Castro, feliz e papudo, mostrando os dentes e despejando sobre Clementina o brilho dos seus olhos pretos. Ella roçava-se no encosto do bando e espiava-o por cima do hombro de D. Priscilla. Compreendi o reviramento de Nazareth. Estava tudo em ordem. E lembrei-me do proverbio que Martha me disse uma noite: *Qui se ressemble...* Esqueci o resto. Era bonito e rimava, terminava em *emblem*. Uma phrase magnifica para os outros julgarem que eu digo que não sei francez por modestia.

Vendo Zacharias que se afastava depois de ter deixado uma caixa sobre a mesa, despedi-me rapidamente de Nazareth.

— Olhe cá, Zacharias, disse ao preto, que alcancei ao dobrar a esquina. Como vai seu Adrião?

— Está bom, comendo castanha.

— Você sabe se elle vem ao leilão?

— Não vem, não senhor. Nem elle nem ninguem lá de casa. A sinhá mandou uma prenda, e só sai á meia-noite, p'r'a missa.

— Meia-noite?

Dei-lhe uma prata. Logo achei aquillo insipido e

deserto. Os namoros nos degraus da igreja irritaram-me.

Desci a rua Deodoro. Com que me ia ocupar até a hora da missa? Tirando a missa, não havia nada que prestasse. A' entrada da rua de Baixo fiquei dez minutos vacillando. Fui á redacção da *Semana*. Fechada. Adiantei-me até a Boca de Maceió. Voltei, andei á toa pela cidade, para matar o tempo. Entrei no Pinga-Fogo, estive quinze minutos sentado num monte de dormentes. Ás dez horas achava-me defronte da usina electrica, observando, atravez das grades, o motor. Seguia com interesse as rotações do volante e tentava adivinhar a intenção duns ferrinhos caprichosos, que sempre me intrigam, quando Maria do Carmo se abeirou de mim, pediu-me cinco mil réis. Dei-os, perguntei-lhe se tinha recebido noticias do marido e se ainda continuava a enganar-o. Ella jurou que nunca havia enganado ninguém. E roçou-me as roupas num movimento de gata. Desviei-me com uma pudicicia que não tenho e encaminhei-me para o largo.

Perto dos cavallinhos encontrei Isidoro misturado a uma leva de matutos.

— O negocio vai em bom caminho, segredou-me. E' aquella, de vermelho. Já paguei dezoito corridas, essas criaturas gostam de rodar.

E apontou uma cabocla enorme, de venta chata.

— Aquella?

— E' feia de cara, mas eu não me importo com a cara. Olhe o resto, veja que peitaria. E adeus. Nisto de cavações a gente deve estar só.

Sahi, muito divertido com a conquista do Pinheiro.

— Onde tem estado o senhor escondido, que ninguém lhe põe os olhos em cima?

Era D. Josepha, que passava com Martha. Apa-

nhado de surpresa e sem poder fugir, tirei o chapéo, balbuciei:

— Meio adoentado, com febre... Não pude ir ao cinema.

— Mas não deve expor-se, opinou Martha. O sereno faz mal.

— Talvez faça. Vou recolher-me de novo.

— Está pallido.

E aproveitando um momento em que a Teixeira escolhia bugigangas num bazar, sussurrou-me algumas palavras em tom interrogativo. Respondi que sim, sem comprehender.

— Pois devemos ir logo, que a missa não tarda. Josepha, o senhor Valerio quer ver o presepio. Vamos mostrar-lhe o presepio.

— O presepio? E' isso mesmo, concordei. Realmente... Vamos ver o presepio.

Fomos.

— O senhor está muito beato, gracejou a Teixeira quando entrámos. Vem tambem adorar o menino Jesus!

— Não, senhora, vim por curiosidade. Ouvi dizer que tinham arranjado um serviço decente, quiz admirar. E é um primor, com effeito, não falta nada. Boa noite, D. Eulalia. Boa noite, D. Isabel.

O cumprimento foi endereçado a duas velhotas, que mal o retribuiram: D. Eulalia Mendonça, grande, e D. Isabel Mesquita, pequena, encarquilhada e quasi cega, ambas de preto, extasiadas diante das figurinhas que adornavam a estrebaria.

Martha fez um gesto de aborrecimento. E logo se apossou das visitas, com aquelles modos encantadores que sabe ter perguntou pelas duas Mendonça e pela saude de Guiomar Mesquita.

As Mendonça, por ahi juntas, como sempre; Guiomar, melhor, graças a Deus. D. Isabel achou o presepio uma belleza. E voltou a contemplal-o, pondo-lhe em

cima o nariz armado de oculos. Martha, afflicta, pareceu invocar a protecção de Casimira. E agradeceu. Aquillo era uma brincadeira, só para auxiliar o pobre do aleijado.

— Maravilha está em casa de D. Mariana. As senhoras viram? O menino Jesus é de prata.

As devotas safaram-se, levadas pela imagem de prata da viuva Teixeira.

— Uma perfeição, o rio, murmurei. Muito branco, cheio de pedras, e largo, um rio que faz gosto. E' trabalho seu, D. Martha? E aquelles patinhos de celluloides dão uma graça... Que rio será esse, D. Josepha? E' o Amazonas?

Ellas aventuraram que talvez fosse o Jordão.

— O Jordão? E' verdade, deve ser o Jordão. Onde foi que Jesus nasceu? Em Nazareth... ou em Bethlehem... O Jordão fica por essas bandas. As senhoras sabem se elle passa por Nazareth... ou por Bethlehem? Em todo o caso deve passar perto. O Amazonas... que doidice! E' o Jordão, sem duvida. Pois sim, senhoras, um Jordão excellente.

Receberam o elogio, serias.

— E as estatuetas do Cassiano estão magnificas.

— O padre Athanasio diz que elle promette, atalhou Martha.

— Padre Athanasio? **Excellentes**. A senhora leu na *Semana*? Duas columnas na primeira pagina. Padre Athanasio entende. E são interessantes as figurinhas. Um bocado pequenas, menores que o menino Deus.

— Querem tomar café? perguntou Casimira.

Entrou. Quando voltou, com uma bandeja, a Teixeira asseverava que havia proporção nas figuras, falava em planos.

— Planos, D. Josepha? Não percebo, deve ser isso. Mais assucar?

— Isso já passa de onze horas, exclamou a Teixeira.

Excelsior

Exatamente

tl

chegando a uma janella. O senhor ouviu se bateu a segunda chamada?

— A segunda chamada... respondi tomando-lhe a chicara vazia. Ouvir tocar o sino, mas não sei se era a segunda.

Estivemos um instante calados.

— No cinema hoje, D. Martha? perguntei para quebrar o silencio. Hoje, dia de festa de igreja!

— Era uma fita religiosa, explicou Martha sisuda. E a madrinha queria ver a ascensão.

— O Pinheiro me contou, menti. Uma ascensão de chupeta e milagres muito razoaveis. A multidão dos pães. E dos peixes. Diz o Pinheiro que foi peixe a dar com um pau. A senhora com certeza vai á missa.

— Deve ter sido a segunda, opinou a Teixeira da janella. As Mendoça passaram, e a gente do Xavier, e a Clementina com o promotor de banda. Aquillo pegar-á? Dêem-me vocês um minuto de licença. Já venho.

Casimira tambem se retirou, levando a bandeja.

— Até que emfim! murmurou Martha, nervosa, denunciando-se inteiramente.

Com o cotovello sobre a toalha branca da estrebalaria, contemplei estupidamente o Jesus de biscuit, rosado e nú, a estrella de lata que servira de guia aos reis de barro. Julgo que Martha estava, como eu, embrutecida. Tremiam-lhe os dedos, escapou-lhe um suspiro, que me lisonjeou, mas não diminuiu a perplexidade em que me achava.

— Deve ter sido a segunda, arrisquei por fim. Um optimo Jordão, sim senhora, com os patos. E muito obrigado pelo romance. Amanhã devolvo. Que diabo faz a D. Josepha lá dentro tanto tempo?

Ia neste ponto, esfregava as mãos e procurava um meio de escapar-me, quando Luiza chegou á porta, em companhia de D. Engracia, D. Priscilla e Victorino.

4/
4/
2p/ica

A Teixeira, que veio pouco depois, apontou-me com um gesto comico:

— Por aqui, em adoração. Estava lá em baixo, no bazar, chorando com febre. Quiz por força ver o presepio, tanto fez que o trouxemos. Sabe muito: a geographia da Palestina e o Evangelho.

Luiza atirou-me um olhar de desprezo, tive a impressão de que em mim havia um desmoronamento. Nada oppuz aos gracejos da Teixeira. Emergi penosamente do fundo da minha miseria, dei as boas noites a D. Engracia e a Victorino, articulei tremendo:

— Como vai, D. Luiza? Já me informei da saude do senhor Adrião. Julgo que melhorou.

— Vai muito bem, respondeu Luiza.

Mas este *muito bem*, pelo modo como foi pronunciado, não podia ser uma resposta á minha pergunta. Era um aplauso sarcastico ao que ella, no dia do Marino Faliero, imaginara talvez haver entre mim e Martha.

Muito bem! E ninguem entendeu. Victorino bocejava, D. Josepha ria como uma doida, D. Engracia cantarolava um bemdito, Martha acolheu com ingenuidade o sorriso extranho de Luiza.

— Toca para a frente! commandou D. Engracia. E não precisam mais tinta na cara. Que despotismo de tinta! Casimira, pelo sim pelo não, traga o guarda-chuva. Marcha! Os homens atraz e as mulheres adiante, era assim que no meu tempo se fazia.

— O senhor está indisposto? perguntou-me a Teixeira ao sahirmos. Eu pensava que a doença fosse mentira.

— E era. Estou bom, agradecido.

Deixei-me levar pela multidão, sem saber se ia para a missa ou para a forca. O Quadro se esvaziava, toda a gente subia para a igreja. Ao chegar á rua de Cima, estaquei, despedi-me.

— Não vai? inquiriu Martha espantada.

— Não senhora.

— Quando eu digo que o senhor não tem juizo! galhofou a Teixeira.

E deu-me uma risada na cara.

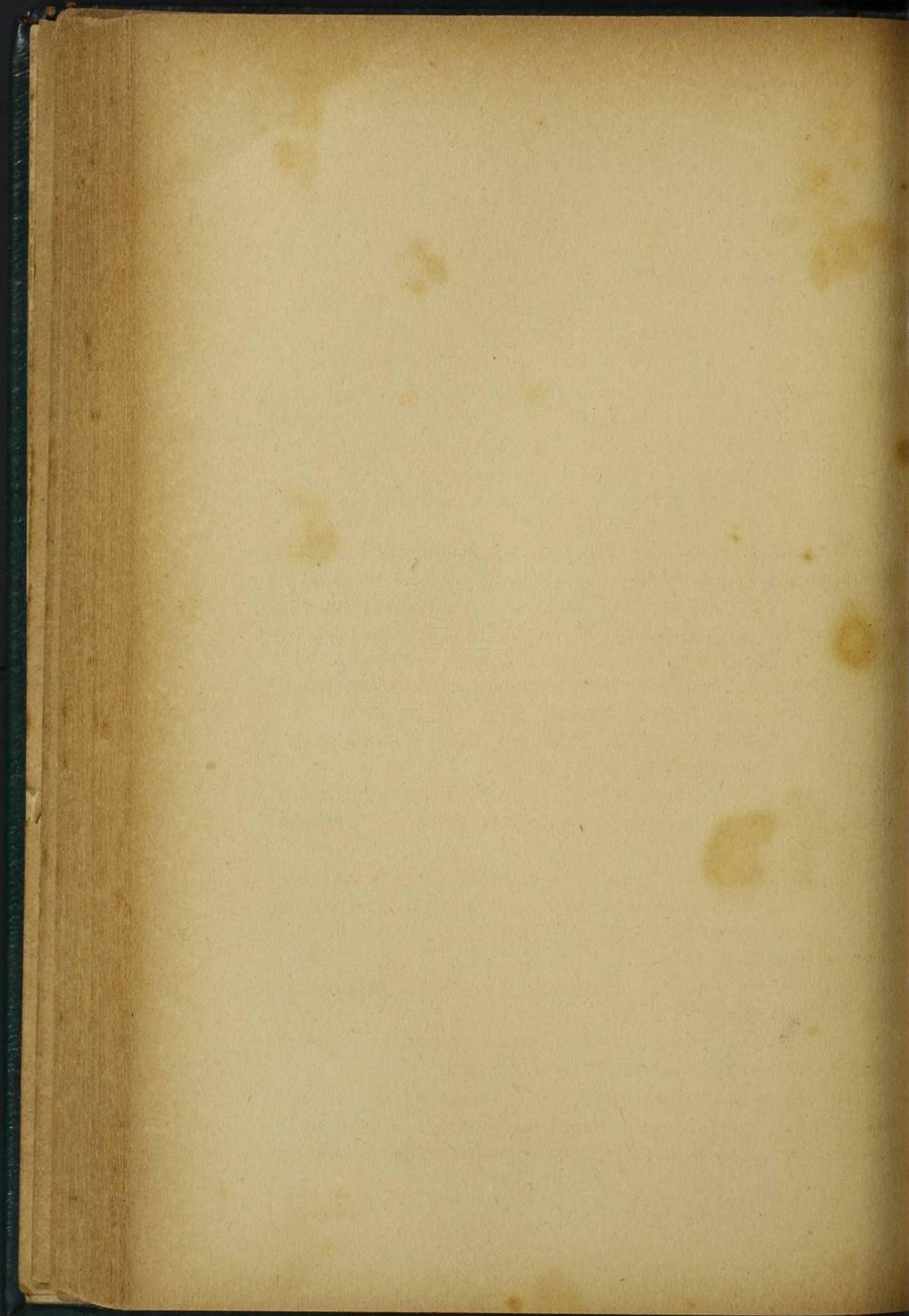
— E' isso mesmo. Boa noite.

Luiza nem voltou o rosto.

Desci a praça lentamente, aniquilado, aos encontros, na turba que se deslocava em direcção opposta. Nuvens de poeira levantavam-se, toldando as luzes. Uma velha interrogou-me quasi chorando:

— Meu senhor, viu por ahi um menido de chapéo de palha?

No largo, onde só ficaram os donos de botequins, percebi um vulto junto ao convento de D. Engracia. Era Nicolau Varejão, que esperara a ausencia da familia para ir contemplar os objectos que as mãos da filha tinham tocado.



X V I

Recostei-me na cadeira, espreguçando-me. Quatro horas de insomnia e um pesadelo. Cruzei as mãos sobre a mesa e olhei os pés do italiano. Ali estava em que haviam sido empregados, muito mal empregados, os últimos cincoenta mil réis que D. Maria José me extrahira. Sapatos, meias de seda para aquelle malandro.

— Deitaram fóra o Xavier, hein, Paschoal?

— E' verdade, disse Paschoal sem interromper o desenho em que se esmerava. E' pena.

Mas naquelle momento não senti pena do Xavier. Acima dos desastres alheios estava a desgraça immensa que me affligira na vespera.

Muito bem! Com duas palavras Luiza me havia suprimido. Considerei-me extinto. Ninguem comprehendera o movimento de repulsa. Era como se elle me houvesse ajoujado á outra. a /

Abri uma revista, li versos e notei ao findar que não tinha percebido nada.

— Que fez você hontem o resto da noite, Pinheiro? Sempre conseguiu derrubar a matuta?

— Nem me fale nisso, rugiu Isidoro, que se barbeava a um espelho pendurado á parede. Gastei cinco mil réis nos cavallinhos, paguei nove entradas no cinema

a ella e a um lote de parentes, e mais vinho, genebra, isto e aquillo, total: vinte e oito mil e setecentos. Que despesa num tempo de crise! E quando julgo a mulher segura, a miseravel aproveita um momento sagrado em que tive de satisfazer necessidades urgentes e escapole-se com o Silverio. Só a cacete!

Esbocei um sorriso chocho, li novamente os versos.

Muito bem! Desejava esquecer, não podia esquecer.

— Assistiu á missa, Pinheiro?

— Toda, homem, de cabo a rabo, ajoelhado na grama, com o olho no diabo da matuta. E a vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo no cinema, e mais a resurreição. E os cavallinhos ainda por cima. Você já viu que falta de vergonha? Vinte e oito mil e setecentos! Depois de tudo combinado, a cachorra me prega aquella peça! Eu, se não fosse um individuo pcato, ia ao Riacho Fundo e dava-lhe murros.

Tentei recordar a figura da cabocla, mas apenas me lembrei dos peitos volumosos e do nariz chato. Como lamentava o Pinheiro não se ter espojado num canto de muro com aquillo? Que gosto estragado!

— E eu que recusei a Maria do Carmo! suspirou raspando o queixo.

— A Maria do Carmo é bonitinha, observou Paschoal.

— É, concordou Isidoro, mas muito vista, muito batida. Que está você riscando?

— Um monogramma para fronhas.

Serviço de D. Maria. E' nessas miuçalhas que Paschoal se occupa. Tanto sangue, tanto musculo, carcassa tão rija, tudo empregado em dourar molduras de espelhos e rabiscar monogrammas! Irritante! D. Maria José não tinha discernimento. Era melhor que se arumasse com o Monteiro, que é velho, capitalista e viuvo, homem respeitavel.

Depois mudei de idéa. Procedia ella muito bem, se

o italiano a fazia feliz. E o Pinheiro tambem andava com juizo em correr atraz da cabocla. Punham a sua felicidade onde podiam alcançal-a. Eu não podia alcançar a minha felicidade: fugira na vespera, sem voltar o rosto.

— Vocês já sabem que a Clementina vai casar? disse Paschoal suspendendo o trabalho.

A pilheria de sempre. Aquillo, assim repetido, não tinha graça. Mas o italiano affirmou que não era brincadeira:

— Desta vez é serio.

— Outro espirito? perguntou Isidoro escançoando o beijo.

— Não, foi o promotor que a pediu hontem.

Esqueci por momentos as minhas preocupações:

— Como é que você soube, Paschoal?

— Homem! essa agora! Você tem certeza? gaguejou o Pinheiro. Se for verdade, fica um par magnifico. E eu estou contente, que gosto da Clementina. Ora sebo! Dei um talho na cara, com a emoção. Quem foi que lhe contou?

Tinha sido o Neves.

— O Neves? Então é certo. O Neves não mente. Sim senhor! Para alguma coisa o diabo da politica havia de servir. Quando receber a communicação, escrevo uma noticia de estouro na *Semana*. Afinal a Clementina arranjou-se. E merece, é digna. Essa coisa de hysticismo... potoca! Eu, se não fosse cardiaco, hepatico, arthritico e syphilitico, tinha casado com ella.

Que mudança! Nazareth, junto á mesa do leilão, achava o promotor um excellent rapaz. Invejei o noivo, tão alegre, tão amavel, a grossa gargalhada a irromper a cada instante.

— Oh Paschoal, que é da chave ali do armario? perguntei. Tudo trancado! Que fim levou a D. Maria?

— Foi visitar a mulher do sapateiro. A chave? Para que chave?

— Para tirar a garrafa de cognac.

— Vai beber cognac agora de manhã? Escangalha o estomago.

— Adeus.

Fui buscar ao quarto o chapéo e a bengala. Como tinha a carteira desprovida, retirei a Biblia da gaveta, procurei dinheiro entre as folhas do Velho Testamento. Emquanto me fornecia, li: “E achei que é mais amarga do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores, o seu coração rede, as suas mãos cadeias.”

E a minha tristeza augmentou, porque a rede em que por muito tempo me debati deixara fugir a presa por entre as malhas. E as cadeias, que desejei arrastar, tinham-se afrouxado de repente, abandonando-me, livre e inutil, junto a uma velha que chorava por um menino de chapéo de palha.

Sahi pesadamente, fazendo curvas com a bengala na calçada. Quando penetrei no largo, que tinha agora, com os estabelecimentos fechados e as barracas desertas, uma apparencia de acampamento abandonado, avistei padre Athanasio defronte do cinema, conversando com dois matutos.

— Ora viva! gritou. Cahiu-me a geito. Ia agora... Casamento de parentes é com o bispo. Precisa tirar licença, gasta ahí...

— Mas, seu vigario, replicou um dos roceiros, eu não posso pagar a licença. Se vossa senhoria me fizesse o favor...

— Já lhe disse que é com a diocese. Vamos descendo por aqui, temos negocio. Pois não case, filho de Deus. Se você nem pode pagar licença, como sustentar familia? Ou então pegue outra. Casamento de primos é ruim. E vão-se embora, não me amolem.

Os matutos desapareceram.

Entrámos na travessa da Cadeia.

— Estou cansado, exclamou padre Athanasio. Missa aqui, missa em Santa Cruz, missa em Caldeirões! Morto de somno, não dormi um minuto. E esta cambada de tabareos azucrinando a gente! Assim mesmo uns atheus de meia tigela acham que nós não trabalhamos. Hoje é que eu queria mostrar a elles que é parasita. A proposito de casamento, você sabe que a Clementina foi pedida?

— Sim, pelo promotor. *Qui se ressemble...* Afinal, como diz Salomão...

Lembrei-me do periodo lido vinte minutos antes:

— A mulher é laço de caçador, tem coração de rede e cadeias. E' do Ecclesiastes.

— No Ecclesiastes ha isso? perguntou o vigario espantado.

— Mais ou menos, uns belliscões nas mulheres. Muito justos.

Padre Athanasio riu grosso e extrahiui do interior uma explicação que lhe pareceu accetivel:

— Foi a sua namorada que lhe pregou alguma peça.

— Não senhor.

Cumprimentei Fortunato Mesquita, que descia a rua Deodoro.

— E esse negocio, padre Athanasio?

— O negocio? Ah! sim! Não me interessa, sou apenas mediano. Vamos andando. Pois, meu filho, se o Salomão escreveu aquillo, não procedeu bem. Ora dizia o Doutor angelico... (ou Santo Agostinho, não me lembra...) que todos os homens... Não, é outra coisa. Emfim Salomão foi um rei femieiro. E' verdade que Santo Antonio e muitos anachoretas, na Thebaida... Mas isto não tem importancia, porque houve outros, e dos maiores... Jesus Christo mesmo não desprezava as mulheres. Veja aquella historia do poço, a samaritana

tirando agua. E' bonito! Veja Martha e Maria, as irmãs de Lazaro, um bando dellas. A redoma de balsamo! E' lindo! E S. Francisco de Assis, onde foi que elle algum dia disse mal das mulheres? E S. Francisco é um mundo, S. Francisco é tudo. Quando se fala em S. Francisco, Salomão se esconde.

Estavamos á porta do reverendo. Entrámos.

— A redacção hoje não se abre, padre Athanasio?

— Não, respondeu o vigario atirando o chapéo para a mesa carregada de livros, papeis, caixas, em temerosa mistura. Moido, meu filho, parece que levei uma surra. E vou trabalhar na igreja. Você está satisfeito com os Teixeira?

— Se estou satisfeito? Porque pergunta, padre Athanasio?

— E' o negocio de que falei. Sente-se. Se não é indiscreção, quanto ganha você?

— Nem sei. Ás vezes mais, outras vezes menos, é conforme o tempo. Dão-me, além do ordenado, uma parte dos lucros. O senhor quer offerecer-me o lugar de sacristão?

— Não quero offerecer nada. E' o Cesario que deseja convidal-o. Melhor ordenado, tambem promette interesse... Não lhe dou conselho. Nem acho decente a proposta. Emfim, como o Mendonça é camarada...

— Muito bem! exclamei com entusiasmo. O senhor não imagina, padre Athanasio. Esplendido!

E considerei que aquillo era um bom meio de evitar Luiza. Aceitava a collocação, dava adeus aos livros do Teixeira, ao piano, ao xadrez, ao jardim e á garça de bronze. Mentalmente, vi desoccupado o meu lugar á mesa; na minha cadeira, no salão, o Dr. Castro, feliz, contemplando Clementina; deserta a varanda onde me recostava, occulto por detraz das cortinas, e donde se avista o arrabalde da Lagôa, um feixe de pontos luminosos. Nunca mais poria os pés naquella casa, que

frequentei annos a fio, a principio com o coração tranquillo, depois numa agitação que foi crescendo, ameaçava transtornar-me a vida. Tinha-me sentido quasi doido alguns dias antes, a gemer num soluço desesperado: “Pelo amor de Deus, D. Luiza... Que lhe fiz eu?”

— Então acceita? perguntou o vigario. Que ha de extraordinario no que lhe disse para me olhar com essa cara de mal assombrado?

— E’ com effeito uma boa proposta, eu não esperava por isso. E, mudando de conversa, padre Athanasio, como se chama uma estrella vermelha que ás nove horas fica ali para as bandas do Tanque? Uma estrella grande. Como é o nome della? Será Aldebaran?

— Que desconchavo é esse? bradou o padre. Acceita ou não?

— Qual accectar, qual nada! Eu sou lá capaz de fazer isso!

— Mas onde tem você a cabeça, criatura? Disse ha pouco que era um bom offerecimento.

— Foi tolice, padre Athanasio. Quando andei por ahi, para cima e para baixo, procurando emprego, estive duas vezes em casa delle. Não me deu um chifre.

— Perfeitamente, concordou o vigario. Recusa, mas não tem senso commum.

— Não tenho nada, nem senso nem coisa nenhuma. Sou um desgraçado.

Era um principio de confissão. Se eu fosse crente, ter-me-ia lançado aos pés do reverendo, abrindo as portas da minha alma. Não sou crente, por infelicidade, e apesar de soffrer muito, não queria dar a mim mesmo a illusão de que dividia o meu infortunio com outra pessoa.

— Desgraçado? Ora essa! Que foi que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Um rapaz meio tonto, o senhor tem razão. Falta de senso commum.

— Pois se você aceitasse o emprego do Cesario, eu ficava desgostoso, palavra! Procedeu com honestidade. Vamos almoçar. Valentina, ponha esse almoço. Com honestidade. Sim senhor. Vamos almoçar.

— Obrigado, padre Athanasio. Deixe lá, não mereço abraços. Não ha nenhuma nobreza no que fiz.

XVII

Estalaram foguetes na rua, á passagem da procissão.

Soltei o livro, agarrei o chapéo e cheguei á calçada no momento em que desfilavam dois renques de velhos tristes, de opas, conduzindo tocheiros sem velas.

— Vai acompanhar, Paschoal? Você sabe o que ha na igreja?

— Sermão. Sermão e Te-Deum. Sim, acompanho.

Vinham devagar, em filas, as crianças do catecismo, com fitinhas amarello-verdes. Depois, duas alas de mulheres, e entre as alas uma cambolhada de anjos, rubicundos, frisados, com azas de arame e gaze. Em seguida, o estandarte das filhas de Maria, dois cordões de aspirantes e veteranas. Atraz, o andor do Coração de Jesus, beatas de beigo molle, caducas, D. Engracia, a Teixeira velha, Casimira, outras criaturas hediondas e sem sexo, de roupas pretas e escapularios como nodoas de sangue. E tres figuras symbolicas, as virtudes excellentes.

— Você conhece aquella Caridade, Paschoal? A de lá.

— Não conheço, deve ser de fóra. E é bonita.

— Bonita? Com os diabos! E' uma linda Caridade.

Caçámo-nos. Padre Athanasio passava, de para-

mentos brilhantes, ladeado por dois ecclesiasticos mal encarados, sob o pallio que seguravam o juiz substituto, o Dr. Castro, Fortunato Mesquita e o Monteiro.

— Venha para cá, seu Valerio, desentoe-se, disse Mendonça filho, deixando a multidão desordenada que rematava o cortejo. Isto aqui está bom.

Hesitei, com a tentação de namorar a Caridade. Encolhi os hombros:

— Vou esperar na igreja.

Dirigi-me á praça, olhando com simulada indifferença as familias que vinham a distancia. Quando Luiza passou, em companhia do marido, voltei o rosto e, para occultar a minha perturbação, consolei um pequenino Jesus de tres palmos, que chorava, perdido e amuado, com uma alpercata de menos, o resplendor cahido para a nuca, as chagas das mãos diluidas em lagrimas.

Subi o Quadro, onde só havia duas ou tres barracas, escuras, de palha crestada. Pannos vistosos nas janelas, flores e folhas juncando o chão. No convento de D. Engracia, colchas ricas.

Para afugentar as idéas dolorosas que a presença de Luiza me trouxera, pensei na Caridade.

As lojas de fazenda, as barbearias, as pharmacias, o Bacurau, tudo fechado.

Defronte do bilhar encontrei Nazareth, que descia.

— O Evaristo vai para cima, hein?

— O Evaristo? Ignoro, respondi. De que se trata?

— Secretario do interior. Creio que vão fazer delle secretario.

— Secretario? Não sei. Quem lhe contou?

— Os factos. Você não lê a *Gazeta*? Está-me palpitando que o Evaristo entra na secretaria.

— Um sujeito que se metteu em politica ha um anno!

— Não senhor. Metteu-se nella desde que lhe nasceram os dentes. E' o chefe local que mais trabalha.

Veja como esse velhaco organizou isto! E aqui para nós, a telegraphista me mostrou um telegramma em segredo. Peguei umas coisas por alto. Aquillo trepa, e se não fôr para a secretaria, dão-lhe outro lugar bom, que é de elementos assim que o governo precisa.

— Safadezas! murmurei despeitado, porque não possuo o talento de Evaristo. Que sorte!

— Conversa! Que é que falta a elle?

Mordeu os beiços, contrafeito, esboçou um sorriso cheio de fel:

— Tem tudo. E' bacharel, faz discursos, veste-se bem e sabe furar. Tem tudo. Recebeu um bilhete de participação que lhe mandei hontem?

Era o casamento da filha, e eu não havia felicitado o velho. Desazado!

— Perfeitamente. Distrahi-me, por causa do Barroca. Nem dei parabens. Desculpe. Quando é isso?

— Até Junho. Eu sou pelo systema antigo. Quem tiver de se juntar junte-se logo, vá noivar na casa do diabo: ás minhas barbas não. Você viu por ahi o Neves?

Eu não tinha visto o Neves.

— Poi eu vou procurar o Neves. *Au revoir.*

Encaminhei-me á igreja. Ao galgar os degraus, onde mendigos esperavam o regresso da procissão, vi subirem foguetes no Pinga-Fogo.

Encostei-me á grade de ferro que circunda a calçada.

Montes á esquerda, proximos, verdes; montes á direita, longe, azues; montes ao fundo, muito longe, brancos, quasi invisiveis, para as bandas do S. Francisco. Accendi um cigarro. E imaginei com desalento que havia em mim alguma coisa daquella paizagem: uma extensa planicie que montanhas circumdam. Voam-me desejos por toda a parte, e caem, voam outros, tornam a cahir, sem força para transpôr não sei que barreiras.

Ancias que me devoram facilmente se exhaurem em caminhadas curtas por esta campina rasa que é a minha vida.

Os telhados da cidade extendiam-se em baixo; um catavento gesticulava no quintal do Cesario; a casa de Victorino, distante, avultava, pesada e feia. Seis horas. O arrabalde da Lagôa repousava entre moitas, miudinho, como uma pintura de theatro. Para outro lado derramava-se o Chucuru, triste e secco, de areia e pedra. E o Tanque, uma serie de pomares entre morros. Ficam lá os sitios do Barroca, terra esplendida. Cultura de café, gado selecto, que ladrão! Aquelle, sim, anda sem se deter e alcança tudo com facilidade. Vence os embaraços, corta-os, e o que vai encontrando serve-lhe de meio para avançar. Que bandido!

Agora os foguetes estouravam no Melão. Os sinos repicaram. Bandos apressados desembocaram das ruas vizinhas e invadiram a igreja, em busca dos melhores lugares. Xavier filho aproximou-se de mim e pediu uma informação. Dei-a e voltei-me para cumprimentar D. Eulalia Mendonça.

A procissão recolhia. Em poucos instantes a igreja regorgitou. A' passagem de Luiza, affectei olhar a palmeira solitaria da Lagôa, o arvoredado que se cobria de sombras. Era quasi noite. Cheguei-me á porta. Dentro irromperam canticos. A imagem de Nossa Senhora do Amparo, entre velas accesas, mostrava o seu rostinho expremido e de choro. Na multidão que enchia a nave sobresahiam as vestes das irmandades religiosas. Um padre gordo subiu ao pulpito e começou a falar, mas do ponto em que me achava apenas ouvi, de mistura com o rumor da calçada, vagos chavões sobre o amor celeste e o amor mundano.

Voltei a debruçar-me á grade. Surgiram luzes. Além da campina, mancha pardacenta as serras tornaram-se massas negras. Nos morros á direita esmore-

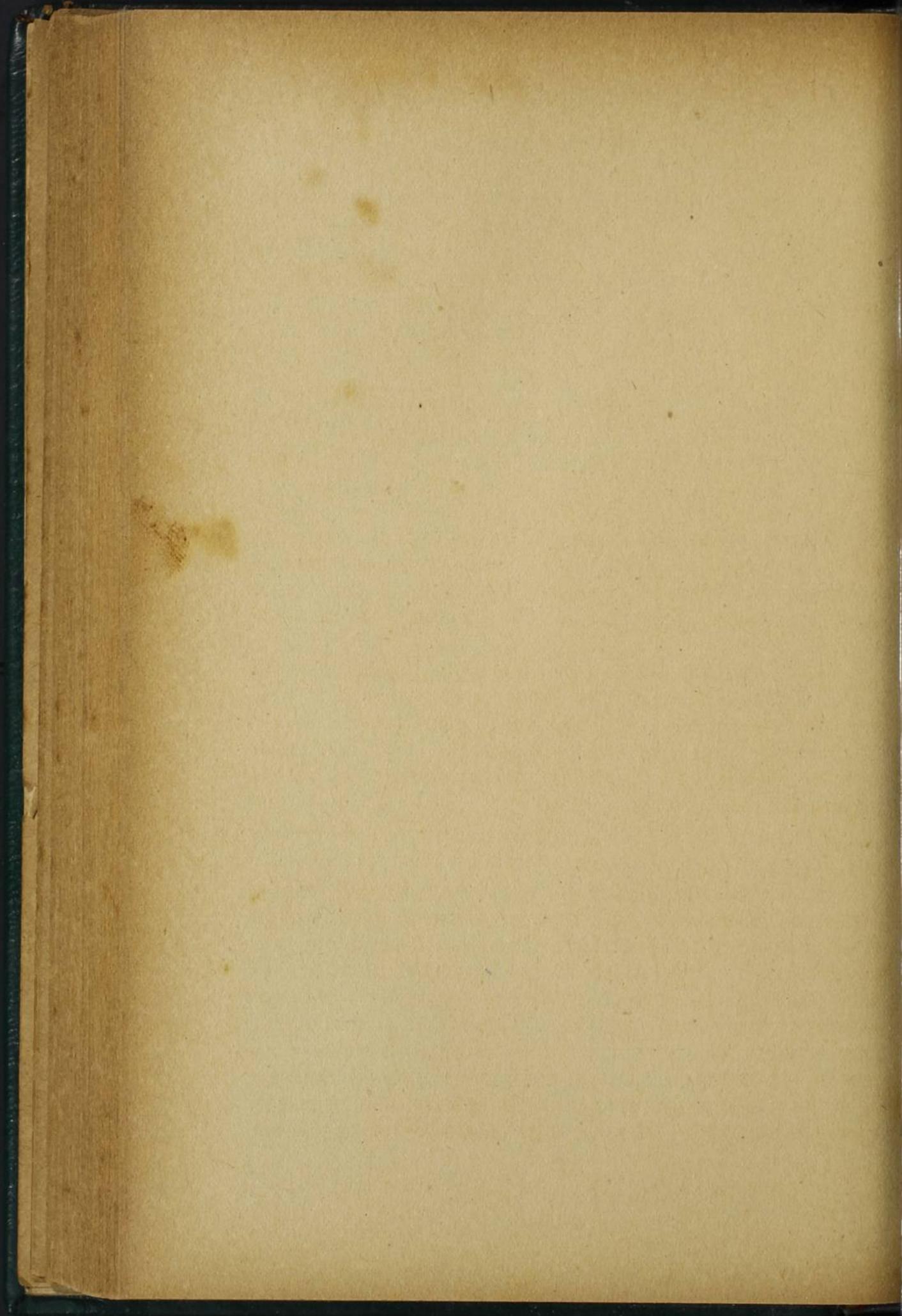
cia um resto de sol. Lá em cima tremelicaram estrellas espalhadas. O vózeirão do orador continuava a atroar.

— O senhor estava ahí? perguntei ao Miranda, que sahia. Já se vai embora?

— Já, respondeu o tabellião com um bocejo. Não supporto mais as bobagens daquelle typo.

— Que diz elle?

— Tudo: a virgindade de Maria, S. Vicente de Paulo, a constituição brazileira e as abobadas do infinito. Miseravel! O infinito com abobadas! Que jumento!



X V I I I

Varias vezes peguei na Biblia para tirar dinheiro, e o livro sempre se abriu no Ecclesiastes, mostrando-me a phrase de Salomão enjoado. Repetindo-a, senti uma atroz amargura. Uvas verdes. Que me importava o Salomão?

Num sombrio accesso de desespero, pensei no suicidio. Tolice. Eu tenho lá coragem de suicidar-me? O que fiz foi passar uns dias quasi sem comer. A escripturação ficou atrazada uma semana, o que me valeu duas observações de Victorino, e abandonei o jornal de padre Athanasio e os cahetés.

Para que mexer nos cahetés, uma horda de brutos que outros brutos varreram ha seculos?

Só Luiza me preocupava. Desejei-a dois mezes com uma intensidade que hoje me espanta. Um desejo violento, livre de todos os véos com que a principio tentei encobril-o. Amei-a com raiva e pressa, despi-me de escrupulos que me importunavam, sonhei, como um doente, scenas lubricas de arrepiar. Quando ia a casa della, mostrava-me taciturno e esquivo. Vinha ás vezes uma especie de deliquio, parecia-me que o coração deixava de pulsar, e era um frio, uma angustia, uma sensação de vacuo immenso. Estava sempre a sobresaltar-me, como

q - me |

se em redor me lessem na alma. Transparecia nos meus modos uma irritação que procurei conter debalde; se alguém me interrogava, respondia com palavras seccas e breves.

E quanto disparate! Uma noite cumprimentei deste modo o reverendo, que chegava: "Adeus, padre Athanasio. Divirta-se."

Riram em torno, gaguejei explicações parvas e encolhi-me, rangi os dentes, sentindo a vaga tentação de estrangular o Dr. Castro, que sorria para Clementina.

X I X

Em principio de Março, Adrião foi á capital acertar contas com os fornecedores e pedir a restituição duns titulos resgatados. Eu havia escripto varias cartas reclamando, e o detentor dos papeis dava respostas evasivas e protelava a remessa.

No dia em que Adrião viajou dirigi-me a casa del-
le, á noite, esperando entender-me com Luiza. A voz
sumida, em tremuras, interroguei o negro:

— D. Luiza está ahi, Zacharias?

— Está. Um bocado murcha, nem quiz beber café.

— Está só?

— Sim senhor. A menina D. Josepha sahiu ainda
agorinha. Entre V. Mee., eu vou mandar avisar.

Penetrei na saleta de espera, gelado, a vista es-
cura. Assaltou-me um pavor estúpido. Vi no espelho
do porta-chapéos uns olhos attonitos e uns beiços muito
brancos.

— De pé, João Valerio? disse Luiza apparecendo.
Demorei-me um pouco. Desculpe.

A minha figura no espelho pareceu-me burlesca.

— Uma cadeira, João Valerio, continuou Luiza.

Sentou-se no sofá:

— A Josepha andou por aqui, e a Martha. Com-
mentámos os seus modos exquisitos.

— A senhora estava deitada, exclamei. Talvez doente...

— Doente? Não, apenas meio aborrecida, por causa do calor. Pensa a Martha...

— Pois pensa mal, interrompi, mettendo os pés pelas mãos. A senhora não tem outro assumpto? Vim pedir-lhe um favor.

Respirei com esforço:

— Que mal lhe fiz eu? Já lhe perguntei ha tempo, lembra-se? Tinha confiança em mim, e de repente... Não negue. Ora essa!

Approximei-me, sentei-me no sofá, longe della:

— Eu não quero saber o que os outros pensam de mim. O que me interessa é o seu pensamento, o seu. Hoje que tudo mudou...

— Eu não mudei, João Valerio, murmurou Luiza baixinho.

E começou a fazer pregas numa das fitas do vestido branco.

— Não? Santo Deus! Como tem coragem de afirmar isso? Foi desde aquelle amaldiçoado jantar. E se soubesse... Emquanto dançavam, fui para o jardim, com a esperança de encontral-a. E sonhava poder um dia beijar-lhe a mão. Não comprehende... E' horrivel!

Ella estava livida:

— Muito tarde, João Valerio, quando nos conhecemos... Era melhor que nos separassemos.

— Era melhor que não nos separassemos nunca, bradei numa exaltação. Vivemos mentindo, acovardados.

Zacharias entrou, foi ao salão, fechou as janellas silenciosamente, voltou, rondou por ali, inquieto:

— A sinhá quer alguma coisa?

— Não, podem deitar-se.

Depois que o preto sahiu, contemplei Luiza, esquecido. Os meus soffrimentos se attenuaram num instante, maior que mezes de angustia.

— E ha cinco annos vivemos nisto! exclamei, novamente despeitado. Levo esta peste de vida e tenho de mostrar cara alegre!

Uma serenata passou na rua. Cantos, sons de bandolim e flauta perderam-se.

— Fale! Pelo amor de Deus, fale!

— Que hei de dizer? sussurrou Luiza com lagrimas nas palpebras.

— Eu sei lá! Ahi duas palavras que me tirem deste inferno. Seja franca, seja boa. Porque se encolerizou no dia do jantar? E, diante do presepio, noite de Natal, porque me olhou daquella fórma?

Tomei-lhe as mãos:

— Ninguem se zanga sem motivo, é claro. E nós que eramos tão amigos... Aborreceu-se, amou. Acertei?

— Não posso... João Valerio, soluçou Luiza com voz quasi imperceptivel, que estremecimentos cortavam. E' como se fosse uma pessoa minha. Muita amizade. Se nos tivéssemos conhecido mais cedo...

Um deslumbramento. No silencio que se fez a sala encheu-se com os rumores da usina electrica e de automoveis rolando longe.

— E haviamos de ser felizes, segredei com o intuito de completar-lhe as phrases esboçadas. E seremos felizes porque não? Falou em amizade. Eu não lhe tenho amizade, o que tenho é um amor doido, como ninguem lhe ha de ter. Duvidou de mim, julgou que me importava... Foi uma injustiça. Que tortura, estes dois mezes!

Zumbiam-me os ouvidos, a respiração tornou-se-me offegante:

— Um beijo!

Pancadas de relógio soaram na sala proxima e gastaram uma eternidade a escoar-se. Vi mentalmente Adrião, que era meu amigo, Victorino, Nicolau Varejão, mentiroso, o boticario Neves, intrigante.

— Um beijo! repeti desvairado, abrazando-a com o desejo que em mim gritava. Um beijo!

Ella fez um movimento para se levantar, tornou a cahir no sofá e desviou o rosto.

— Um beijo! balbuciei como um demente.

Soltei-lhe de subito as mãos, agarrei-lhe a cabeça, beijei-a na boca, devagar e com voracidade. Apertei-a, machucando-lhe os peitos, mordendo-lhe os beiços e a lingua. De longe em longe interrompia este prazer violento e doloroso, quando já não podia respirar. E recomçava. As mãos dellas prendiam-me; atravez da roupa leve eu lhe sentia as vibrações dos musculos.

Não tive consciencia do tempo decorrido naquella noite: guardo a lembrança de que o relógio, no salão vizinho, bateu mais de uma vez.

A posição em que nos achavamos no sofá estreito era incommoda. Senti as pernas entorpecidas.

Veio-me depois uma grande lassidão, o subito afrouxamento dos nervos irritados. As imagens brutaes debandaram, Luiza me inspirou uma immensa piedade. Acheia-a pequenina e fraca, ali cahida, coitadinha, numa confusão. Ergui-a, compuz-lhe a roupa, encostei-a ao peito, onde ella se aninhou, tremula. Não se assemelhava á mulher que me deixara anniquilado ao pé da mangedoura onde repousava um Jesus de biscuit, junto a um rio de vidro. Embalei-a como a uma criancinha, passando-lhe pelos cabellos os dedos pesados, numa caricia

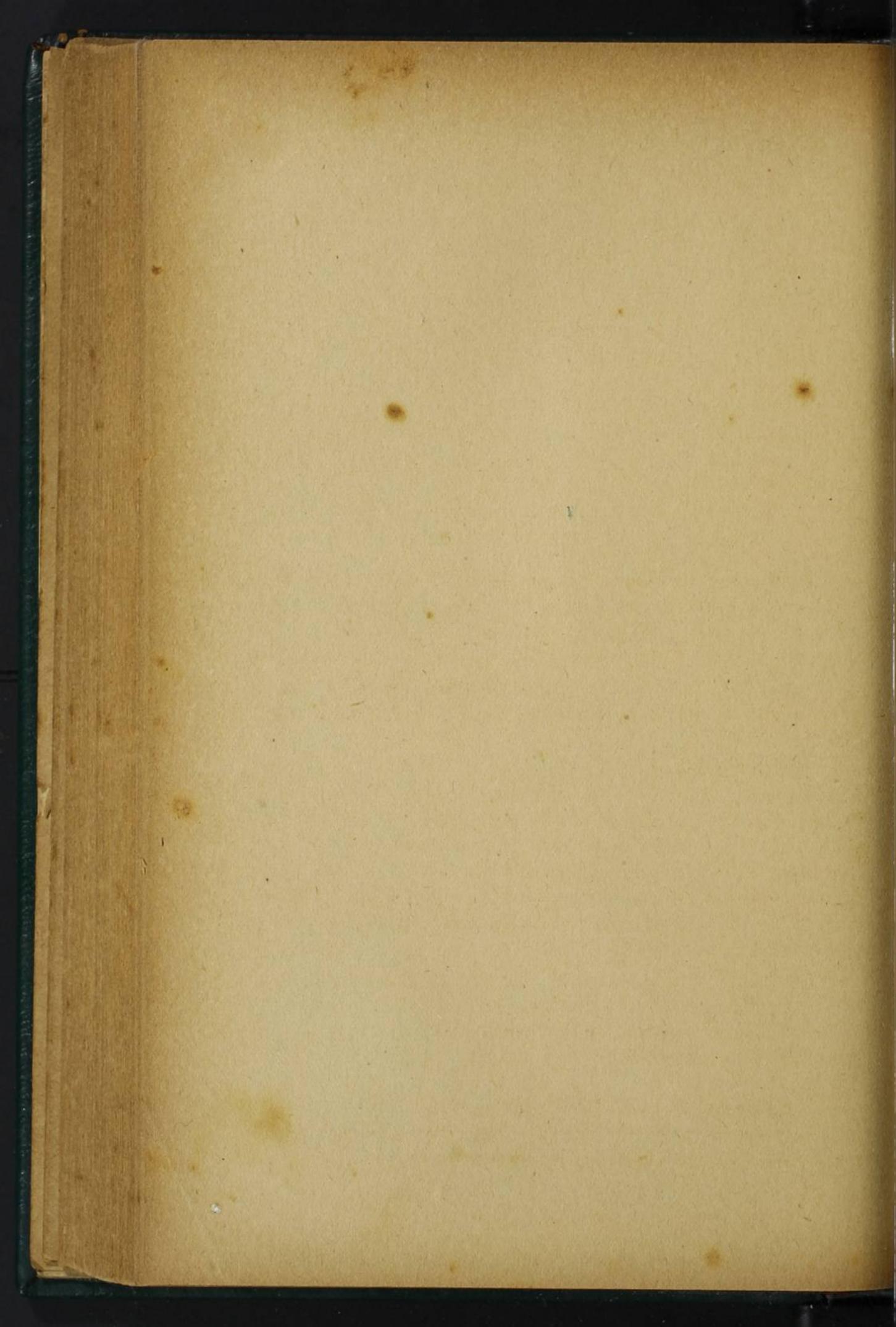
lenta. E disse-lhe coisas infantis que se sumiram depressa nas nevoas daquela embriaguez. Assim estivemos até que as luzes deram signal para apagar-se.

Cerrei as janellas e levei-a para a alcova.

Quando, com a aproximação da madrugada, me retirei, Luiza veio acompanhar-me. Na calçada, depois do ultimo abraço, lembrei-me da noite em que ella me repelliu naquelle mesmo lugar. Tomei-lhe as mãos com arrebato e cobri-as de beijos.

Afastei-me, tremendo na escuridão, receando que alguém me encontrasse. A' porta de casa retrocedi, com a idéa exquisita de procurar a minha estrella protectora sobre o monte negro. E sorri interiormente. Fui á beira do açude, avistei-a. Tinha mudado de lugar e estava menor.

Contemplei-a, supersticioso, quasi convencido de que ella me enviava parabens lá de cima.



X X

Adrião esteve ausente uma semana. Alta noite, collando-me aos muros para não ser visto, precaução inutil porque era tudo treva, com o coração aos baques eu entrava no jardim, subia as escadas, abafando os passos.

Luiza não mostrou arrependimento, despia-se como se estivesse só, nada occultava — e eu achava nella uma alma candida.

Não lhe cahi aos pés, com uma devoção mais ou menos fingida. A felicidade perfeita a que aspirei, sem poder concebê-la, rapidamente se desfez no meu espirito. Livre dos attributos que lhe emprestei, Luiza me appareceu tal qual era, uma criatura sensivel que, tendo necessidade de amar alguém, me preferira ao Dr. Liberato e ao Pinheiro, os individuos moços que frequentavam a casa della.

Não senti vaidade: senti estupefacção. Considero-me indigno do favor recebido. Que valho eu? Consideração mortificadora, porque me trazia a idéa de que Luiza me aproveitara como aproveitaria outro nas minhas condições.

Experimentei então alfinetadas no egoismo, affligiram-me pensamentos de avaro, que debandavam quando, ao penetrar na alcova, eu recebia os beijos della.

Na intimidade rapida que se estabeleceu entre nós, Luiza me disse:

— O Valerio não comprehende... Nunca imaginou...

Sentou-se na cama, e a camisa escorregou-lhe dum dos hombros. Enguli em secco e lamentei intimamente tanto anno perdido, os tormentos que passei.

— A scena de Novembro, ali no jardim, Valerio... Não percebeu?

— Não percebi, confessei constrangido. Amor de irmão...

Ella sorriu.

— Eu fazia castellos, murmurei. A esperanza de lhe arrancar uma palavra... Difficil. Visitas, os criados fervilhando por toda a parte... Ganhei cabellos brancos.

E ella:

— Mais cedo ou mais tarde haviamos de chegar a isto. Não estou arrependida, tenho até vergonha de precisar esconder-me.

Quanto a mim nem me lembrava de Adrião. Se ás vezes me espicaçavam alguns espinhos, defendia-me com desespero. Que culpa tive eu? Certamente era melhor que não existisse aquella paixão; mas desde que existia, paciencia, eu não podia arrancar-a. E por causa do mandamento dum barbaro, que teve a desfaçatez de afirmar que aquillo vinha do Senhor, não iria eu, civilizado e guarda-livros, conservar-se em abstinencia, amofinar-me no deserto.

Tinha-me vindo a tentação, uma tentação de olhos azues e cabellos louros, e depois de escorregarmos, nada valia ralar-me por uma coisa que a cidade ignorava, que Adrião não suspeitaria.

— Realmente, disse commigo, que prejuizo traz ao mundo a preferencia que ella me dá? E Deus liga pouca importancia a bichinhos miudos como nós: tem em

que se occupe e não vai bancar o espião de maridos enganados. É' impossivel que algum Deus considere as minhas relações com Luiza censuraveis. Ninguem as conhece, só nós podemos julgal-as — e os nossos corações não nos accusam. Padre Athanasio vive a dizer no pulpito que usar mangas curtas é immoralidade. E as mulheres desnudam o collo, mostram os braços, convencidas de que procedem mal. Luiza é innocente: não se envergonha do que faz.



X X I

Um domingo á tarde, como o calor na cidade era grande, entrei no Pinga-Fogo, com a intenção de dar uma volta pelos arredores. A' porta da casa de Victorino encontrei Luiza, D. Josepha e Clementina.

— Para onde vai o senhor por esta zona? gritou-me a Teixeira.

— Por aqui, sem rumo. Bôa tarde. Girando, em busca dum canto onde possa morrer sem ser queimado. As senhoras vão sahir?

— Vamos. Estavamos procurando um homem, e como o primeiro que passou foi o senhor, venha conosco, que tenho medo dos cachorros do Massa-Fina. Por quem esperam vocês?

Clementina sorriu, vexada com a desenvoltura da outra, e chamou D. Engracia, que se metteu debaixo do guarda-chuva e marchou na frente. Abrindo a sombrinha, a Teixeira disse em voz baixa:

— Que vem fazer esta velha? Estragou o passeio.

Como a viuva pisava rijo e estava suada, inquirei, julgando ser agradável:

— Essa roupa preta não incommoda, com semelhante quentura, D. Engracia?

— Talvez fosse melhor andar de vermelho, retorquiu a proprietaria furiosa. Era decente.

— Safa! resmunguei encolhendo-me. Que brutalidade!

Luiza riu-se divertida, a Teixeira deu uma gargalhada, Clementina mordeu os beiços.

Passámos o Córte. E adiante, na frescura e na sombra das arvores que marginam a estrada, as tres retomaram uma conversação a respeito do casamento de Clementina, casamento trabalhoso, adiado sem motivo. O Dr. Castro não se decidia.

— Que diabo quer elle? perguntou D. Josepha. Eu, se fosse commigo, mandava-o pentear macacos.

E a um gesto de reprovação da velha, que abominava aquelles modos, dizia que no tempo della...

— Já sei, no tempo da senhora era tudo côr de rosa. As meninas não sabiam ler, para não escrever aos namorados, e viam a cara do noivo pela primeira vez no dia seguinte ao casamento.

— No dia seguinte? exclamou Luiza.

— Foi a directora do collegio que me contou.

— Pois era um costume interessante, D. Josepha, interrompi. E difficil. A senhora aprendeu muito.

— Aprendi. Principalmente historia antiga, do tempo da D. Engracia.

— A proposito, disse Luiza, essa sua companheira que esteve ahi, a professora, azulou sem se despedir, hein? Como vai essa joia?

A joia passava bem. Tinha escripto uma carta cheia de labias. Estava melhor dos intestinos e mais bonita.

— Uma belleza, atalhei. Ultimamente estava ficando linda. Deve ter sido influencia sua, D. Josepha. A senhora não volta para o Coração de Jesus?

— Não.

E entrou a falar no C. S. P., a sociedade de sports

que se tinha dissolvido. Iamos passando pelo campo de foot-ball, agora utilizado com o plantio de mandioca algodão. Valentim Mendonça tencionava mandar limpar aquillo, reorganizar o club.

— Faz mal, opinou D. Engracia. Isto assim está melhor do que cheio de vadios trocando pontapés.

— De certo, concordou a Teixeira, incorrigivel. Antigamente não havia disso.

A viuva encalistrou e apressou o passo. Quando alcançámos o Massa-Fina, tinha transposto o riacho, subido a ladeira.

— Voltando atraz, perguntei, coom era o casamento, D. Josepha?

— Foi a directora quem disse. Os paes faziam o arranjo, vinha o padre e embirava o casal de trouxas. A noiva, morta de medo, não olhava para os lados. Mettia-se no quarto, deitava-se, enrolava a cabeça nas cobertas e via o marido no outro dia. Hoje tudo é diferente. A Clementina está cansada de ver o Dr. Castro.

Juntaram-se as tres de braço dado, formando uma cadeia para evitar algum trambolhão, e desceram de corrida até a beira do riacho, que só tinha uma pinguela para a passagem.

— Como é que se vai atravessar isto? perguntou Clementina, sem se atrever a pisar naquella ponte rustica.

— Vou auxiliá-la, propuz. Feche os olhos, se tem vertigens.

Equilibrando-me, segurei as mãos da moça e, andando de costas, cheguei á outra margem. Depois conduzi Luiza. No meio da prancha, com os braços abertos e as mãos nas mãos della, como se fosse abraçá-la, hesitei, e foi ella que me amparou. Pareceu-me que a minha vida era uma coisa estreita e oscillante, com perigo dum lado, perigo do outro lado, e Luiza junto de mim,

a proteger-me. Comprimi-lhe os dedos, toda a minha alma fugiu para ella num olhar de ternura.

— Vocês querem ficar assim o resto da tarde? bradou a Teixeira.

Tive um sobresalto e tirei-me d'ali. D. Josepha passou a travessa em quatro pernadas, trepou o monte quasi a correr.

Clementina colhia florinhas á beira do caminho.

— Que quer dizer aquillo? perguntei a Luiza. Terá percebido?

— Talvez tenha, fez ella pensativa, sem baixar a voz diante de Clementina, que se approximou com as mãos cheias de cajás.

A Teixeira estava agora sisuda, sentada num tronco, reconciliada com D. Engracia, que nos disse, interrompendo uma descripção do Senhor Morto de Palmeira de Fóra:

— Pensei que não chegassem hoje.

— Não ha pressa, respondeu Luiza. A qualquer hora chegamos bem.

E abriu a sombrinha sob as ramagens escassas. D. Engracia atacou Clementina:

— Enfeitar os cabellos com flores de mulungu! E comer cajá, uma porcaria que embota os dentes!

Caminhámos em silencio até o lugar onde existiu o cruzeiro verde, um cajueiro com dois galhos em fórma de cruz, que a gente dos sitios proximos vinha adorar. Falei da multidão que ali encontrei uma tarde — mendigos, mulheres com filhos pendurados aos peitos, curiosos, espertalhões que se arvoravam em sacerdotes.

Mas ninguem ligou importancia á minha historia. Chegámos ao caminho que vai dar á Lagôa, estreito e esburacado. D. Engracia voltou a descrever o Senhor Morto, imagem terrivel, com braços de macaco e olhos de coruja.

A Teixeira interrompeu-a e informou-se de Martha,

que estava doente. Ia bem, tomando remedio de botica.

Como Luiza, para saltar um barranco, me pediu a mão, que apertou, sorri. E lembrei-me das musicas, das flores de parafina e dos livros francezes. Pensei no soneto, no carnaval, no Centro da Bôa Imprensa, no Marino Faliero e no presepio. Encolhi os hombros. Que me importava Martha Varejão? Que me importava o resto?

Feliz e egoista, vi o mundo transformado. D. Engracia, a Teixeira, Clementina, meia duzia de crianças amarellas e beíquidas que preguiçavam no terreiro duma cabana, tudo mingou, reduziu-se ás dimensões das figurinhas do Cassiano. E a cidade, que divisei em baixo, por uma aberta entre os ramos, era como o taboleiro de xadrez de Adrião, com algumas peças avultando sobre a mancha negra dos telhados: as duas igrejas, o predio da usina electrica, tectos esquivos de chalets, o casarão de Victorino atravancando o Pinga-Fogo, coqueiros esguios, o catavento.

Iamos agora pela estrada larga, plana, escura das arvores que a ladeiam. Retardando o passo, falei baixo a Luiza. E olhava os salpicos de luz nas folhas seccas do chão quando, numa volta do caminho o Neves, escanzelado, verde, de oculos, passou por nós, franziu os beiços, tirou o chapéo.

— Não posso tolerar este individuo, disse Luiza com repugnancia.

— Quem? o Neves? inquiriu Clementina aproximando-se. E' obsequiador, delicado. Vamos até o Sotavaco?

Tinhamos desembocado na Lagôa.

— Eu não vou, oppoz-se a Teixeira. Estou com as pernas bambas.

E desceu á direita, nem quiz ouvir D. Engracia, que suggeria uma visita a Maria Quebra-Unha. Fomos

encontral-a abotoando um sapato, quasi á entrada da rua.

— Que sujeito insupportavel! tornou a dizer Luiza com aversão.

E, como Clementina extranhasse aquella antipathia excessiva:

— Não está em mim, é birra. Insupportavel!

Mais tarde, quando nos separámos, fiquei pensando no aborrecimento que Luiza tem ao Neves. A vida intima delle é abjecta. Rosnam coisas. A mulher, robusta ao casar, tornou-se magra, pallida e com olheiras. E' um casal que não tem filhos. E picuinhas em cima do homem.

Porque será que Luiza, que não sabe nada, volta o rosto quando o vê, cheia de nojo? Lembrei-me da faculdade que ella possui de sentir a miseria alheia: a fome do sapateiro, os gemidos da tísica, as pancadas do martello, alta noite. Talvez, por um mysterioso instincto, a pobreza moral do Neves se lhe revelasse confusamente, provocando uma repulsão que a generosidade della não pôde vencer.

X X I I

O Miranda Nazareth andava com influenza. Fui visitá-lo. Encontrei-o sentado na cama, os pés mettidos em sapatos de banho, pyjama sem botões, no peito descoberto uma grenha amarellenta, um fio de baba a escorrer-lhe nos pêlos do queixo. Bebia chá e mastigava torradas que estalavam, cobriam de migalhas os lençóis sujos. Numa cadeirinha baixa, Clementina olhava com olhos de cão o Dr. Castro.

— Veio a proposito, bradou o doente quando me viu. Eu estava pedindo a Deus uma pessoa que soubesse jogar xadrez.

Soltou a chicara, agarrou-me as mãos, nem me deixou cumprimentar a filha e o futuro genro.

— Faça tudo para domesticar este homem, continuou. Impossível, não tem embocadura para o xadrez.

O Dr. Castro riu, achou aquillo um jogo encenado que ninguem entendia, peor que latim. Concordei: não me entravam na cabeça aquellas combinações embrulhadas. Afinal sempre me resignava a perder uma partida. Clementina trouxe o taboleiro.

— Qual! historia! exclamou Nazareth.

Encostou-se á mesinha da cabeceira, arrumou as peças:

— Você joga até muito bem, melhor que o Adrião. Branca? Sim senhor, é o que lhe digo, substitue o Teixeira com vantagem. Saia lá, seu felizardo.

Embatuquei, tive a impressão de que me haviam tirado a roupa, deixado nú diante de Clementina e do Dr. Castro.

— Cheque!

Avancei um peão. Ali estava o meu segredo babujado pela boca molle daquelle velhaco. Que imprudencia tinha eu commettido? Fazia tempo que me abstinha de ir a casa de Adrião, e quando ia, ficava de parte, com medo da Teixeira, que não se arredava de lá. Em mez e meio apenas me avistara com Luiza tres vezes: duas no jardim, alta noite, e uma no Tanque, ao pé de grandes penhascos entre arvores. O sitio era delicioso, um veio d'agua gemia na relva, esvoaçavam casaes pelos ramos, a verdura dum lindo musgo vestia as pedras velhas.

— Cheque!

Puz o rei junto á dama, em casas da mesma côr, defesa idiota. Cheque de cavallo ás duas. Sebo! lá se foi a dama.

Continuei, distrahido, com o pensamento naquelle retiro campestre, onde passei instantes que voaram, ouvindo a cantiga lenta do riacho e vendo, atravez da ramagem, pedaços de céu vermelho. Luiza havia enganado para ir lá um pretexto cheio de complicações. Revoltava-se por ter necessidade de mentir, ella que não mente nunca. E não podiamos recommear. E' uma desgraça viver em cidade pequena, onde a qualquer hora podem encontrar-se pessoas conhecidas que espreitam.

— Mate!

— Já? Foi surpresa. Pois muito boa noite, disse eu bruscamente, levantando-me.

— Demore ahi, vamos jogar outra, convidou Nazareth. Esta não valeu. E dou-lhe partido.

— Obrigado. Que prazer tem o senhor em jogar commigo? Ganha sempre. Vim apenas saber da saude. Parece que está bom.

— Não é tanto assim, retorquiu Nazareth. Uma semana aqui de molho, a canja e chá com torradas! Veja isto.

Mostrou-me os dedos descarnados. Recostou-se nos travesseiros de fronhas immundas. Que interior lastimavel! O Dr. Castro fazia pessimo casamento. Ali a conversar a meia voz com a noiva, longe do circulo de luz que havia em torno do abat-jour, sem notar a desordem do quarto, o espelho rachado, a mesa coberta de poeira. Como a gente cega! Talvez commigo se desse o mesmo. Não que Luiza fosse como Clementina, ah! não! Graças a Deus tenho bons olhos, bom olfacto, sei o que está limpo e o que é feio. Mas todas as bellas qualidades com que me entretive a enfeitar o meu idolo seriam o que eu julgava?

— E veja isto, continuou Nazareth exhibindo as costellas salientes, as bochechas murchas, as bambinelas do pescoço. Olhe que miseria! Que fazem vocês ahi no escuro, taramelando? Venham para cá. Ah! meu caro! se eu tivesse vinte e cinco annos, uma grippezinha não me incomodava. Vinte e cinco annos, hein? Está na idade.

Outra allusão! O Dr. Castro approximou-se, declarou que ser novo era com effeito excellente.

— Para uma farra... Sim, para um divertimento honesto... emendou olhando timidamente Clementina. Os senhores me entendem. Emfim quando o cidadão é moço sempre tem melhor estomago do que quando é velho.

— Assim falava Zarathustra, disse o futuro sogro.

— Quem? perguntou o promotor.

Nazareth, que estava rindo, teve um acesso de tosse, levou o lenço á boca e ficou algum tempo a saccollejar-se.

— Quem? tornou a perguntar o bacharel, desconfiado.

— Zarathustra, filho, respondeu o tabellião quando melhorou. Será possível que você não saiba quem foi Zarathustra, um sujeito conhecido? Aqui o João Valerio... A proposito de Zarathustra, como vai o Adrião?

Já preparado contra aquelles remoque, encarei Nazareth friamente e, simulando indifferença:

— O senhor frequenta a casa delle tanto quanto eu, ou mais. Ha quinze dias que lá não vou. E esse interesse...

— De certo... Um amigo...

— E' isso, concordei hypocrita. Provavelmente elle já o visitou. O senhor assim de cama...

Nazareth enfiou. Os Teixeira não o visitam. Recebem-no, admiram-lhe a intelligencia, temem-lhe a lingua e desprezam-no.

O doente baixou a cabeça, carrancudo, e Clementina entrou ingenuamente a lamentar que Luiza e D. Josepha não tivessem apparecido naquelle aperto. Vencendo a timidez natural, animava-se, tinha um calor de resentimento no fio de voz infantil, um pouco de sangue na face pallida:

— Não é que nós precisassemos de alguma coisa. Não, não precisamos, mercê de Deus. Mas a ingratição... E' duro! Quando se quer bem a uma pessoa, o senhor comprehende, a presença della conforta. Só a presença, não é necessario mais nada.

Pobre rapariga! Desmazelada e hysterica, mas uma perola.

— Conforta, sem duvida, apoiou o Dr. Castro.

Arregalou o olho convencido. Não admittia que um

homem vivesse neste mundo sem ser amigo intimo dos outros:

— Conforta. Mesmo quando se tem tudo, o senhor comprehende, conforta muito. Foi o que eu sempre disse. Percebe?

— Historia! bradou Nazareth aborrecido. Morremos bem sózinhos. Esta é que é a verdade: o resto é fraqueza, maluqueira.

— Sim? exclamei com fingido espanto. Mas, se não me engano, o senhor ha pouco pensava de maneira diferente.

Despedi-me apressado, sahi, porque não podia aguentar uma discussão com elle.

E senti um odio violento a todos os miseraveis insectos que andam a picar a dignidade alheia. Veio-me a impressão extravagante de que as mãos do velho haviam tocado o corpo de Luiza.

Desejei vingar-me, insultar Nazareth — canalha, pau d'agua, ladrão; lembrar-lhe o que deve aos Teixeira e não paga, o que furtou aos orphans e os quinhentos mil réis que recebeu para abafar um processo. Pensei em voltar a casa delle, dizer-lhe que Cesario Mendonça tinha um bilhete premiado, que padre Athanasio estava na bica para conego, que o Dr. Liberato conseguira metter um artigo no Brazil-Medico. Eram tres golpes terribes. Elle não póde ser conego, naturalmente, não escreve medicina nem joga na loteria; mas certas noticias irritam-no, o exito dos outros é um tormento para elle.

Patife! Luiza já não era a santa que imaginei. Tinha descido. Mas, quando estava alguns dias sem a ver, eu descobria nella todas as perfeições.

Andei a vagar pelas ruas. Irresistivelmente attraído, cheguei-me ao casarão dos Italianos. Fiquei de longe, rondando, com uma angustia desconhecida, o vago receio de que alguém me visse entrar. Talvez os vul-

tos esquivos, frequentadores do Pernambuco Novo, julgassem que eu ia satisfazer necessidades torpes como as d'elles. Estremeci, indignado com uma comparação tão absurda.

— O corpo! o corpo! E' a alma que eu quero! disse a mim mesmo numa exaltação absolutamente desarrazoada.

Com effeito a alma della creio que sempre a tive, e nunca deixei de mortificar-me e desejar mais.

Fui ao portão, hesitei. Toquei a campainha timidamente: ninguem; entrei no jardim: deserto. Sentei-me no banco. Lá estava á beira do lago a garça pensativa e bicuda, com a perna invisivel encolhida sob a aza. Lembrei-me da entrevista que ali tive com Luiza, uma noite, enquanto o luar brigava com as nuvens. Agora não havia luar. As palmeiras, crescidas, iam quasi occultando a frontaria do armazem; entre as folhas dos tinhorões brilhavam lampadas escondidas; trepadeiras enlaçavam as grades.

— Ah! sózinho, João Valerio? bradou-me Luiza alegremente do alto da escada. Porque não chamou? Suba.

E antes que eu subisse já ella havia descido.

— Faz muito tempo que chegou?

— Pouco tempo.

Tomei-lhe as mãos e apertei-as com força:

— Estava pensando no que lhe disse aqui o anno passado. Isto hoje tem muita differença. E vinha comunicar-lhe...

— Que tem você? Está com raiva?

— Com raiva? Não é possível.

Ella sentou-se junto a mim:

— Largaram-me. Os criados fugiram, e o Adrião, enfadado, foi jogar solo em casa do Victorino. Adormeci. Levantei-me agora mesmo. Olhe para esta cara amarrotada.

Approximou-se, risonha, e logo recuou:

— Está com uma carranca de réo!

Agarrei-lhe bruscamente os braços:

— Tenho-lhe muita estima, acredite. Muita estima. Sempre tive.

— Sim, eu sei, balbuciou Luiza com desconfiança. Para que esses modos exquisitos?

— Eu ia dizer ha pouco. Tenciono retirar-me d'aqui, vou-me embora.

Era uma idéa que me havia surgido com a presença della e que manifestei sabendo que a não realizaria.

— Vai-se embora? Para onde? E porque? perguntou Luiza erguendo-se. Que resolução foi essa?

Fiquei um instante calado, pensando em Nazareth e olhando as trepadeiras da grade.

— Fale, tornou Luiza com despeito. Não é só bater as azas sem mais nem menos. E' preciso que se saiba. Que foi que aconteceu?

— E' que receio prejudical-a. Continuando como vamos... Imagine.

Levantei-me. Estava convencido de que tinha realmente a intenção de abandonal-a.

— Quero que acredite... é para mim um sacrificio, já se vê. Mas se isto continuar... Reflicta.

— João Valerio, interrompeu Luiza com voz tremula, eu não creio que esteja aborrecido de mim e procure um pretexto para se afastar.

— Não. Ora essa! Que lembrança!

— Seja franco, diga-me o que ha.

— Ha apenas isto: teria muito pesar se fosse causa de um desastre na sua vida. Nem sei, já agora sinto remorsos.

— Tem medo?

— Não é isso: é que num lugar pequeno como este hão de desconfiar, hão de mexericar. Ha o Miranda, ha o Neves...

— Pois, meu filho, eu não estou disposta a sacrificar-me para ser agradável aos outros. Se formos ouvil-os...

Ainda relutei fracamente:

— Podem saber. Ha o Miranda, o Miranda é terrível. Se isto se divulgar, que escandalo!

— Se se divulgar...

Estava pallida, com os olhos quebrados, e falava precipitadamente, embrulhando tudo:

— Talvez não se divulgue... Afinal, succeda o que succeder, soffreremos as consequencias.

Abracei-a com furor. Sobre o banco do jardim os nossos suspiros morreram. As folhas dos tinhorões agitavam-se em silencio. E a garça displicente erguia o bico no mesmo conselho mudo, invariavel, que nunca pude comprehender.

X X I I I

Na pharmacia Neves, o Dr. Liberato sahiu do consultorio, relendo uma receita, que entregou ao ajudante:

— Despache isto, mande levar a casa do Teixeira.

O rapaz, familiarizado com aquelles garranchos, decifrou sem demora: faltavam duas drogas. O medico tomou o lapis, riscou, substituiu:

— Mande levar logo.

E ia retirar-se quando Nazareth entrou apressado:

— O Neves está?

Tinha ido ao Riacho do Mel, ver umas terras, voltava á noite.

— Novidade? perguntou o Dr. Liberato abrindo a portinhola.

— E' a reproducção duma fórmula, explicou o Miranda. O doutor estava ahi? Desculpe, não o vi. Muito bôa tarde a todos. Vinha tão aporrinhado que não vi ninguem. Uma coisa que o senhor me deu o anno passado, valeriana, bromureto, não sei que. Lembra-se?

— Perfeitamente. Outro acesso?

— Outro acesso! respondeu o tabellião tirando o chapéo, enxugando o suor que lhe corria pela testa.

Sentou-se no banco, junto a mim e Isidoro, que fu-

mavamos com immensa preguiça, assando ao calor das quatro horas:

— Vejam que infelicidade! Não posso ter um momento de socego.

— Mas como foi isso? informou-se Isidoro. Ha tanto tempo que ella não tinha nada...

— Ha seis mezes, mais de seis mezes. Parecia curada até engordava. Mas hoje amanheceu triste — algum arrufo com aquelle palerma — e de repente, quando menos se espera, lá vão gritos, desatino e, zaz! arranhões na cara do noivo.

— Tambem elle é culpado, balbuciou Isidoro. Não ata nem desata...

— E' o que eu digo, concordou Nazareth. Quem quizer casar case logo, vá noivar no inferno. Retardando, amolando... Levou unha, ficou com o focinho escalavrado. E foi bem feito. A pequena, quando está naquella desordem, gosta de arranhar. Fóra daquillo é uma ovelha, uma santa, mas gosta de arranhar. Encontrou a fórmula?

— Encontrei, respondeu o empregado.

— Pois eu mando buscar o remedio d'aqui a pouco. Até logo.

E sahiu.

— Eu nem sei se posso aviar isto, disse o ajudante chegando-se á grade.

— Outras drogas que faltam? inquiriu o doutor.

— Não senhor, é que elle não paga. Já levei a conta um bando de vezes. Não avio: acabou-se a valeriana. E' melhor assim: não se gasta nada, e amanhã a moça está bôa.

Isidoro indignou-se:

— Que horror! Deixar uma pessoa soffrendo por causa de cinco mil réis, dez mil réis! Mande a garrafada... Espere, não me interrompa. Mande. E se elle não pagar, debite-me.

Desculpou-se:

— Tenho negocio com o Miranda... Umas escripturas... Depois desconto.

Puzemo-nos a rir, sabiamos que era mentira.

— Extraordinario! chasqueou o Dr. Liberato dando as costas.

De longe, no Quadro, ainda se voltou:

— Você faz sempre dessas transacções, Pinheiro?

Censurei Isidoro com amizade. Que prazer extravagante! Deitar dinheiro fóra! Nazareth não precisava daquillo, era rico. E não obsequiava ninguem.

Isidoro Pinheiro, de cabeça baixa, defendeu-se:

— Eu devo ao Miranda. E gosto do Miranda. E' amigo, é leal, ouro de lei. E a Clementina, coitadinha. tão alegre antehontem, jogando dominó com a gente em casa do Mendonça! Agora batendo... arranhando...

Deixou aquella conversa, que lhe desagradava:

— Outro assumpto: eu soube ahi umas historias... Não acreditei, é claro. Protestei.

Levantou-se, foi á porta da rua, olhou para os lados, voltou, sondou o fundo do estabelecimento, certificou-se de que o empregado estava longe, manipulando.

— Como, Pinheiro? perguntei estremecendo.

— Picuinhas, cachorradas. Não acreditei, está visto.

— Diga logo. Para que esses subterfugios?

— Eu não sou de subterfugios, todo o mundo sabe, João Valerio. Não sou de subterfugios, não ando com pannos mornos. Quem me conhece... Afinal deixemos isto. O que me disseram foi que você estava amigado com a mulher do Adrião.

— Oh! Pinheiro! balbuciei maguado com aquella palavra dura.

— Fui bruto, realmente, confessou Isidoro. Mas não tive tempo de suavizar... Repeti o que me contaram.

— Quem lhe disse? Foi o Miranda?

— Não. Isso não importa. O essencial é terem dito. Ora, se ha alguma verdade...

— Qual verdade! qual nada! Calumnia.

— Exactamente o que eu affirmei, calumnia, que o Valerio não ia fazer canalhice tão grande com o Adrião. E a mulher delle, virtude inquebrantavel, incapaz, absolutamente incapaz de um deslize. Em todo o caso fica você avisado, porque emfim não é bonito que a pobre moça caia na boca do mundo. Eu, se fosse commigo, deixava de ir lá.

Tive o impulso de justificar-me perante aquella alma simples:

— Deixar de ir lá, Pinheiro? Mas se eu não tenho nada com ella! Julga que devo preocupar-me...

— Julgo que a reputação della está sendo prejudicada por sua causa.

— Mas que culpa tenho eu? Você é testemunha, quasi sempre estamos juntos. Quando os outros jogam, conversam, tocam, recitam, nem sequer fico na sala: vou para a varanda, fumar. Que foi que viram esses excomungados bisbilhoteiros? Demais a mais — que diabo! — não se quebra assim do pé para a mão um habito de seis annos, sem motivo.

— Motivo ha, interrompeu Isidoro.

— Umas suspeitas idiotas, homem, uns aleives. Que motivo! E eu não posso afastar-me de supetão. Até o marido desconfiava. Outra coisa: imagine que eu goste della... Não como lhe disseram, mas que goste sem malicia, como nos livros. Imagine.

— Gostar duma mulher casada! atalhou Isidoro. Você é capaz disso!

— E que ella tambem goste de mim. E' uma hypothese. Sem malicia, naturalmente, como nos romances.

— Patacoadas! Que necessidade póde sentir a Luiza de gostar de você, se já tem um homem? E deixe-se de maluqueira. Não ha por ahi tanta mulher?

Levantei os hombros com impaciencia. Para contentar Isidoro bastava usar saias e ter volume.

— Está bem, Pinheiro, exclamei de mau humor, erguendo-me. Isto não interessa.

— Como não interessa? Interessa muito. Feitas as contas...

— Você não entende nada.

— Não entendo? retorquiu Isidoro, vermelho como um pimentão. Pois muito bem. Quando a pobrezinha estiver para ahi, abandonada da familia, e você, seu Don Juan de meia tigela, de cama, com uma roda de pau no costado, veremos se eu entendo. Você nem sabe em que se metteu. O Adrião é uma fera.

E levantou-se, feroz, carrancudo, soprando ruidosamente, com uma chamma nos olhos. Passeou alguns instantes em silencio, da grade para a porta, como um bicho zangado. Depois accendeu um cigarro:

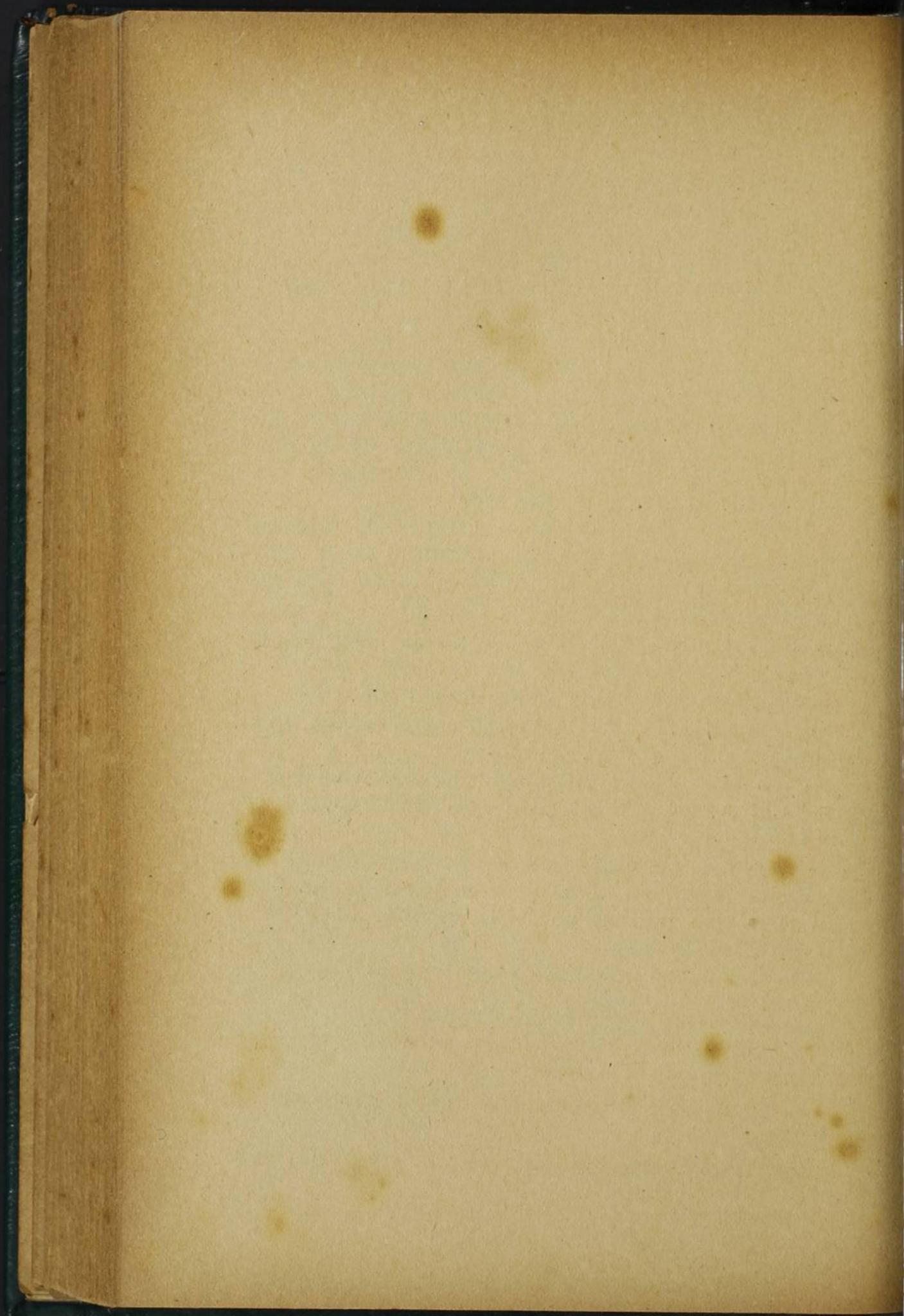
— Eu em questões de honra sou intransigente. E vou tomar cognac. Quer tomar cognac?

— Não, bom proveito, agradei despeitado.

— Está certo. Vamos então chegando a casa, que d'aqui a pouco é o jantar.

Na rua atirou disfarçadamente um nickel ao bolso dum cego. Diante da pensão, já tranquillo, parou, bateu-me no hombro:

— Pois, menino, o que você me disse é o diabo. Se o Adrião morresse, seria um grande desastre, sem duvida, que elle é a melhor pessoa do mundo, mas o seu caso ficava solucionado. Aquillo, sim! Casamento esplendido! Que olhos! que braços! que toutiço! Você nem sabe quem está ali. Mulher ideal, femea sublime. Se fosse viuva... Mas com o Teixeira vivo, realmente não sei... E' o diabo!



X X I V

Seria uma felicidade para mim, de certo, a morte de Adrião. Desgraçadamente aquella criatura tinha sete folegos. Hoje quasi a morrer, de olho duro, vela debaixo do travesseiro, a casa cheia, padre ao lado, os amigos escovando a roupa preta — e amanhã arrimado á bengala, perna aqui, perna acolá, manquejando.

Decididamente o Dr. Liberato é um sujeito desastrado: deixa que se vão os doentes que fazem falta e adia o fim dos inuteis. Guiomar Mesquita, com dezoito annos, flôr de graça e bondade, como diz Xavier filho, depois de quatro mezes ora arriba ora abaixo, lá se foi em Março. E a mulher do sapateiro, a tísica, ainda vive. Emquanto, carregado de apprehensões, eu tentava acrescentar uma pagina aos meus cahetés, ouvia-lhe a tosse cavernosa.

Vendo Adrião estirado, a gente perguntava:

— Ha perigo, doutor?

E o Dr. Liberato falava no ventriculo, na auricula, nas valvulas, e opinava:

— Se não sobrevierem complicações, julgo que não ha perigo.

Não sobrevinham complicações. A auricula, o ven-

triculo, as valvulas, continuavam a funcionar — e Adrião, combalido, existia.

E tudo seria tão facil se elle desapparecesse! Afinal não era ingratição minha desejar-lhe o passamento, que não lhe devia favor. Conservava-me porque o meu trabalho lhe era proveitoso. Amizade, protecção, lorota! Hoje não ha disso. Se eu não tivesse habilidade para sapear a correspondencia com desembaraço e encoivarar uma partida sem raspar o livro, punha-me na rua.

Eu dava mais do que recebia, na opinião do Mendonça. Em todo o caso nunca ousei descobrir a mim mesmo o fundo do meu coração. Não chegaria a pedir aos santos, se acreditasse nos santos, que abreviassem os padecimentos do Teixeira. Tergiversava. As minhas idéas fluctuavam, como fluctuam sempre.

A' noite passava tempo sem fim sentado á banca, tentando macular a virgindade duma tira para o jornal de padre Athanasio. Impotencia. O relógio batia nove horas, dez horas. O pigarro do Dr. Liberato era abominavel. Na sala de jantar Isidoro, Paschoal e D. Maria jogavam as cartas, tinham ás vezes contendidas medonhas.

Dançavam-me na cabeça imagens indecisas. Palavras desirmanadas, vazias, cantavam-me aos ouvidos. Eu procurava coordenal-as, dar-lhes fórmulas accitavel, extrahir dellas uma idéa. Nada.

Cães ladrando ao longe, gallos nos quintaes, gatos no telhado, serenatas na rua, o nordeste furioso a soprar, sacudindo as janellas.

“Jurado amigo...” Carta a um juiz de facto, mo-fina contra o jury que absolveu Manoel Tavares, assassino. Depois de muito esforço, consegui descrever o tribunal, o presidente magro e astmatico, gente nos bancos, o advogado triste e com a barba crescida, o Dr. Castro soletrando o libello. Não ia, emperrava. Tanto melhor, que padre Athanasio, bem relacionado com

o Barroca, não havia de querer publicar aquillo. E que me importava que Manoel Tavares sahisse livre ou fosse condemnado? Um criminoso solto... Não vinha o mundo abaixo por ficar mais um patife em liberdade.

Antes o soneto que abandonei por falta de rima. Torci, expremi — trabalho perdido. Eu sou lá homem para compor verso! Tudo falso, medido!

O que eu devia fazer era atirar-me aos cahetés. Difficil. Em 1556, isto por aqui era uma peste. Bicho por toda a parte, mundeos traiçoeiros, a floresta povoada de juruparys e curupiras. Mais de cem folhas, quasi illegiveis de tanta emenda, inutilizadas!

Talvez não fosse mau aprender um pouco de historia para concluir o romance. Mas não posso aprender historia sem estudar. E viver como o Dr. Liberato e Nazareth, curvado sobre livros, matutando, annotando, ganhando corcunda, é terrivel! Não tenho paciencia.

Emfim ler como Nazareth lê, tudo e sempre, é um vicio como qualquer outro. Que necessidade tem elle, simples tabellião em Palmeira dos Indios, de ser tão instruido? Quem dizia bem era Adrião: "Essas philosophias não servem para nada e prejudicam o trabalho."

Adrião! Lá vinha novamente o Adrião! Que acaso infeliz amarrara áquelle estafermo a mulher que devia ser minha? Cheguei tarde. Quando a conheci, já ella era do outro.

E pensar que ha individuos que têm tudo quanto necessitam! Para mim, difficuldades, complicações.

Tinha medo do que diziam de Luiza, encolhia-me aterrorizado, evitava os conhecidos, não ousava encarar Nazareth. No escriptorio certos modos impacientes de Adrião davam-me tremuras. Santo Deus! Que teria observado aquelle animal? que iria fazer quando chegasse em casa? Despropositar, martyrizar a pobrezinha com uma scena de ciume. Isto me revoltava. Que direito ti-

nha elle de se mostrar ciumento? Um sujeito enfermigo, côm de manteiga, com as entranhas escangalhadas...

E eu a esconder-me, a fugir de Isidoro, que me aperseava:

— Se ella fosse viuva... Isto de saias eu conheço bem. Se fosse viuva...

— Mas não é, homem, respondi-lhe por fim, irritado. Deixe-me em paz. Eu não posso casar com uma mulher casada.

E a D. Maria José, que um dia achou innocentemente que eu era feliz, retorqui de um folego, com dureza:

— Feliz porque, D. Maria? Que é que a senhora quer dizer?

Ella espantou-se. Queria sómente dizer o que tinha dito, mas se eu sentia prazer em ser infeliz, estava acabado, pedia desculpa. O italiano riu, Isidoro encolheu os hombros, o Dr. Liberato fez uma careta e decidiu:

— Você, meu caro, não está regulando. Vou examinal-o amanhã.

X X V

O Silverio, baixinho e cabeçudo, escovou o panno verde, limpou a tabella, trouxe as bolas e giz.

— Partida em cincoenta pontos? perguntou o italiano.

— Em cem, disse Isidoro arregaçando as mangas da camisa. Saio eu?

Jogou, saltou-lhe a cabeça do taco.

— Ora...

Não conteve uma praga obscena.

— Oh Silverio, porque é que não ha aqui um diabo que preste? Está tudo rachado e torto.

Escolheu o taco que lhe pareceu menos ruim. Depois tomou o giz e examinou a qualidade:

— Sim senhor, bôa marca. Tambem é só o que se aproveita neste bilhar, o giz. E o dono, que não é máu. Você quer acabar duma tacada? Passou? Muito bem. Faça esse recuo, carcamano duma figa.

Marquei os pontos. E ia admirar o jogo do italiano, o mais forte de nós tres, quando o Dr. Castro entrou por uma porta e Nicolau Varejão por outra.

— Seja bem apparecido, seu Varejão, gritou Paschoal. Começámos agora. Quer jogar?

— Obrigado, respondeu Nicolau Varejão. Já deixei

isso. Antigamente, quando tinha a mão firme e a vista perfeita, não senhor, até carambolava. Naquelle tempo havia muito bons jogadores. Eu conheci um homem...

— Sessão de jury amanhã, doutor? inquiriu o italiano.

— Se houver casa. Só faltam dois processos.

— Uma desgraça essa historia de jury, gemeu Silverio. Um dia inteiro sem comer! Hontem fui almoçar ás sete da noite.

— Pois foi muito bem feito, affirmei com um bocejo. Era melhor que ainda estivesse jejuando. Os senhores absolveram Manoel Tavares. Que é que ia dizendo, seu Varejão? Conheceu um homem...

— Levado da breca, jogava um mez sem parar. Caminhava tanto que o chão se cavava e a tabella batia-lhe no queixo.

— Admiravel! exclamou Isidoro. Que diabo tem esta luz que está tremendo tanto? Continue, seu Varejão.

E perdeu uma serie bem principiada.

— Quantas carambolas fazia o homem? perguntou Paschoal.

— Todas, respondeu Nicolau Varejão. Tres, quatro, cinco, mil, tudo. Quem sabe onde tem as ventas não acaba nunca.

Jogámos algum tempo em silencio.

— Noventa e nove! gritou o Pinheiro. Estão fritos!

Procurou posição para um giro difficil, trepou-se na tabella e, quasi de gatinhas, conseguiu carambolar.

— Cem! com todos os diabos! berrou saltando no chão. Eu bem tinha promettido ensinar estes pechotes.

— Continuamos nós? perguntou o italiano.

— Não vale a pena, respondi. Seu Silverio, o tempo.

E, recolhendo o troco:

— Sempre os senhores puzeram na rua o Manoel Tavares, hein?

— Eu não! exclamou o Dr. Castro. Foi o jury.

— Manoel Tavares, um caso triste, atalhou Isidoro. Um infeliz, coitado. Afinal de contas... Oh Silverio, mude a agua desta bacia. Como é que a gente lava as mãos nesta immundicie?

— Um caso triste, sem duvida. Mas o jury... o jury é soberano, explicou o Dr. Castro. Foi o jury.

— O jury? extranhei. O senhor tambem. Está visto. O senhor appellou?

— Não, não appellei, disse o promotor. Não appellei porque o juiz de direito, os jurados... O senhor comprehende. E um crime como aquelle... Emfim não appellei.

— E então? Foi o senhor. Manoel Tavares, um assassino, um bandido da peor especie!

Vendo-me um pouco exaltado, Isidoro segredou-me:

— Deixe lá, homem. Que é isso?

— Mas não é verdade, Pinheiro. Não foram os jurados, foi o promotor. Os jurados absolveram, mas quem soltou Manoel Tavares foi aqui o doutor, que se esqueceu de appellar. Foi ou não foi?

— Eu entendo de jury? resmungou Isidoro. O que sei é que vou para casa, tomar um suadouro, que estou constipado.

— Não quer dizer. Pois é claro. Um criminoso que matou um hospede adormecido... E para roubar!

— Estava no meu direito, urrou o promotor. Não preciso que ninguem me dê licções.

— Livre, sem appellação! continuei. Que diz você, Paschoal?

O italiano poz-se a assobiar baixinho. Eu andava indignado com as perfidias de Nazareth, e não podendo

vingar-me delle, mais de uma vez me havia tornado aggressivo contra o Dr. Castro, que se defendia mal.

O Silverio sorria constrangido. Isidoro, da porta, chamou-me:

— Vamos embora.

Ia retirar-me, convencido de que o promotor era um grande canalha, quando Nicolau simulou uma tentativa de pacificação, inteiramente inoportuna:

— Não se afobem, meus amigos. Contenham-se. Um fusuê a esta hora, as portas abertas, gente na rua! Não briguem. Amanhã sabem...

— Quem é que está brigando, seu Varejão? retorqui com máu modo.

— E' que os senhores conversam aos gritos. E o Neves passou ahi em frente, parou acolá na esquina. Quando andarem fuxicando, não vão pensar que fui eu.

— E o senhor julga que eu me importo com o Neves? Não me importo, não tenho medo delle. Nem delle nem de ninguem, bradei com falsa coragem, porque todos aqui temem o Neves.

— Exactamente o que eu ia dizer, declarou o Dr. Castro. Não tenho medo de ninguem. Nem do Neves nem de ninguem. De ninguem! Tenho a minha consciencia. Era o que eu ia dizer. A minha consciencia. E sou bacharel.

— Ah! é bacharel? Meus parabens.

E olhei-o com escarneo por cima do hombro do Paschoal, que se metteu de permeio. Apparentando calma, comecei a escovar a golla do paletot, esforçando-me por ter firmes os dedos, que tremiam ligeiramente.

— João Valerio, gritou Isidoro com raiva, você vem ou fica?

— Já vou, Pinheiro. Foi você que perguntou ao Dr. Castro se elle era bacharel? Eu não fui. Foi você, Paschoal? Foi o senhor, seu Varejão? Tambem não foi. Está ahi.

O Dr. Castro deu dois passos, apoiou a mão gorda na tabella do bilhar:

— Senhor Valerio!

— E' discurso?

— Com mil diabos! exclamou Isidoro.

— Não, senhor, gaguejou o promotor, roxo. Não sou nenhum tolo, está ouvindo? E não tenho medo de ninguém, comprehende? Nem do senhor, nem do Neves, nem de ninguém. Não sou nenhum tolo.

— O senhor já disse.

— Já. Era o que eu queria dizer. E a minha consciencia é limpa.

— Qual consciencia! Soltou Manoel Tavares porque lhe mandaram que não appellasse. Ora consciencia!

— Consciencia, sim senhor. Consciencia! E não admitto. Sou amigo de todos, não gosto de questões, mas não admitto. Nas attribuições inherentes ao meu cargo... E' isto mesmo, está certo. Tenho integridade, não vergo, tenho... tenho integridade.

— Bonito! Recebeu ordem...

— Não recebo ordens, não me submetto. Firme, entende como é? Escravo da lei, fique sabendo. Commigo é em cima do direito, percebe? Desde pequeno. A minha vida é clara. Cabeça levantada, com desassombro, na trilha do dever, ali na linha recta, comprehende? Ora muito bem. Não ando seduzindo mulheres casadas.

— Como?

— E' isto mesmo. Não vivo com saltos de pulga, ninguém encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem maroteiras.

— E quaes são os saltos de pulga? Quaes são as maroteiras que um pulha da sua laia descobriu...

— João Valerio! bradou Isidoro intervindo.

— Tenha paciencia, Pinheiro, isto vai longe.

E afastei o Silverio, que supplicava:

— Aqui não, meus senhores. Vou fechar as por-

tas. Em minha casa não. Se vier a policia... O promotor mettido num rolo!

— Pelo amor de Deus! balbuciou Nicolau Varejão. E' um mal entendido. Eu explico. Calma! No tempo da monarchia... Ouçam, é uma historia interessante.

Empurrei brutalmente o Paschoal:

— Deixe-me, com os diabos! Eu sou alguma criança? O que eu quero é que este idiota me diga...

— Idiota é sua mãe.

— ...quaes são as maroteiras minhas que elle conhece.

— As que todo o mundo sabe. Safadezas com a mulher do outro. Passeios na Lagôa, no Tanque... E o pobre do Adrião sem desconfiar.

Com um pulo, desprendi-me das mãos do italiano e agarrei um taco, resolvido a quebral-o na cabeça do promotor:

— Repita isso, canalha. Repita, seu filho duma...

Não acabei o insulto. Isidoro segurou o braço do bacharel e cochichou:

— Não repita, doutor, não repita. Porque se repetir, quem lhe parte a cara sou eu, palavra de honra. Aconteça o que acontecer, juro por todos os santos que lhe quebro as costellas. E não torne a apparecer lá. Sou amigo da casa e hei de achar meio... Não appareça. O senhor é um calumniador. Vamos embora, seu Valerio.

— Puxa! fez o Paschoal depois de andarmos algum tempo na rua. Que falta de ordem! Um barulho sem motivo!

Isidoro parou e pediu-me phosphoro.

— Foi tolice, concordou. Que querem vocês? Eu precisava desabafar com aquelle sujeito. E' bom rapaz, mas portou-se mal com a Clementina. Parece que desmancha o casamento.

X X V I

“Presado amigo: 31

Não tenho animo de assignar esta carta nem de escrevel-a com a minha letra. Venho participar-lhe um ingente infortunio. Prepare-se para receber a noticia mais infausta que um homem de brio póde receber.

Saberá que servem de assumpto a boateiros desoccupados as relações peccaminosas que existem entre sua esposa e o guarda-livros da firma Teixeira & Irmão. Envidei summos esforços para reprimir commentarios desabonadores. Inutilmente. O indigno auxiliar do estabelecimento que o amigo dirige, com muita competencia, esqueceu beneficios inestimaveis e, mordendo a mão caridosa que o protegeu, acção negra, condemnada em estrophes immortaes pelo nosso imperador, ousou levantar olhos impudicos para aquella que sempre reputámos um modelo de virtudes.

E os sentimentos libidinosos do scelerado foram bem acolhidos. Alguem viu esse ingrato passeando com a amante pelos arrabaldes, na aprazivel companhia de uma respeitavel matrona e duas gentis meninas, ignorantes das maldades que pullulam neste mundo de provações. Tambem se julga com fundamento que o nefando par

esteve uma tarde no Tanque, á sombra frondosa das mangueiras, como diz o poeta.

Emfim, meu caro, o seu nome está sendo atassalhado, vilmente atassalhado em todos os recantos da *urbs*.

Ha poucos dias, num bilhar, o seductor teve discussão acalorada com o digno organ da justiça publica. Foram quasi ás vias de facto, e no decurso da contenda surgiram referencias prejudiciaes á honra de sua excellentissima consorte.

Penalizado em extremo, trago-lhe estas informações lamentaveis. Peça ao Divino Mestre coragem e resignação.

Sou um dos seus amigos mais sinceros.”

Deixei cahir a folha dactylographada sobre o diário. Depois senti nojo. Afastei-a com as pontas dos dedos e abri o razão. Creio que não pensava em nada. Ou talvez pensasse em tudo, mas era como se não pensasse em nada. Puz-me a tremer com violencia e a bater os dentes. Percebi que aquella attitude me condemnava e esforcei-me por cerrar os queixos e dominar os musculos, o que não consegui.

— João Valerio, gemeu Adrião, peço-lhe que me diga com franqueza...

Esfreguei os olhos para afugentar uma nuvem escura que fluctuava entre mim e o livro aberto.

— A verdade, João Valerio.

Attentei no velho com espanto: tinha-me esquecido da presença d'elle.

— A verdade...

E lembrei-me de Nicolau Varejão, do Dr. Liberato e do Miranda.

— Sim, João. Leu o papel.

— Que papel?

Metti os dedos pelos cabellos, sacudi-me para vencer um entorpecimento que se apoderava de mim. Adrião

Teixeira avançou a mão e levou uma eternidade a apañhar a carta, que me entregou pela segunda vez. Reli aquella immundicie e comprehendi que era trabalho do pharmaceutico. Estabeleci alguma ordem nas minhas idéas e contive os nervos. Afinal Adrião não tinha visto nada.

— Então, Valerio não responde?

— Responder... Ora está ahí. De duas uma: ou o senhor não acredita, e neste caso...

Olhei, por cima das grades do escriptorio, as pipas de aguardente e os saccos de assucar.

— Ninguem. Foram jantar. Continue, fez Adrião. E deixemo-nos de palavrórios difficeis, que não gosto delles. E' verdade ou mentira?

— Mentira, naturalmente.

Depois de um longo silencio, Adrião falou desalentado:

— Sou uma besta! Não vai confessar, é claro. Mas... nem sei... Desde hontem esta miseria! Não dormi.

Accendeu um charuto, sentou-se, pesado, junto á machina de escrever.

— Vamos, João! exclamou. Eu preciso tomar uma providencia, uma providencia razoavel. Desquite, separação decente...

— Não ha nada, assegurei fechando os livros. Era o que eu ia dizer ha pouco. Se o senhor não der credito a esta infamia, póde dispensar a minha resposta; se der, ainda que eu jure mil vezes...

— E você é capaz de jurar, homem?

— Com certeza.

— Ah! sim! murmurou o infeliz. Não crê em Deus. Não crê em nada. Ninguem crê em nada. E pensar que o tive em conta de filho! pensar que... Vão-se embora.

Interrompeu-se para falar a Victorino e aos empregados, que entravam:

— Fechem, podem retirar-se. Cinco horas? Bem,

deixem uma porta aberta. E você, mano... Fechem isso! Por quem esperam?

Quando elles sahiram, soltou o charuto apagado, cruzou as pernas e poz-se a bater com o calcanhar no tablado do escriptorio. De repente levantou-se, agitou os punhos:

— E eu o julguei amigo seis annos! E' duro! E tinha inteira confiança... Podia imaginar tudo neste mundo, tudo, menos isto. Ainda hontem descansado, longe de sonhar... Defenda-se.

Por amor de Luiza, menti descaradamente:

— Defender-me? E de que? Eu tenho lá de que me defender! Uma carta anonyma! Isto vale nada!

— E a sua cara! Você nem sabe mentir.

— E' supposição... Não tem fundamento. Que foi que o senhor viu? Notou alguma transformação em sua casa? Não notou. E então! Quer á fina força que eu confirme esse disparate que o Neves inventou, o Neves, um sujeito conhecido...

— O Neves?

— Não foi outrc. Não ha aqui ninguem capaz de semelhante patifaria. O Divino Mestre, leia. E' elle, não tem duvida. E o mundo de provações, veja. Não foi se não elle.

— E' exacto, ciciou Adrião. Deve ter sido elle. Um malandro. Mas o caso é este: andam atassalhando o meu nome por todos os recantos não sei de que, pelos bilhares, homem! E o culpado é você.

— Eu? Eu tenho nada com isso? E' um absurdo, uma accusação injusta, sem prova. Não me defendo. De que?

E cruzei os braços. Adrião encarou-me:

— E' possivel que você esteja innocente. Se estiver, perdoe-me. E é possivel que seja um traste. De qualquer maneira comprehende que não pôde ficar nesta casa.

— Comprehendo.

— E' necessario sair logo.

— Perfeitamente.

— Vamos então balancear isto. E faça-me um favor. Promette?

— Prometto, respondi sem reflectir.

— Pois bem. Eu sei que você recebeu uma proposta do Mendonça. Aceite agora a proposta. Amanhã liquida aqui os seus negocios e colloca-se lá. Depois de um mez, deixa o Mendonça e vai para o Recife ou para a Bahia. Acho conveniente não mudar-se logo, para não dar nas vistas. O Mendonça... você entende... melhor ordenado... um pretexto. Fale com elle. Estamos de accordo? O mez vindouro, como ficou resolvido, para a Bahia... Leva uma carta de recommendação.

— Muito obrigado. Estamos de accordo, mas não aceito a recommendação. Vou para o Rio.

— E' bom. E amanhã o balanço.

— Até amanhã.

Sahi. Entrei no estabelecimento do Mendonça: Mendonça não estava. E Mendonça filho? Tambem não estava, fôra passar uma procuração no cartorio do Miranda.

Corri em busca de Isidoro, queria confiar-lhe tudo.

— Oh D. Maria, chame o Pinheiro, gritei da porta.

Tinha ido a casa do Miranda. Respirei com allivio, porque de subito me havia apparecido um grande acanhamento de contar aquella desgraça.

Desci a rua dos Italianos, e estive de longe olhando o jardim, a varanda do casarão. Senti um nó na garganta, enguli um soluço e dirigi-me á rua de Baixo, como se fosse tratar de algum negocio urgente. Não ia tratar de coisa nenhuma, mas precisava agitar-me, andar depressa.

Ao passar pela rua Floriano Peixoto, achei conveniente embriagar-me: subi ao Quadro, fui ao Bacurau e

pedi cognac. Bebi um calice, pedi outro, bebi, pedi o terceiro. Accendi um cigarro e esperei o effeito do alcohol. As minhas idéas tornaram-se mais lucidas; o que senti foi um aperto no coração e desejo de chorar. Bebi o ultimo calice, levantei-me e enfiei pela rua de Cima.

Adiantei-me até o Melão. Noite fechada. Recuei, decidido a procurar padre Athanasio, distrahir-me conversando com elle. Dei uma caminhada ao Chucuru.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

Não se via quem falava, porque a escuridão era grande. Nem se ouviam os passos: o vulto movia-se como uma sombra. Mas pela voz, muito suave, reconheci o caboclo. Que andaria elle fazendo por ali áquella hora? Talvez procurando recurso para me pagar quinze mil réis que lhe mandei quando esteve preso. Pagava. Mata para roubar, mas não deve dinheiro a ninguem.

— Bôa noite, Manoel Tavares. Passeando?

— Sim e não. Sim porque gosto de caminhar; não porque estou de serviço. Vou levar um officio em Quebrangulo.

Recordei o corpo de gigante, as mãos enormes, os olhos miudos, o rosto duro, a barba emmaranhada, tudo a contrastar com a doçura da voz.

— Do promotor, o officio?

— Não senhor, do doutor delegado. Eu agora estou ajudando o destacamento.

— Ah! Você é soldado?

— Sou e não sou. Soldado, propriamente, não sou. P'ra fazer sentinella não sou. Mas quando ha diligencia, trabalho do cão, e os macacos do governo amunhecam, sou.

— Pois é um bom emprego, Manoel Tavares. Continue.

Às nove horas entrei na redacção da *Semana*. Padre Athanasio, debruçado sobre a mesa, dormia profundamente, o rosto escondido nos braços. Respirava

com ruido e tinha roxas as orelhas enormes. Sentei-me á banca que foi minha, lá desoccupada desde Janeiro. Obedecendo a um velho habito, abri a gaveta e tirei um maço de aparas de papel.

— Por aqui, seu Valerio? exclamou o sargento chegando á porta da typographia. Pensei que nos tivesse deixado. E' uma ingratição. O seu Pinheiro é que não falha, pontual, firme nas *Sociaes*. Quer que accorde o patrão?

Fiz um gesto negativo com a cabeça.

— Sabe se o Dr. Castro está na cidade, sargento? perguntei bruscamente, levantando-me.

— Não sei. Elle tambem apparece aqui ás vezes. Até escreveu uma poesia. O senhor leu? Uma historia de luar e de sapos. Sahiu no fim da quarta pagina. O reverendo metteu dois versos que faltavam, mas seu Miranda diz que está tudo quebrado. Brigaram. Julgo que o casamento gorou. O senhor não traz nada?

— Não trago nada, sargento. E isso é exacto, a briga delles? Adeus.

Que azar de Clementina! Sempre os casamentos que dão em ossos de minhoca! Melhor para ella. Antes continuar arranhando, que um marido como aquillo não presta. E melhor para mim: ia procurar o Pinheiro, o que não faria se receasse encontrar o bacharel.

Ao passar pela casa do Miranda, vi Clementina á janella:

— O Pinheiro está ahi, D. Clementina?

— Está, sim senhor. Fizeram um jogo lá dentro, por causa do Dr. Barroca, que chegou hoje.

— A senhora faz o obsequio de pedir a elle que venha até aqui?

— Ao Dr. Barroca?

— Não senhora, ao Pinheiro.

— Pois não. Porque não entra? Estão na sala de jantar, o Valentim Mendonça tambem. Entre.

— Ah! O Mendonça está ahí?

Acompanhei-a. Diante da mesa de jogo falei duas vezes antes que os parceiros me respondessem: tinham os olhos em chammás e puxavam as cartas uma a uma, lentamente. Finda a partida, Evaristo Barroca estendeu-me a mão com aquelle modo de superioridade protectora, que lhe fica bem e que abomino.

— Oh Pinheiro, dá-me aqui fóra uma palavra? E' um instante.

— Impossível, meu filho, inteiramente impossível. Occupadissimo. O póker é uma grande instituição. Faça uma perna.

Detesto as cartas, mas naquella occasião julguei que ellas me seriam uteis. Se o Teixeira soubesse que eu tinha estado a jogar, talvez se imaginasse injusto.

— O senhor entra? perguntou Evaristo baralhando.

— Entrada de quanto?

— Cem mil réis, disse o tabellião entregando-me as fichas.

Paguei e sentei-me:

— Cinco mil réis?

— Cinco, respondeu Evaristo. O senhor joga? Pois eu sou forçado a reabrir. Quer cartas?

— Duas.

Evaristo Barroca soltou o baralho:

— Fala o senhor.

— Mesa.

E pensei nas amarguras que me iam apparecer no dia seguinte. O que eu devia fazer era esperar o Neves á sahida da sessão de espiritismo e dar-lhe uma sova. Era o que eu devia fazer, mas sou um individuo fraco, desgraçadamente.

— Para iniciar aposto apenas uma, disse Evaristo com aquella voz socegada, aquelle olhar tranquillo que nunca mostra o que elle tem por dentro.

— Veja, doutor.

E atirei a ficha.

— Que tem o senhor? perguntou elle.

Mostrei uma trinca de damas.

— Ganha.

E franziu os beiços delgados.

— Homem, essa agora! exclamou Valentim Mendonça. O doutor estava feito. Como foi que o senhor conheceu que aquillo era bluff? O doutor não pediu.

Abandonei um par de azes:

— Preciso falar com o senhor hoje ou amanhã cedo, seu Mendonça. Com o senhor e com seu pae. Elle está ahi?

Mendonça filho levantou o queixo quadrado e propoz que fossemos procurar Mendonça pae. Se era assumpto de interesse, deviamos ir logo.

— Como! bradou o Pinheiro. Negocio a esta hora? E' uma indignidade. Outro bluff, doutor? Muito bem. O bluff é uma grande instituição. Dê cartas, Mendonça, que diabo! Você está namorando com o Valerio?

Ariscou uma reabertura com trinca branca e atacou o Miranda que tinha sequencia:

— E' possivel? Você pede duas e faz sequencia? E maxima? Abra os dedos, criatura, isso assim na mão ninguem vê. Confiança, naturalmente, todos nós somos de confiança, mas jogo é na mesa, e tenho visto muita sequencia errada.

Joguei duas horas, distrahido.

O que eu queria era saber por que razão não me vinha o animo de esbofetear o Neves uma tarde, á porta da pharmacia. No bilhar do Silverio levantei o taco para rachar a cabeça do Dr. Castro. E arreceava-me de molestar o Neves. Porque será que aquelle velhaco me faz medo?

— Joga?

— Jogo, respondi separando tres reis.

Evaristo reabriu:

— Outra reabertura, doutor? Santa Maria! O senhor leva o dinheiro todo, reclamou Valentim Mendonça.

Tirei um rei. Evaristo e Mendonça não quizeram cartas.

Já que me faltava coragem, não seria mau dar cinquenta mil réis a Manoel Tavares e mandar que elle desancasse o boticario, no Chucuru, que é quasi deserto.

— Fala você, João Valerio, resmungou o tabellião. Assim, não se acaba isto.

— Aposto duas.

— Duas e mais quatro, disse Evaristo.

Mendonça fugiu.

— Vem ver? perguntou o Barroca.

— Não, senhor, reaposto. Mais quatro.

E deitei na salva as oito fichas que me restavam.

— Vamos então com mais oito, gracejou Evaristo.

E desta vez estou forte, póde crer.

— Ainda reaposta, doutor? Vejo. Dê-me ahi oito fichas, Pinheiro. Vejo com um four de reis.

— Perde, fez Evaristo calmamente.

E mostrou um four de azes. Levantei-me.

— Safa! exclamou Valentim Mendonça. Já é se caipora! Onde estava eu mettido! Deixa? Tambem vou. Os senhores continuam?

E contou as suas fichas, apressado, entregou-as a Nazareth para recolher.

— Oh Pinheiro, chamei, quando voltar para casa, preciso falar-lhe, ouviu? Boa noite, meus senhores.

Isidoro, que *chorava* as cartas com ferocidade, teve um grunhido que terminou numa praga:

— Ora pilulas! Estas miseraveis estragam tudo no fim. Vão-se embora, hein? E' uma traição.

Sahimos. Quando nos separámos, á esquina da pa-

daria, Mendonça interrompeu o estribilho que ia cantarolando:

— Então, esse negocio que tem comnosco...

— E' isto. Os senhores me fizeram uma proposta por intermedio de padre Athanasio.

— Sim, em Dezembro.

— E escreveram insistindo. Respondi que não aceitava, mas que se me desempregasse, contassem comigo. Caso ainda estejam pelo offerecimento... Deixo os Teixeira.

Lembrei-me de que tinha promettido a Adrião só ficar na cidade um mez:

— Isto é, se houver vaga. Não quero prejudicar ninguem.

— Ha vaga, confessou Mendonça. O guarda-livros de lá enrascou a escripturação e levou-o o diabo. O senhor teve alguma pega com os Teixeira?

— Ah! não! E' que ha vantagem. E eu ando necessitado. A crise... Adeus.

— Apareça.

Desci até o fim dos Italianos, encostei-me á esquina do armazem.

Vigia prolongada. Se pudesse falar com Luiza... De quando em quando surgiam sombras entre as palmeiras do jardim, mas era a minha impaciencia que se distrahia a criar fantasmas. Acerquei-me da grade.

Esperança doida de encontrar Luiza! Que lhe teria dito Adrião? Imaginei-o de pyjama e chinelos, coxeando pelo quarto, a bradar com os punhos cerrados: "Pensar que sempre tive confiança na senhora! Defenda-se!" E a carta, cem vezes relida, amarrotada entre os dedos magros.

Desgraçado desejo de conhecer as coisas! Melhor teria sido para elle não acreditar na denuncia e continuar como ia.

Voltei para a calçada do armazem e ruminei o pro-

cedimento do Neves. Que interesse tinha elle em revelar aquillo? Nenhum. Mostrar que sabia...

— Animal infeliz! exclamei em voz alta.

Referia-me ao Neves, a Adrião, a mim, ao Miranda Nazareth, a toda a gente. Necessidade idiota de saber e espalhar o que sabemos! Depois de muitos dias ou muitos annos de canceira e conjectura, um sujeito descobre uma lei da natureza — outro faz uma carta anonyma contando os amores de Luiza Teixeira com um João Valerio como eu.

X X V I I

Recolhi-me tarde, deitei-me vestido e ás cinco horas consegui adormecer. Antes que o despertador tocas-se, Isidoro bateu-me á porta. Levantei-me precipitadamente.

— Que era isso que você queria commigo hontem á noite? perguntou entrando.

E, emquanto eu descerrava a janella:

— Se é o dinheiro que lhe devo, tenha paciencia, meu velho, que hontem me arrasaram.

Soceguei-o.

— Não é? Pois sim. Pellaram-me, arrancaram-me duzentos mil réis, aquelles malvados. Tambem está decidido: não torno a pegar em cartas. Uma licção. De madrugada quasi estouro aqui, berrando. Você estava morto? Que negocio é esse?

Narrei a carta, o furor de Adrião, a minha promessa de ir para o Rio. Isidoro empallideceu:

— Fale baixo: o Paschoal póde ouvir.

Andou, alvoroçado, de um lado para outro, depois sentou-se na cama e poz-se a dar pancadinhas com a unha do pollegar nos dentes.

— E' terrivel! Você com certeza negou, hein? Naturalmente. E não ha nada, é claro. Elle terá percebido alguma coisa?

— Não. Creio que não, só a carta.

— Só a carta... O que você deve fazer é procurar o auctor dessa miseria e quebrar-lhe os ossos. Eu queria saber...

— Que é que você queria saber? Foi o Neves.

— O Neves? O Neves é capaz disso? Um typo circumspecto...

— Foi elle. Havia espiritismo na denuncia: o Divino Mestre e as provações. E no dia da encrenca no bilhar, com o promotor, elle estava de parte, escutando. O Varejão notou. Foi elle. E' o unico.

Isidoro ergueu-se, aproximou-se da janella, abriu a rotula:

— Pois, menino, agora volto atraz. Se foi o Neves que escreveu isso, o caso é differente. Eu não creio, mas se foi elle, fez com bôa intenção. O Neves é um sujeito de moral muito rija. Que diabo tem aquelle povo a correr desembestado?

Accendeu um cigarro, contente por haver encontrado meio de desculpar o boticario:

— Não tenha duvida. Bôa intenção, póde jurar. Os espiritas são assim intransigentes.

Debruçou-se para fóra e, noutro tom:

— Mas que demonio é aquillo? Todo o mundo correndo e o Victorino em mangas de camisa! E é em casa do Adrião! O homem terá feito alguma asneira?

Sahimos para a calçada. O Dr. Liberato passava, com um estojo na mão.

— Que foi, doutor?

O medico não respondeu.

— Vamos ver, balbuciou Isidoro, livido.

— Vamos ver.

Com o rosto por lavar, despenteado e sem chapéo, acompanhei-o, aturdido, nem reconheci Xavier filho, que deu de cara commigo.

— Que diabo é aquillo, Xavier? Você esteve lá? perguntou Isidoro.

— Um tiro no peito. Não ouviram? O homem suicidou-se.

— Quem? interroguei apavorado.

— O Adrião. Ainda não souberam? Está num mar de sangue. Vou buscar algodão e gaze.

Apressámos o passo. Entrámos com difficuldade, encontrando gente que ia e gente que vinha. No portão havia um começo de rixa. Um sujeito apostava que tinha sido tiro; outro affirmava que fôra uma navalhada no pescoço — e não se entendiam. As flôres dos canteiros estavam machucadas. Ao pisar a escada, ouvi gritos de mulher lá em cima.

Parei, com um violento tremor nas pernas, segurei-me ao corrimão, tomei a passagem a D. Josepha, que chegava, alva como cera e com um pé descalço. Naturalmente perdera um sapato no caminho. Sem pedir licença, empurrou-me e subiu.

— Pinheiro, murmurei acovardado, julgo que não devo entrar. Não devo entrar aqui.

Isidoro fez uma careta:

— Vamos sempre. Eu tambem não posso tolerar... Não está em mim... Questão de nervos. Mas vamos.

Galgou quatro degraus:

— Se você não viesse, comprehendiam logo. Uma tentativa, percebe? Salvar a reputação della...

Achámos o salão cheio de intrusos que tinham invadido a casa e se apinhavam nas portas, interrompendo o transito. Zacharias trouxe uma bacia d'agua. D. Josepha veio com uma braçada de toalhas e roupa branca. Depois foi Xavier filho, acotovellando tudo, carregado de pacotes.

— Tudo para fóra! gritou o Dr. Liberato, arreliado e invisível. Façam o favor de desoccupar a sala, que não são necessarios. Para fóra!

Lentamente, a massa de basbaques refluiu. Penetrámos na saleta.

— Horriavel! murmurou Isidoro. Que insensatez! Logo de manhã, antes do café...

Victorino, cahido para um canto, o rosto escondido entre o braço e o antebraço, soluçava. Tinha a roupa manchada de sangue.

— Que desastre, meu filho! exclamou padre Athanasio entrando e abraçando, atrapalhado, o Pinheiro. Como foi? porque foi?

— Não sei, padre Athanasio, gaguejou o nosso amigo. De improviso, em jejum, sem avisar ninguém... Que loucura! Quando a gente menos esperava, zaz! uma bala para dentro. Aqui no peito, foi o Xavier que disse. Um tiro, ninguém sabia... Eu ouvi, mas pensei que fosse bomba, agora pelo S. João.

O vigario, affrontado, soprou ruidosamente, passou o lenço pela testa, levantou os braços e olhou o tecto:

— Deus do céu! Quem havia de imaginar! *Sursum corda!* Não é pela morte, porque afinal todos lá vamos quando chegar a hora. Mas vejam vocês, a extrema-uncção... Misericórdia!

Cahiu numa cadeira, junto a Victorino, e poz-se a chorar também. Fui até a porta do salão, espreeitei. A' entrada do corredor D. Engracia, Clementina e Martha gesticulavam. Dirigi-me para ellas, nas pontas dos pés.

— Que diz o doutor, D. Engracia? perguntei ao ouvido da velha.

— Eu sei lá! E' trabalho perdido, aquelle está prompto.

Veio da alcova um gemido prolongado.

— Não, senhora, sussurrou Clementina, póde ser que escape. O Neves tratou dum homem...

Outro gemido cortou-lhe a palavra. Rumor d'agua, tinir de ferros.

— O Neves tratou dum homem que fez o mesmo e ficou bom, continuou Clementina. O Neves. A senhora acredita? Estava contando ha pouco, lá em baixo.

— Póde ser, concordou D. Engracia. Mas a menina devia estar calada, que num aperto deste ninguem fala. Foi assim que me ensinaram.

Disse isto quasi gritando.

Voltei para a saleta como um somnambulo. Coisa extranha: ainda não tinha visto Luiza, e nem uma só vez havia pensado nella. Confessei a mim mesmo que era o causador da morte de Adrião, mas no estado em que me achava esqueci a natureza da minha culpa.

Victorino continuava a soluçar. Num quarto vizinho, Evaristo Barroca falava com D. Josepha. Padre Athanasio assoava-se de manso.

Approximei-me do sofá, onde Isidoro e Nazareth conversavam em voz baixa, sentei-me ao lado delles. Mas levantei-me de subito. Ali abracei Luiza pela primeira vez. Revi toda a scena: os beijos que lhe dei, beijos de carnívoro, o desfallecimento que ella teve. Lembrei-me de lhe ter mordido a lingua com brutalidade, senti gosto de sangue na boca.

Olhei a roupa manchada de Victorino e virei o rosto, refugiei-me ao pé da janella que dá para o jardim.

Isidoro, espantado:

— Como tem você coragem de sustentar isso?

E Nazareth, docemente:

— Fez muito bem. Doente, escangalhado, vivendo para ahi a vara e a remo! Antes acabar logo.

Evaristo Barroca entrou na sala, inclinou a cabeça de leve, bateu com affecto no hombro de Victorino e levou-o para o interior.

Olhei o renque de palmeiras, os tinhorões, a garça de bronze, o banco... Voltei as costas.

— Mas um suicidio, homem! exclamou Isidoro.

E Nazareth, erguendo a voz:

— Tanto faz morrer assim como assado. Tudo é morrer. Crucificado ou de prisão de ventre, em combate glorioso ou na forca — o resultado é o mesmo.

Interrompeu-se: o Dr. Liberato chegava, ainda com as mangas arregaçadas, enxugando as mãos. Levantaram-se todos:

— Então?

O doutor não parecia contente.

— Onde foi o tiro? começou padre Athanasio.

— O percurso... ia dizendo o Dr. Liberato.

Mas Isidoro atalhou:

— Não é isso, o percurso é difficil. Queremos saber se a bala foi ao coração.

— Que disparate! replicou o outro. Se o homem está vivo! Attingiu um pulmão, é lá que ella deve alojarse.

— Ah! o senhor não extrahiu? perguntou Nazareth.

— Extrahir o que? Os senhores pensam que é só metter o ferro ali dentro e ir arrancando á vontade! Vá mexer naquillo! Está lá guardada.

— No pulmão? fez Isidoro com allivio. Então póde ser que se salve. O Poincaré tambem tem uma bala no pulmão.

— Quem é o Poincaré? disse o vigario.

— Ficou mais calmo, accrescentou o Dr. Liberato. Se não sobrevierem complicações...

— Quem é o Poincaré? tornou a perguntar o reverendo.

— O Poincaré, padre Athanasio, explicou Isidoro. Um grande homem. O senhor não conhece? Um que foi presidente da republica na França... ou na Inglaterra, não estou bem certo. Tem uma bala no peito, eu li num jornal. O Poincaré... ou o Clemenceau, um dos dois.

Clementina chegou-se como uma sombra :

— Elle quer falar com o senhor.

— Commigo, D. Clementina? Quem? exclamei.

— Seu Adrião. Venha depressa.

— Mau! fez o Dr. Liberato com arrebatamento. Digam que não está.

— Mas elle quer, insistiu Clementina. E nós dissemos que estava.

— Pinheiro, gemi ao ouvido de Isidoro, não posso, é terrivel! Não tenho coragem.

— Meia duzia de palavras quando muito, concedeu o medico. Um minuto, é só entrar e sair.

Isidoro acompanhou-me ao salão:

— Animo! Seja forte. O desejo dum moribundo... Vá. E tenha calma.

Entrei na alcova, cerrei a porta, acerquei-me da cama, tremendo.

— João Valerio, ciciou Adrião, é você? Sente-se aqui perto, dê-me a sua mão.

Sentei-me ao pé delle, tomei-lhe os dedos frios.

— Está ahi? está ouvindo? Não vejo nada.

— Estou ouvindo.

E curvei-me, quasi lhe cheguei a orelha á boca para perceber-lhe a voz indistincta.

— E' uma despedida, meu filho. Preciso pedir-lhe desculpa. Separámo-nos zangados. Aperte-me a mão, Valerio.

Já lh'a havia apertado.

— Já? Não senti, não sinto nada do cotovello para baixo.

Calou-se, julguei que elle estivesse morrendo, quiz levantar-me para chamar o medico.

— Deixe lá, rapaz. Ainda não chegou a hora.

Tentei socegal-o com algumas trivialidades que me ocorreram.

— Isso não interessa, murmurou Adrião. E não te-

nho tempo para conversar muito. Ouça. A historia da carta foi tolice. Exaltei-me, perdi os estribos. Luiza está innocente, não é verdade?

— E' verdade.

— Acredito. E já agora, com um pé na cova, não devo ter ciumes. Não faça caso do que lhe disse hontem.

Diligencieii accommodal-o, mas temi que elle se maguasse.

— Isto passa logo, Valerio. De qualquer fórma estou bem. E não se afflija com a minha morte. Esta vida é uma peste. Havia de acabar assim. Adeus... Dê-me um abraço. Adeus... até o dia de juizo.

Abraçei-o, com o coração rasgado:

— Até a semana vindoura, ou a outra quando muito, que o senhor fica bom.

— Até lá em cima, se nos encontrarmos lá em cima. Padre Athanasio está ahi? e o Miranda, os amigos todos? Pois eu quero despedir-me delles.

Sahi. Ao atravessar o salão, encostei-me a uma parede, porque os moveis em torno começaram a girar. Isidoro, que me esperava á entrada da saleta, amparou-me. Apertei a cabeça com as mãos e entrei a soluçar desesperadamente. Eram uns soluços seccos, asperos, que me agitavam todo o corpo. Ao mesmo tempo sentia martelladas nas fontes, zumbiam-me os ouvidos.

Como uma criança, acompanhei Isidoro. E como uma criança, comecei a dar pancadas na testa com a mão fechada. Depois tive necessidade de afrouxar a gravata e o collarinho.

Lembréi-me do desejo de Adrião, quiz chamar os amigos da casa, mas não pude descerrar os queixos. Para desembaraçar-me da incumbencia, puxei o braço de padre Athanasio, que se desviou assustado. Fiz o mesmo com Isidoro e com o Miranda. Creio que elles me tomaram como doido. Mergulhei as mãos nos cabellos. Estaria realmente doido?

— Socegue, criatura, disse padre Athanasio. Todos nós sentimos muito. Mas enfim... a opinião da sciencia... Onde está o Victorino?

Recobrei a voz a custo.

— Despedida? fez o Dr. Liberato. Não. Elle já falou demais.

E a Clementina, que appareceu novamente:

— Tenha paciencia, D. Clementina. Doente é calado, na cama.

Clementina sumiu-se.

— O peor é que com esta confusão ainda não almocei, continuou o doutor. Estou moido. E morto de fome.

Chamou a Teixeira:

— O Xavier sahiu? Pois eu tambem vou sahir. Volto logo. E não deixe essa gente invadir o quarto, D. Josepha. Até já.

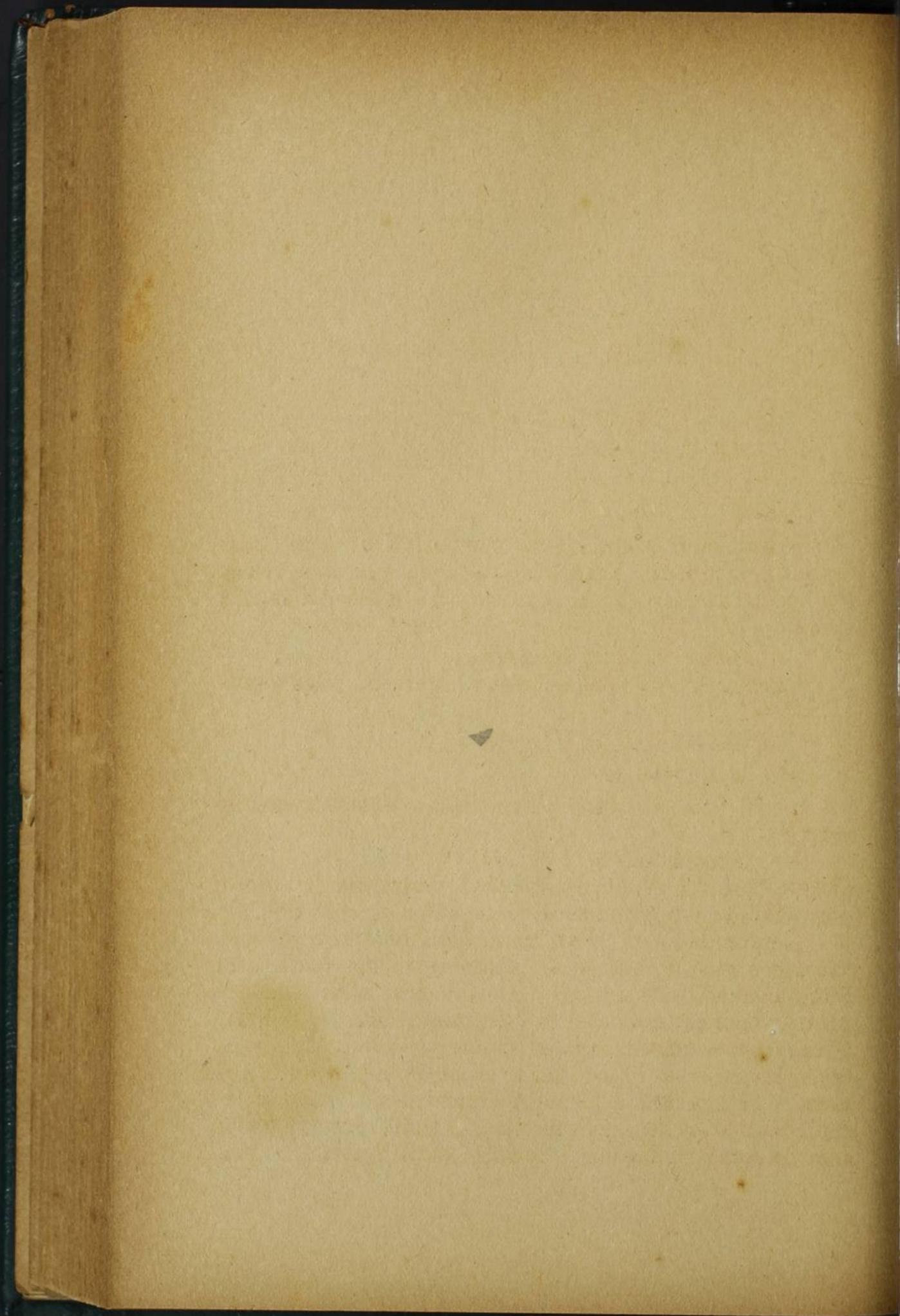
Quando me sentei á mesa, depois de ensaboar a cara e mudar a roupa, o Dr. Liberato dava pormenores inuteis.

Que entendo eu de alveolos? que me importava a pleura? O que eu queria era saber se Adrião morria ou escapava.

Repelli o prato, levantei-me.

— O senhor não almoça? perguntou D. Maria José. Porque? Ainda hoje não comeu, está em jejum natural. Venha almoçar.

— Não senhora. Vou tomar um banho.



X X V I I I

Passados oito dias, Adrião morreu. Morreu pela madrugada, enquanto Nazareth estava no quarto a velar. Eu bocejava, derreado na poltrona de padre Athanasio, quando o tabellião me tocou de leve no hombro:

— Afinal o homem descansou.

Ergui-me, sem comprehender. Percebi, vagamente, e bradei:

— Como?

Elle pediu silencio:

— E' bom não fazer espalhafato. Vamos avisar os outros.

E entrou na saleta.

— Que foi, Valerio? que foi? perguntou D. Josepha, sahindo repentinamente da sombra do corredor.

Depois daquela crise, na promiscuidade e na azafama dos dias de angustia, existia entre nós todos uma familiaridade extranhavel. Dormiamos quasi sempre juntos, homens e mulheres, sentados, como selvagens. Muitas necessidades sociaes tinham-se extinguido; mostravamos ás vezes impaciencia, irritação, aspereza de palavras; pela manhã as senhoras appareciam brancas, arrepiadas, de beiços amarellentos; á noite procuravamos com egoismo os melhores lugares para repousar. Em-

fim numa semana havíamos dado um salto de alguns mil annos para traz.

— Que foi, João Valerio? tornou a Teixeira.

— Não sei, respondi procurando esquivar-me. O Miranda disse ahi umas coisas, mas eu não entendi. E' melhor a senhora ir perguntar a elle.

Ella correu á alcova, voltou e abraçou-se commigo, soluçando.

— E' possível? exclamou Isidoro, que veio da saleta com Victorino. A esta hora! Não acredito. Só vendo.

Mas não foi ver, porque tem horror aos mortos. Tentei acalmar a Teixeira, que já me havia molhado o hombro de lagrimas.

— Vamos chamar Luiza, disse ella afastando-se rapida e recuperando a decisão costumada.

Brava rapariga! Nem parece filha de Victorino.

Encontrámos Luiza na sala de jantar, encostada á mesa, dormindo sobre um braço estirado. Martha ressonava, deitada num banco. Encolhida entre o guarda-louça e a parede, Clementina cochilava. Levantaram-se. E nem foi preciso que falassemos: pela minha perturbação, pelo rosto alterado da Teixeira, comprehenderam logo. No silencio só se percebia a voz de D. Engracia, que atormentava as criadas na cozinha.

Fazia uma semana que eu não falava com Luiza. No primeiro dia ella ficara para um canto, cheirando ether e bebendo flôr de laranja. Não a vi. Depois, naquella organização de acampamento barbaro, baixava a cabeça e estremezia quando a encontrava. Creio que ella tambem fugia de mim. Em consequencia as suspeitas haviam esmorecido. O arrufo que D. Josepha mostrara uma tarde, no passeio á Lagôa, desaparecera. Nazareth olhava-me ás vezes com um modo extranho, franzia a testa e estirava o beigo. O suicidio de Adrião era explicado como effeito de longos padecimentos e emba-

raços commerciaes. “Uma nevrose”, dissera o Dr. Liberato. E esta phrase curta, que poucos entenderam, teve grande utilidade.

— Então? perguntou Luiza.

Como continuassemos calados, tombou na cadeira e começou a chorar. Martha Varejão acercou-se della, tremendo. Clementina foi até a porta do corredor, recuou com medo de D. Engracia, que passava, e gaguejou:

— Póde ser que escape. Já se tem visto. O Neves tratou dum homem que fez o mesmo... Ás vezes é uma syncope.

Tinha os olhos molhados.

Constrangido entre aquellas duas especies de dôr, voltei para o salão, onde D. Engracia arengava:

— Mas o senhor deixou o homem morrer sem vela, seu Miranda?

— E' verdade.

— E para que estava o senhor no quarto? Bonito enfermeiro! Era melhor que tivesse ficado em casa: passavamos sem o seu auxilio. A vela benta prompta, ha uma semana!

— Deixe lá, replicava Nazareth sem se alterar. Morreu bem sem isso.

Victorino, na alcova, sacudia o irmão, tentando ainda reanimal-o. Exgottado por oito dias de sobresaltos e insomnia forçada, eu andava ás tontas. Não retinha nada no espirito, e aquelle desenlace surgia-me como uma scena indistincta entre as nevoas dum sonho ruim.

Havia claridade na sala. Abri uma janella, olhei o sol que nascia, num desperdicio de tintas derramadas pelos montes. Voltei as costas com indifferença.

— E' necessario tratar desses arranjos, disse Isidoro. O Victorino não póde. Quer encarregar-se, Miranda? Não?

Hesitou um instante.

— Pois vou eu. Vamos nós, João Valerio.

Descemos. No portão encontrámos o Dr. Liberato.

— Que aborrecimento! exclamou. Quando já ia parecendo fóra de perigo!

Seguimos em direcção ao Quadro.

— Como é que se faz isso? perguntou Isidoro. Eu de funeraes não entendo.

— Nem eu.

— Diabo! Naturalmente é preciso encommendar um caixão. E sepultura. Que trapalhada! Afinal foi bom termos vindo: sempre é melhor do que estarmos no meio daquella choradeira. Adeus. Vou accordar padre Athanasio. Elle me ensina.

Afastou-se. E, como eu quizesse acompanhá-lo:

— Não senhor. Enterro é coisa seria.

Entrei em casa, estive deitado meia hora. Pareceu-me ouvir a respiração gorgolejada, as pragas, os gemidos de Adrião. E vi debaixo das cobertas a figura de Luiza, muito modificada. Avaliei que ella devia ter perdido de tres para cinco kilos. Pallida, com os cabellos em desalinho, uma ruga na testa...

Alveolos pulmonares, era assim que o Dr. Liberato dizia. Para o inferno!

Levantei-me, peguei na toalha e dirigi-me ao banheiro. De volta, encontrei D. Maria José dando milho ao canario.

— O senhor hoje madrugou, hein? extranhou com um sorriso. Como vai o doente?

— Morreu.

E, para arrefecer-lhe a curiosidade:

— Finou-se, é com Deus, descansou, foi-se embora. E eu quero que a senhora me dê um pouco de cognac.

— A esta hora? Tome antes uma chicara de café.

— Não senhora. Preciso dormir, e não posso dormir. Traga o cognac.

Ella trouxe a garrafa, de mau humor. Tinha acon-

selhado, mas cada qual era senhor do seu nariz. Metteu rodeios e falou de novo na morte de Adrião. Ouvi distraído, bebi o cognac, tranquei-me no quarto e adormeci profundamente.

Despertei cerca de meio dia, ás pancadas repetidas que o italiano dava na porta. Ergui-me sobresaltado, quasi com vergonha: gente de commercio sempre se apoquenta quando accorda tarde. Depois tranquillizei-me: o escriptorio não se abria. Vesti-me devagar, novamente atormentado com a lembrança daquella outra Luiza desleixada e de olhos queimados pelas lagrimas.

— Você estava bebendo? perguntou-me o italiano quando entrei na sala de jantar. Quasi derrubo a porta. Que somno! Naturalmente foi a carraspana que tomou pela manhã.

D. Maria José espinhou-se. Invencionice! Contara apenas que eu tinha bebido um calice de cognac, e o Paschoal não fazia bem em continuar com aquellas brincadeiras.

O Dr. Liberato falou em Adrião. Organismo estragado... Era possivel que elle não tivesse morrido em consequencia do tiro.

— E de que morreu? inquiriu Paschoal. Ora essa! Todo o mundo está vendo.

— De males antigos, explicou o medico. Uma criatura combalida, todos os mezes na cama...

Alludiu ás regiões que a bala havia tocado, e isto bastou para que o outro se retrahisse.

Mastiguei quatro bocados amargos e voltei o rosto, enojado. Ia beber o ultimo gole de café quando notei a ausencia de Isidoro.

E o Pinheiro? informei-me. Onde andava o Pinheiro? Ninguem sabia do Pinheiro. O italiano vira-o pela manhã na loja do Mendonça, depois na botica do Neves, á procura de incenso, e por fim a conferenciar com Jau marceneiro, defronte do cinema.

D. Maria José referiu que o sineiro tinha vindo á hospedaria, pedir desculpas: não podia dobrar os sinos por um suicida.

— E é pena! Um homem tão religioso enterrar-se como pagão!

— Interessante! disse o Dr. Liberato rindo. Ignorava isso. Vai para lá agora, João Valerio?

— Muito cedo. A que hora é o enterro?

— Ás quatro, parece.

Quando entrámos no casarão, tudo lá estava transformado. Ao desconcerto da longa semana tinha succedido uma ordem apparente e falhada, que devia durar um dia. Por todo o canto haviam passado as mãos habéis e diligentes de Martha, recompondo, augmentando, eliminando.

No centro do salão, sobre duas mesas juntas, vestidas de preto, descansava o caixão funerario, entre cirios accesos. Dos angulos pendiam corôas de flôres naturaes, com fitas roxas. Nas paredes os quadros desappareciam, disfarçados por grandes manchas negras. Uma colcha escura cobria o piano, e as almofadas tinham mascaras de lucto. As cortinas, baças, permaneciam. Os tapetes tambem. Faltava um, vermelho, e no lugar delle avultava outro, enorme e tenebroso. Da alcova, atravez da porta meio aberta, voava um fio de incenso. E havia um cheiro enjoativo. A disposição dos moveis fôra alterada.

Nas cadeiras, em redor do feretro, padre Athanasio, Evaristo Barroca, Nazareth, Cesario Mendonça, o administrador e o Dr. Castro conversavam quasi em silencio. Com um papel na perna, Victorino tentava redigir um telegramma. Senhoras iam e vinham: D. Engracia, D. Eulalia Mendonça, a Teixeira velha, Martha Varejão, D. Josepha. Na saleta de espera Clementina arranjava numa cesta de laços pretos cartas e cartões de pesames, ainda com os enveloppes intactos. Ao pé da

janella aberta sobre o jardim Mendonça filho fumava, ás escondidas. Fez-me um aceno e cochichou:

— Quando é isso? O senhor sabe?

Puxou o relógio:

— O convite que recebi marcava para quatro horas. Passam quinze minutos. Se esta maçada continuar, dou o fóra.

Atirou pela janella a ponta do cigarro:

— E aquelle negocio? Eu falei com o velho. O senhor não appareceu...

— Não pude apparecer. E agora não contem comigo...

— Foi o senhor que se offereceu. Veio espontaneamente, é bom lembrar.

— De accôrdo, mas não esperava isto.

Vi Nicolau Varejão lá em baixo, de roupa verde, chapéo branco, sapatos amarellos. Ia convidal-o a subir quando Isidoro entrou no jardim:

— Por aqui, seu Varejão? Como vai a bizzarria? Chegue cá para cima. O senhor ahi derrete as banhas.

Nicolau Varejão tirou o chapéo, abanou-se, disse que gostava do calor. Coitado! Ficava ali, ao sol, com medo da filha.

— Então volta a palavra atraz? inquiriu Mendonça filho. Fica o dito por não dito...

— Naturalmente, respondi dando-lhe as costas. Fica o dito por não dito.

E fui ao encontro de Isidoro:

— Você almoçou, Pinheiro?

— Não, comi um pão com sardinha no Bacurau.

Ensopou o lenço no suor que lhe corria pelo rosto, diligenciou aprumar o collarinho empapado:

— Afinal acabei a tarefa, e penso que não esqueci nada. Você viu as cartas de convite que mandei imprimir? Não tive tempo de escrever, a redacção é de padre Athanasio. Primorosa! Encontrei na typographia um

cliché bonito e mandei collocal-o no frontispício — um anjo com as azas abertas em cima dum tumulto. Esplendido!

Fortunato Mesquita chegava com o doutor juiz de direito, Xavier pae, Xavier filho e o Monteiro agiota.

Nazareth aproximou-se de mim:

— Por quem esperamos? Temos gente de sobra.

Realmente no salão havia pessoas em pé. Estavam lá os individuos que vão aos bailes da prefeitura, os que levam o pallio nas procissões e os que frequentam a *Semana* — commerciantes, empregados publicos, proprietarios ruraes dos sitios proximos. Na calçada do armazem fronteiro estacionavam sujeitos que não tinham querido entrar, por timidez. Quasi todos deviam favores aos Teixeira: Silverio do bilhar, o sapateiro protegido de Luiza, o sargento, Bacurau, que ás vezes auxiliamos em pagamentos de pequenos saques.

— Que diabo estamos fazendo? perguntou novamente o tabellião. São quasi cinco horas. Que é que falta?

— A musica, disse Clementina, que ainda arrumava os cartões na cesta. Elle era presidente da Santa Cecilia.

— Sem saber musica! rosnou o Miranda.

E encolheu os hombros: detestava formalidades.

— Se é só o que falta, podemos sahir, interveio Mendonça filho. A philarmonica está no portão.

— Uff! soprou Nazareth. Que trabalho, depois de morto! Peor que um parto.

E levou o Barroca para junto do caixão, segurou com elle as alças da cabeceira. Cesario Mendonça e o administrador pegaram as do meio. Xavier filho chamou-me para as ultimas, mas Isidoro tomou o meu lugar.

Victorino prorompeu em soluços. Houve uma agitação no corredor.

Os seis homens atravessaram o salão e a antecâmara, desceram a escada.

— Não vem, padre Athanasio?

— Não, vou consolar esta gente.

Na calçada formou-se o cortejo, uma espantosa marcha funebre soou. Deixámos a rua dos Italianos e seguimos em direcção á pracinha. Defronte da usina electrica, curiosos levantaram-se, tiraram o chapéo.

Isidoro soltou a alça do caixão, que entregou ao Monteiro, deu-me o braço e foi-se retardando até ficarmos na cauda do prestito, junto a Zacharias, que chorava, carregado de corôas.

Passámos o açude, as casinholas que se encostam ao morro do Sovaco, acercámo-nos do cemiterio. Os conductores, fatigados, revezavam-se a cada instante.

Isidoro conservou-se a distancia, e ao pé dos muros sujos, das grades de ferro, simulou um horror exaggerado á mansão derradeira, como disse, muito serio, accendendo um cigarro.

— Safa! exclamou. Ainda hoje não fumei.

Ajuntou:

— Está dado o grande passo. Com decencia. Creio que lhe fizemos um enterro conveniente.

Apontou, atravez das grades, pequeninas cruces de pau que apodreciam, velhos sepulcros meio desmantelados, tumulos vistosos, a capellinha em ruina ao fundo:

— Isto não nos interessa. Já cumprimos o nosso dever de amigos e de christãos.

Voltámos. Outros voltavam tambem, em grupos, desforrando-se do recolhimento em que tinham vindo.

— Então acabou tudo hoje, hein Pinheiro?

E esperei uma confirmação, porque achava extraordinario que Adrião tivesse *realmente* morrido naquele dia. Havia-me habituado a julgal-o morto desde a semana anterior, cem vezes tinha visto mentalmente o rosario de scenas funebres: a familia em pranto, roupas

de lucto, padre Athanasio embrulhando consolações, a vela benta de D. Engracia.

— Preciso escrever uma noticia, uma noticia comprida, disse Isidoro. E não é só a noticia: o que eu devo fazer é um artigo sobre o Adrião, para domingo, na primeira pagina.

— Sim senhor! exclamou Nicolau Varejão aproximando-se. Foi-se para a eternidade um cavalheiro muito...

Procurou um adjectivo e embutiu:

— Muito importante. Sempre lhes vou contar um caso.

Improvisou uma historia para realçar a importancia do finado. Não lhe dei ouvidos.

Dominava-me aquella idéa absurda. Pareceu-me que Adrião iria morrer continuamente. D. Josepha me chamaria sempre para despertar Luiza, Clementina e Martha, e eu chegaria á varanda todas as manhãs para ver o sol nascer, e sentiria eternamente aquelle horrivel cheiro de incenso que me estava preso ás narinas.

Recuei vendo o Miranda, encostei-me á balaustrada do agude, temi que elle me viesse communicar pela segunda vez a morte de Adrião.

— Felicitemo-nos, disse Nazareth encostando-se tambem. Vamos socegar. Se o nosso amigo teimasse em viver mais algum tempo, eu ia com elle. Não podia aguentar aquillo.

Debruçou-se, ficou a olhar a muralha verde escura:

— Oito dias sem dormir, mal comido, mal bebido! Isto desmantela um homem. Devo estar com tudo por dentro espatifado. Como vai o espiritismo, Varejão?

Nicolau Varejão confessou que tinha abandonado o espiritismo e agora pendia para os protestantes.

— Diabo! rosnou o tabellião. Você fez isso com o Allan Kardec? Você não é camarada.

E voltou-se para Isidoro:

— O que eu sinto é ter perdido um bom parceiro de xadrez.

— Não fale assim, replicou Isidoro. O Adrião tinha optimas qualidades.

— Devia ter muitas. Eu conheci uma: jogava xadrez. Para mim é uma qualidade excellente. E' por isso que tenho pena d'elle.

Calou-se. E subitamente, endireitando-se, esfregando as mãos:

— Estava aqui pensando na conta que o Dr. Liberato vai mandar á viuva.

Estremeci: Luiza era viuva. Nazareth fechou um olho, calculou:

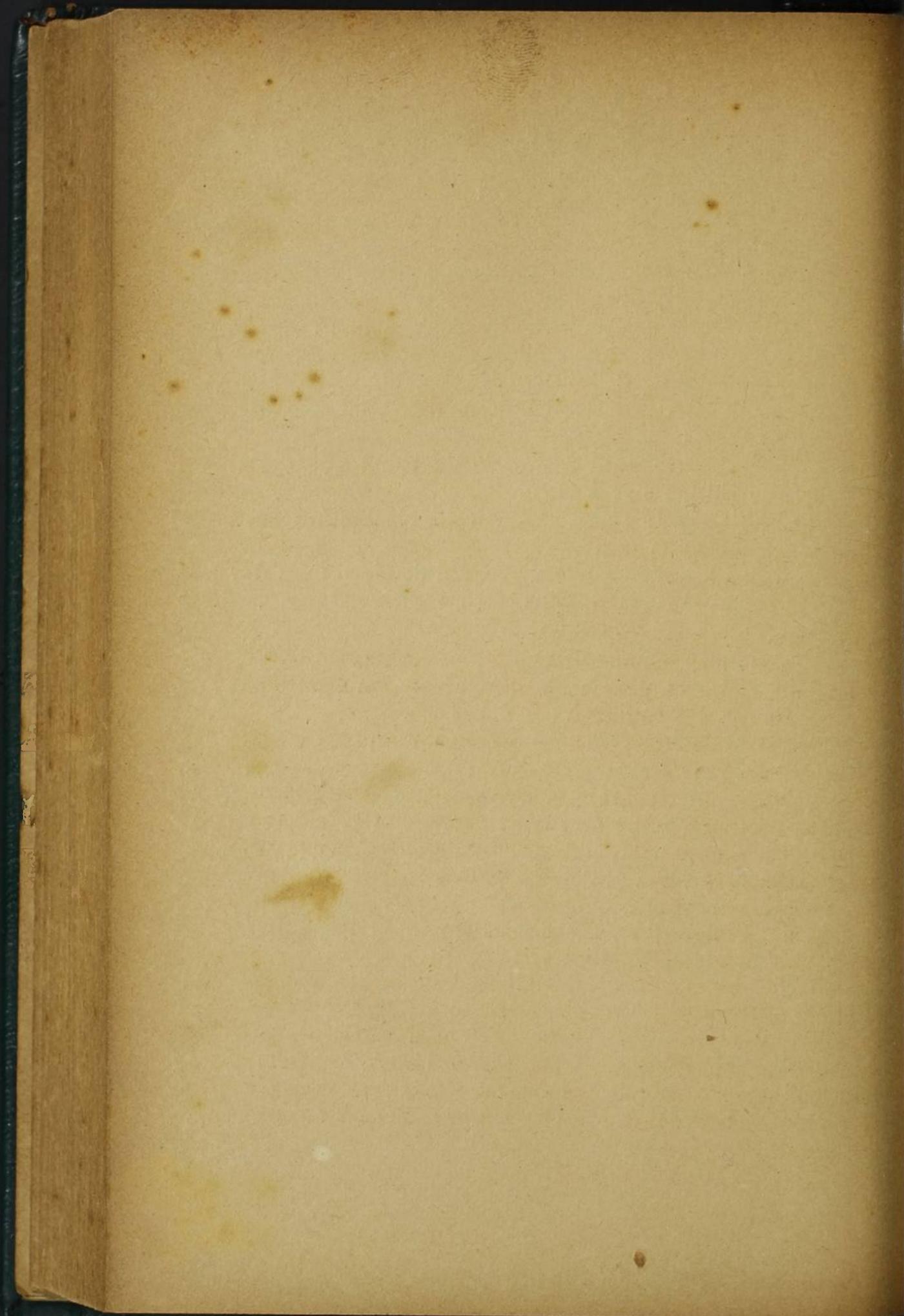
— Dinheiro como o diabo, ahi de cinco para dez contos, além do que o Adrião já rendeu. Esses medicos têm uma sorte damnada.

Isidoro indignou-se:

— Como pôde você occupar-se com isso, agora, de volta do cemiterio? Você é um monstro.

Nazareth sorriu:

— Eu? Está enganado. Que é um monstro? Uma criatura differente das outras da sua especie, não é? Pois eu sou como os outros homens. Um pouco melhor do que uns, um pouco peor do que outros... Vulgar. Monstro é você, Pinheiro. Você é sujeito exquisito, uma especie de santo. Apesar de todos os seus defeitos, devia ter deixado para nascer d'aqui a dez mil annos. Você é monstruosamente bom, Pinheiro.



X X I X

Passaram-se dois mezes. Uma noite, á entrada do Pinga-Fogo, Isidoro parou junto a um poste da luz electrica e atacou-me:

— Em que fica essa historia?

— Que historia, Pinheiro?

— Essa embrulhada. Lembra-se da conversa que tivemos uma tarde na pharmacia do Neves? Bulimos com o pobre do Adrião, coitado.

Tossiu, andou dez metros e estacou defronte da igreja de S. Pedro:

— Está visto que sinto a morte d'elle. Naturalmente. Era um character adamantino. Mas emfim — que diabo! — não póde resuscitar. *Parce sepultis!* como diz padre Athanasio. E está o seu caso resolvido.

Baixei a cabeça:

— Eu, Pinheiro, se não me engano... Convem proceder com ponderação. Reflecti...

— Não ha ponderação, atalhou Isidoro. O que ha é que você deve casar com a moça, esta é que é a ponderação. Não sei o que houve entre os dois. Provavelmente não houve nada... Ou talvez tenha havido... Isso é lá segredo seu. O que é certo é que rosnaram por ahi, você andava doido por ella e o Adrião deu o couro ás varas.

— Mas deixaram de falar, retorqui apressado. Você ouviu alguma coisa, Pinheiro? Que diz esse povo?

— Que povo! Quem se importa com o povo? A sua obrigação... Não se faça desentendido. E um homem honrado... Você está hoje de uma estupidez espantosa, Valerio.

Nos Italianos, apontou o casarão:

— E onde se encontra mulher como aquella? Procure, veja, compare. Eu, se fosse mais moço, dedicava-lhe um poema.

Muitas vezes me ocorrera o que Isidoro acabava de suggerir-me. Indecisão.

Dois mezes sem ver Luiza. A' noite distrahia-me a repetir a mim mesmo que ainda a amava e havia de ser feliz com ella. Hypocrisia: todos os meus desejos tinham murchado. Tentei renoval-os, recompuz mentalmente os primeiros encontros, na ausencia de Adrião, entrevistas a furto no jardim, a tarde que passámos no Tanque, sob arvores. Mas apenas consegui recordar com viveza um raio de sol que atravessava a ramagem e vinha arrastar-se sobre a pedra coberta de musgo, a garça displicente, um signal escuro que Luiza tem abaixo do seio esquerdo. Lembrei-me tambem de me haver ella uma vez plantado os dentes no pescoço. Ao cabo de algumas horas a parte mordida estava vermelha e necessitando o disfarce duma rodella de panno. Depois a mancha se havia tornado gradualmente esverdeada, amarellada, e afinal desaparecera.

Naquelle tempo eu vivia no céu.

— Que céu! Como se vai morder uma pessoa, brutalmente?

E achei que não fazer caso da opinião dos outros é censuravel.

— Imprudente! disse commigo.

Alterando a palavra, corrigi com severidade:

— Impudente!

Entretanto Isidoro pensava que eu devia casar com ella. E eu penso sempre como Isidoro.

— Você tem razão, Pinheiro. E' preciso tratar disso, declarei mais tarde na hospedaria. Vou lá.

— Agora? Vai falar casamento com a mulher assim de supetão, e de noite?

— Não. E' só uma visita, por emquanto.

Fui. E ao chegar já me arrependia de ter dado aquelle passo difficil. Zacharias trouxe-me a noticia de que a senhora estava adoentada.

— Diabo! murmurei retirando-me entre despeitado e contente. Isto por aqui tambem mudou.

No dia seguinte pela manhã voltei:

— A senhora póde receber, Zacharias?

— Está tomando banho, respondeu o preto do alto da escada. E' melhor o senhor vir depois.

Muito bem. Eu ia tornar-me inoportuno, não a deixaria tão cedo, e a responsabilidade do rompimento ficava para ella. Fui ao casarão oito dias a fio. Antes do trabalho, accendia um cigarro, chegava lá, apressado:

— A senhora já sahiu do banheiro, Zacharias?

E ia para o escriptorio.

— Julgo que tenho procedido com cavalheirismo, entrei a matutar uma noite. Amanhã, ponto final nisto. Com certeza ella imagina que vivo doido por encontral-a.

Quando, no outro dia, penetrei no jardim, fazia a promessa de nunca mais pôr ali os pés.

— A sinhá mandou pedir que esperasse um momento.

Não entendi.

— Como foi que você disse, Zacharias?

— Lá em cima, fez elle mostrando os dentes alvos. Subi, desconsolado.

Receber-me! E eu que me tinha habituado a ouvir recusar!

Zacharias abriu o salão. Tudo transformado: o piano coberto, outras cortinas, uma tristeza que dava frio.

Sentia-me obtuso. Nem sabia como tratar Luiza. Fulana ou D. Fulana? Complicação. Talvez ella se melindrasse com um tratamento familiar. Mas atirar-lhe dona, cara a cara, sem testemunha, era tolice. Dificuldade.

Ia em plena atrapalhação quando Luiza entrou. Estava de preto e muito pallida, foi só o que vi.

Com a cabeça baixa, accitei a cadeira que ella me indicou e fiquei a olhar a mancha deixada pela sola do meu sapato numa almofada que desazadamente pisei. Sem me dar a mão, Luiza sentou-se. Creio que tambem se conservou cabisbaixa. Houve um silencio estúpido.

— Vim aqui... arrisquei.

— Vem aqui sempre, atalhou ella. Não tenho querido recebê-lo...

Emendou:

— Não tenho podido. E' a verdade: não posso.

Mordi os beiços. E, para acabar depressa:

— O que eu queria era declarar que me considero obrigado... moralmente obrigado...

Ella estremeceu, encarou-me:

— Obrigado a que, João Valerio? A casar comigo?

— A acolher qualquer resolução sua, respondi timidamente. Suppoz... comprehende? Não sei... Todos os dias me preparava para vir.

— E vem depois de dois mezes, João Valerio?

— Que havia de fazer? Um golpe, um abalo tão grande... E tive acanhamento. E' natural. Se foi por isso que me fechou a porta uma semana...

— Não, disse ella erguendo-se. Não precisa justificar-se.

E, approximando-se, falando-me quasi ao ouvido:

— E' que desapareceu tudo.

— Tem certeza? perguntei levantando-me.

E percebi logo que a pergunta era idiota.

— Eu estava com algum escrupulo, continuou Luiza. Talvez o Valerio ainda fosse o mesmo... Estou agora tranquilla. Nenhum de nós sente nada, e o Valerio finge tristeza... Para que mentir?

— Faz pena! murmurei commovido.

Pareceu-me ouvir a voz mortiga de Adrião: "Não se preocupe com a minha morte, rapaz. Havia de fazer o que fiz, estava escripto."

— Horrivel!

E tentei adornar Luiza com os attributos de que a tinha despojado.

— Para que? reflecti. E' melhor assim.

Eu agora era para ella um pequenino João Valerio, guarda-livros mesquinho.

— Adeus! balbuciou Luiza com uma lagrima na palpebra.

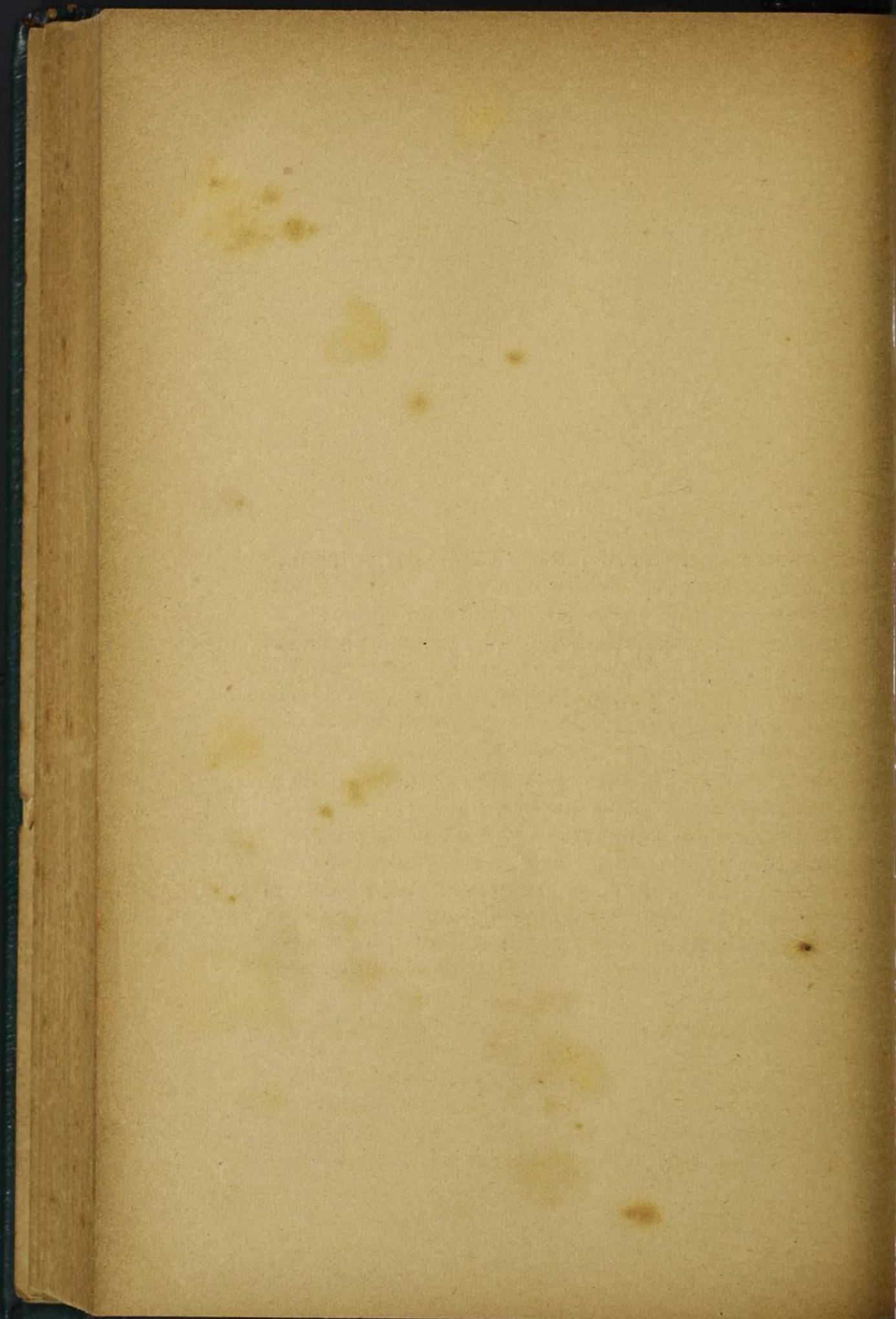
— Adeus! gemi.

Apertei-lhe a mão, fria, mas os dedos della permaneceram inertes sob a pressão dos meus. Quiz beijal-os

— faltou-me o animo.

— Adeus!

Fui até a porta da saleta, voltei-me ainda uma vez. Luiza soluçava, cahida para cima do piano. Vacillei um instante e depois sahi.



X X X

Decorreram mais tres mezes. Passei a socio da casa, que Victorino não póde dirigit-a só; Luiza é hoje commanditaria; a razão social não foi alterada.

Abandonei definitivamente os cahetés: um negociante não se deve metter em coisas de arte. Ás vezes desenterro-os da gaveta, revejo pedaços da ocara, a manança dos portuguezes, o morubixaba de enduape (ou kanitar) na cabeça, os destroços do galeão de D. Pero. Vem-me de longe em longe o desejo de retomar aquillo, mas contenho-me. E perco o habito.

Vou quasi todas as noites á redacção da *Semana*. Não para escrever, é claro, julgo inconveniente escrever. Limito-me a dar, quando é necessario, algum conselho ao Pinheiro. Ha uns verbos que elle estraga, uns pronomes que atrapalha. Escorregaduras sem importancia: na *Semana* de qualquer maneira que estejam estão bem.

E ouço com attenção e respeito as cavaqueiras de Nazareth com o Dr. Liberato. Quando têm pouco fundo e posso nellas tomar pé, agrada-me escutal-os, rio interiormente, na illusão de que não sou ignorante de todo. Depois elles afastam-se, mergulham, somem-se, e eu fico desalentado, olhando tristemente padre Atha-

nasio, que procura seguil-os, e o optimo Isidoro, que permanece junto a mim.

Todos os dias, das oito da manhã ás cinco da tarde, trabalho no escriptorio, e trabalho com vigor. Temos occupação: precisamos inspirar confiança á freguezia e socegar os fornecedores, mostrar-lhes que podemos gerir o estabelecimento na falta do chefe que desappareceu.

Continuo na pensão de D. Maria José, mas aos domingos janto com Victorino. Quasi sempre vai Isidoro. A Teixeira, excellente dona de casa, traz aquillo muito bonito. Ha no salão duas paizagens a oleo. Os moveis da sala de jantar foram substituidos por outros, onde porcellanas e crystaes novos brilham. Uma habitação confortavel.

Quando chegamos, fazemos uma visita rapida a D. Mariana, que lá está na cama, paralytica, soletrando a correspondencia do padre Cicero. O aposento della antigamente era um buraco de ratos; hoje é um lugar cheio de ar e luz, com as janellas abertas sobre canteiros do jardim, as paredes forradas de santos.

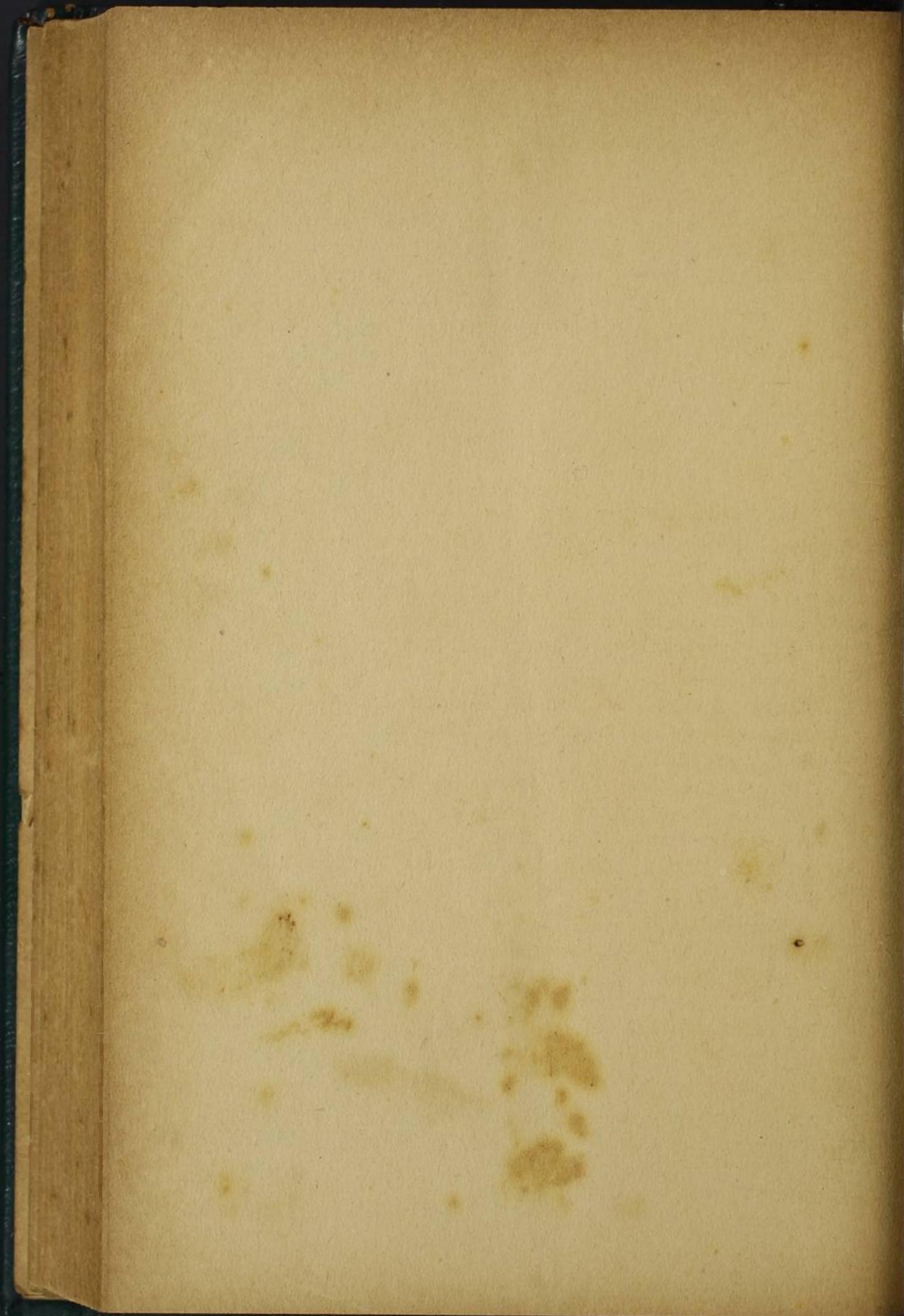
Depois do jantar, ficamos á mesa, fumando, tomando café, conversando. A' noite, na sala, a Teixeira toca, Isidoro recita, Victorino cochila — serões bem agradaveis.

E se temos a Clementina, são aquellas canções ingenuas que ella diz com um fio de voz muito suave, que nos faz bem á alma e nos enche de piedade e ternura.

Gosto da Teixeira. Tem uma linda perna, uns lindos olhos, varias habilidades, e é alegre como um passarinho. No silencio do meu quarto, penso ás vezes que a vida com ella seria doce. E digo a mim mesmo que ainda podemos ter quatro filhos vermelhos, fortes e louros. Parece-me que vou casar com a Teixeira.

A lembrança da morte de Adrião pouco a pouco se

desvaneceu no meu espirito. Afinal não me devo affligir por uma coisa que não pude evitar. A minha culpa realmente não é grande, pois estão vivos numerosos homens que certas infidelidades molesta. E sou incapaz de soffrer por muito tempo. O Dr. Liberato falou em nevrose, e eu não tenho razão para pretender saber mais que o Dr. Liberato. Repito isto a mim mesmo para justificar-me.



X X X I

Uma tarde, girando por estas ruas, parei na beira do açude, lembrei-me da estrella vermelha e da noite em que Luiza me repelliu. Afastei-me lento, subi pelos Italianos. O casarão estava fechado agora, e as grades do jardim eram um muro verde de trepadeiras. O pequenino lago, os tinhorões, a garça de bronze, tudo invisível. Como aquillo ia longe!

Entrei a vagar pela cidade, machinalmente, levado por uma onda de recordações. A' boca da noite achava-me na calçada da igreja.

Da paizagem admiravel apenas se divisavam massas confusas de serras cobertas de sombras.

A estrella vermelha brilhava á esquerda. Pareceu-me pequena, como as outras, uma estrella commum. Commum, como as outras. E estive um dia muito tempo a contemplal-a com respeito supersticioso, contando-lhe cá de baixo os segredos do meu coração! E lamentei não ser selvagem para collocal-a entre os meus deuses e adoral-a!

O vento zumbia no fio telegraphico. A' porta do hospital de S. Vicente de Paulo gente discutia. A escuridão chegou.

Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tenue camada de verniz

por fóra? Quatrocentos annos de civilização, outras raças, outros costumes... E eu disse que não sabia o que se passava na alma dum caheté! Provavelmente o que se passa na minha, com algumas differenças. Um caheté de olhos azues, que fala portuguez ruim, sabe escripturação mercantil, lê jornaes, ouve missas... E' isto, um caheté. Estes desejos excessivos que desaparecem bruscamente... Esta inconstancia que me faz doidejar em torno de um soneto incompleto, um artigo que se esquivava, um romance que não posso acabar... O habito de vagabundear por aqui, por ali, por acolá, da pensão para o Bacurau, da *Semana* para a casa de Victorino, aos domingos pelos arrabaldes; e depois dias extensos de preguiça e tedio passados no quarto, aborrecimentos sem motivo que me atiram para a cama, embrutecido e pesado... Esta intelligencia confusa, prompta a receber sem exame o que lhe impingem... A timidez que me obriga a ficar cinco minutos diante de uma senhora, torcendo as mãos com angustia... Explosões subitas de dôr theatral, logo substituidas por uma indifferença completa... Admiração exaggerada ás coisas brilhantes, ao periodo sonoro, ás missangas literarias, o que me induz a pendurar no que escrevo adjetivos de enfeite, que depois risco...

A cidade extendia-se em baixo sob uma nevoa luminosa. O vento continuava a zumbir no arame. Fazia frio. Violões passaram gemendo.

Um caheté, sem duvida. O Pinheiro é um santo, e eu ás vezes me rio delle, dou razão a Nazareth, que é canalha. Guardo um odio feroz ao Neves, um odio irracional, e dissimulo, falo com elle: a falsidade do indio... E um dia me vingarei, se puder. Passo horas escutando as historias de Nicolau Varejão, chego a convencer-me de que são verdades, gosto de ouvil-as. Agradam-me os desregramentos da imaginação. Um caheté...

Para os lados do Chucuru, meia duzia de luzes indecisas, espalhadas. Aquillo ha pouco tempo era dos indios. Outras luzes na Lagôa, que foi uma taba. No Tanque, montes negros como pixe. Ali encontraram, em excavações, vasos de barro e pedras talhadas á feição de meia-lua. Negra tambem, a Cafurna, onde se arrastam, miseraveis, os remanescentes da tribu que lá existiu.

Que semelhanças não haverá entre mim e elles! Porque procurei os brutos de 1556 para personagens da novella que nunca pude acabar? Porque fui provocar o Dr. Castro sem motivo e fiz de um taco ivarapema para rachar-lhe a cabeça?

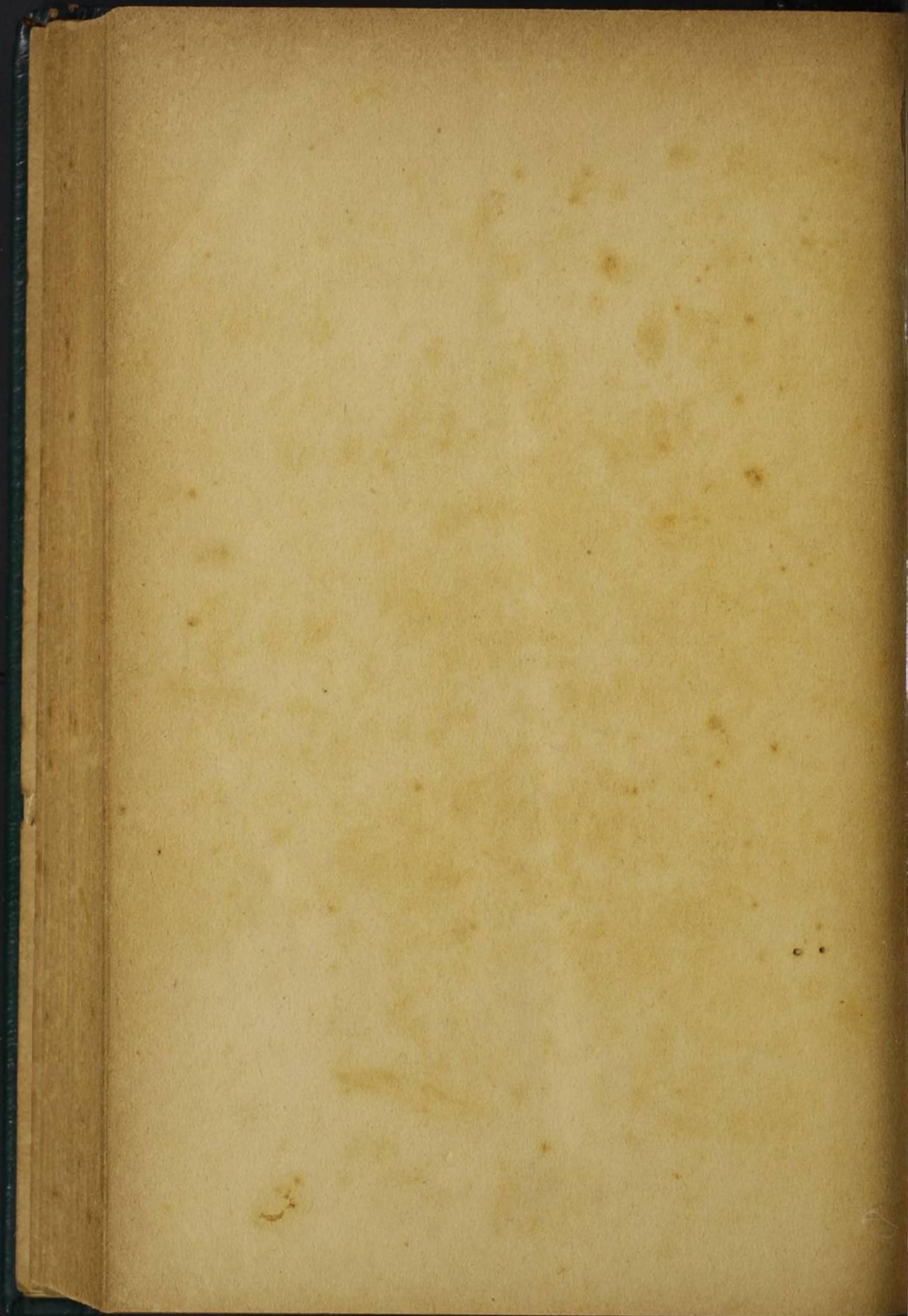
Um caheté... Com que facilidade esqueci a promessa feita ao Mendonça! E este habito de fumar immoderadamente, este desejo subito de embriagar-me quando experimento qualquer abalo, alegria ou tristeza!

Se Pedro Antonio, Balbino, pobres diabos que por ahi vivem, soubessem exprimir-se, quantos pontos de contacto!

Differenças tambem, é claro. Outras raças, outros costumes, quatrocentos annos... Mas no intimo, um caheté... Um caheté descrente.

Descrente? Engano. Não ha ninguem mais credulo do que eu. E esta exaltação, quasi veneração, com que ouço falar em artistas que não conheço, philosophos que não sei se existiram!

Atheu! Não é verdade. Tenho passado a vida a criar deuses que morrem logo, idolos que depois derubou — uma estrella no céu, algumas mulheres na terra...



Composto e impresso nas Off. Gr. do
O "LIVRO VERMELHO DOS TELE-
PHONES" — Rua Camerino, 89,
Telephone 4-1366

26363

